



VOLUME 20

MARLUCE MECHELLI DE SIQUEIRA
SANDRA CRISTINA PILLON (ORGS.)

Substâncias psicoativas na vida acadêmica:

Dilemas & Desafios





Esta obra foi selecionada para integrar a “Coleção Pesquisa Ufes”, a partir de Chamada Pública feita pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) aos programas de pós-graduação da universidade.

A seleção teve por base pareceres que consideraram critérios de inovação, relevância e impacto.

O financiamento da Coleção foi viabilizado por meio do Programa de Apoio à Pós-Graduação (Proap) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e de recursos do Tesouro Nacional.



**Universidade Federal
do Espírito Santo**



Editora Universitária – Edufes

Filiada à Associação Brasileira
das Editoras Universitárias (Abeu)

Av. Fernando Ferrari, 514
Campus de Goiabeiras
Vitória – ES · Brasil
CEP 29075-910

+55 (27) 4009-7852
edufes@ufes.br
www.edufes.ufes.br

Reitor

Paulo Sergio de Paula Vargas

Vice-reitor

Roney Pignaton da Silva

Chefe de Gabinete

Zenólia Christina Campos Figueiredo

Diretor da Edufes

Wilberth Salgueiro

Conselho Editorial

Carlos Roberto Vallim, Eliana Zandonade,
Eneida Maria Souza Mendonça, Fátima Maria
Silva, Graziela Baptista Vidaurre, Isabella Vilhena
Freire Martins, José André Lourenço, Marcos
Vogel, Margarete Schat Góes, Rogério Borges
de Oliveira, Sandra Soares Della Fonte, Sérgio da
Fonseca Amaral

Secretaria do Conselho Editorial

Douglas Salomão

Administrativo

Josias Bravim
Washington Romão dos Santos

Seção de Edição e Revisão de Textos

Fernanda Scopel, George Vianna,
Jussara Rodrigues, Roberta
Estefânia Soares

Seção de Design

Ana Elisa Poubel, Juliana Braga,
Samira Bolonha Gomes, Willi Piske Jr.

Seção de Livraria e Comercialização

Adriani Raimondi, Dominique Piazzarollo,
Marcos de Alarcão, Maria Augusta
Postinghel, Maria de Lourdes Zampier



Este trabalho atende às determinações do Repositório Institucional do Sistema Integrado de Bibliotecas da Ufes e está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>.



Diretora da MC&G Editorial

Maria Clara Costa

MC&G Secretária do Conselho Editorial

Helena Pires

Seção de Edição e Revisão de Textos

Carlos Otávio Flexa | Natalia Natalino |
Roberto Azul | Joyce Guimarães

Seção de Design

Glauco Coelho | Victória Sacagami

Conselho Editorial

Alexandra Santos Pinheiro | UFGD | Brasil
Angélica Ferrarez de Almeida | UERJ | Brasil
Antonio Liberac C. Simões Pires | UFRB | Brasil
Arlindo Nkadibuala | UniRovuma | Moçambique
Juan Miguel González Velasco | UMSA | Bolívia
Luciano Brito | UFRB | Brasil
Maria Alice Resende | UFRB | Brasil
Núria Lorenzo Ramírez | UB-GREC | Barcelona
Rosy de Oliveira | UFRB | Brasil
Thayse Figueira Guimaraes | UFGD | Brasil

Preparação de texto

Carlos Otávio Flexa

Projeto gráfico

Edufes

Diagramação e capa

Glauco Coelho

Revisão de texto

Roberto Azul
Natalia Natalino

Fotografia da capa por
Goashape obtida em
<https://unsplash.com/>.

Esta obra foi composta com
a família tipográfica Crimson Text.

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

S618 Substâncias psicoativas na vida acadêmica : dilemas & desafios /
[recurso eletrônico] orgs. Marluce Mechelli de Siqueira e
Sandra Cristiana Pillon. — Vitória : EDUFES ; Rio de Janeiro :
MC&G, 2022.
Dados eletrônicos (e-pub). — (Coleção Pesquisa UFES ; 20).

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-88077-00-9 [coleção]

ISBN: 978-65-88077-30-6

1. Psicotrópicos. 2. Universitários – Uso de substâncias. 3.
Abuso de substâncias – Etiologia. I. Siqueira, Marluce Mechelli de.
II. Pillon, Sandra Cristiana. III. Título. IV. Coleção.

CDD: 615.788

Biblioteca Priscila Pena Machado – CRB - 7/6971

MARLUCE MECHELLI DE SIQUEIRA
SANDRA CRISTINA PILLON (ORGS.)

Substâncias psicoativas na vida acadêmica:

Dilemas & Desafios



Vitória, 2022

“Não fumo, não bebo e não cheiro,
só minto um pouco.”

(Tim Maia, músico brasileiro)

Prefácio

Em primeiro lugar quero dizer que é para nós uma grande honra fazer o prefácio do livro *Substâncias Psicoativas na Vida Acadêmica: Dilemas e Desafio*, por dois diversos motivos essenciais.

Ao longo da história, o homem vem utilizando e desenvolvendo diversas Substâncias Psicoativas (SPAs) para variadas finalidades, como analgesia, alucinação, potencialização da memória e da concentração (VERSTER e VAN NIEKERK, 2012; MAIER *et al*, 2013). Comumente, o uso dessas substâncias é classificado de acordo com os contextos nos quais se inserem e pode ser: recreativo, que é caracterizado pelo uso de substâncias em circunstâncias sociais, com objetivos relaxantes ou em busca de prazer; laboral, que se caracteriza pela busca de alívio da carga de responsabilidade e tensões, além da melhora do desempenho no trabalho e/ou nos estudos; e/ou religioso, que visa alterar o estado de consciência, proporcionando uma melhor ligação com o sobrenatural e o divino (. BARBOSA. P. C. R.; DALGALARRONDO, 2003; BARROS e ORTEGA; 2011).

No entanto, atualmente, o uso de substâncias lícitas e ilícitas tem sido considerado um problema de saúde, uma vez que predis põe a acidentes, violência interpessoal, comportamentos de risco, distúrbios do sono e dependência física ou psicológica.(DUARTE e FORMIGONI, 2014). Além disso, o uso de SPAs tem gerado uma

grande preocupação mundial devido ao número de usuários existentes e ao seu impacto sobre os indivíduos e a sociedade. O que se tem percebido é que o consumo dessas substâncias está distribuído desde estratos mais pobres até os mais ricos, abrangendo jovens, adultos e idosos. Nesse contexto e considerando-se pesquisas nacionais realizadas em populações específicas, destaca-se, com um grau de importância, o uso de SPAs entre estudantes universitários (ANDRADE, DUARTE e OLIVEIRA, 2010).

O Brasil conta com mais de 7,5 milhões de estudantes universitários, distribuídos em, aproximadamente, 2.400 instituições (BRASIL, 2014).⁷ O uso de SPAs entre universitários brasileiros parece ser uma prática frequente, muito discutida pela mídia leiga e analisada por alguns estudos científicos. Em uma pesquisa realizada nas 27 capitais brasileiras, 49% dos 12.711 universitários participantes já haviam experimentado alguma droga ilícita pelo menos uma vez na vida (CESAR *et al*, 2013). Além disso, 22,8% (quase 12 milhões de pessoas) de toda a população brasileira, dos 12 aos 65 anos, já fez uso de SPAs – desconsiderando-se álcool e tabaco –, com a frequência de uso maior entre a população universitária quando comparada à população geral.⁸ Outro estudo realizado no Estado de São Paulo observou que a frequência de uso de substâncias lícitas e ilícitas pela classe universitária no Brasil é maior do que pela população geral brasileira entre 18 e 24 anos. A prevalência do uso de álcool, por exemplo, foi de 78,6% na população geral contra 89,3% entre universitários (ECKSCHMIDT, ANDRADE e OLIVEIRA, 2013).

Considerando-se a relevância do tema, o presente estudo visa analisar a produção científica brasileira acerca do uso das SPAs pelos universitários, em especial os capixabas.

A entrada na universidade configura um período de transição, crítico e de vulnerabilidade, sendo que muitos deles se distanciam da família de origem pela primeira vez, passam a residir e relacionar-se com outros estudantes, a ter maior autonomia, já que estão longe da supervisão de adultos responsáveis, tornando-os mais suscetíveis ao

uso de SPAs e suas consequências. O que justifica a necessidade de um maior conhecimento desse fenômeno.

Segundo Kerr-Corrêa *et al* (1999), a preocupação em detectar o uso e abuso destas substâncias, bem como as atitudes dos graduandos, baseia-se na presunção de que tal uso e atitudes poderão interferir tanto na probabilidade destes estudantes se tornarem dependentes e até mesmo interferindo em sua preparação profissional.

Segundo Balan e Campos (2006), a escolha da carreira universitária, geralmente, ocorre no auge da adolescência, sendo talvez esses momentos em suas vidas em que os indivíduos tendem a descobrir prazeres, sensações como poder, liberdade, segurança ou fuga. O uso de substância psicoativa pode surgir como uma espécie de “válvula de escape” para o enfrentamento de situações ou circunstâncias adversas que possam ocorrer nessa fase de suas vidas e socialização.

Este livro pretende promover uma reflexão aprofundada, de modo que o leitor tenha mais consciência da importância do tema SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS na educação e na saúde, possibilitando um eventual encontro entre “ideias e sentidos”.

Boa leitura!!!

*Prof. Dr. Ronaldo Laranjeira,
Prof.^a Dr.^a Dulce Aparecida Barbosa*

Referências

ANDRADE, A. G.; DUARTE, P. C. A. V.; OLIVEIRA, L. G. **I levantamento nacional sobre uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras** [Internet]. Brasília: SENAD; 2010.

BALAN, T. G.; CAMPOS, C. J. G. Padrão de consumo de bebidas alcoólicas entre graduandas de enfermagem de uma Universidade Estadual Paulista. **SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas** (Edição em português), v. 2, n. 2, p. 01-13, 2006.

BARBOSA. P. C. R.; DALGALARRONDO P. O uso ritual de um alucinógeno no contexto urbano: estados alterados de consciência e efeitos em curto prazo induzidos pela primeira experiência com a ayahuasca. **J Bras Psiquiatr.**, n. 52, p.181-90, 2003.

BARROS D.; ORTEGA F. Metilfenidato e aprimoramento cognitivo farmacológico: representações sociais de universitários. **Saúde Soc.**, v. 20, n. 2, p. 350-362, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Censo da educação superior 2014** [Internet]. Brasília; 2014.

CESAR, E. L. R.; WAGNER, G. A.; CASTALDELLI-MAIA, J. M.; SILVEIRA, C. M.; ANDRADE, A. G.; OLIVEIRA, L. G. Uso prescrito de cloridrato de metilfenidato e correlatos entre estudantes universitários brasileiros. **Rev Psiquiatr Clin.** v. 39, n. 6, p.183-188, 2012.

DUARTE, P. C. A. V.; FORMIGONI, M. L. O. S. **Efeitos de substâncias psicoativas:** módulo 2. 7.ed. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas; 2014. 144 p.

ECKSCHMIDT, F.; ANDRADE, A. G.; OLIVEIRA, L. G. Comparação do uso de drogas entre universitários brasileiros, norte-americanos e jovens da população geral brasileira. **J Bras Psiquiatr.** v. 62, n. 3, p.199-207, 2013.

KERR-CORRÊA, F. et al. Uso de álcool e drogas por estudantes de medicina da UNESP. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, 1999.

MAIER, L. J.; LIECHTI, M. E.; HERZIG, F.; SCHAUB, M. P. To dope or not to dope: neuroenhancement with prescription drugs and drugs of abuse among Swiss university students. **PLoS One.**, v. 8, n. 11, p. e77967, 2013.

VERSTER, G. C.; VAN NIEKERK, A. A. Moral perspectives on stimulant use by healthy students. **S Afr Med J.**,102(12):909-11, 2012.

Lista de quadros, tabela e fluxograma

QUADROS

Quadro 1: Classificação das drogas, segundo a ação no SNC.....	33
Quadro 2: Dimensões e elementos presentes na adaptação acadêmica.....	77
Quadro 3: Produções PUSPA (cursos pioneiros CCS-UFES). Vitória/ES, 2020 (1ª Etapa).....	123
Quadro 4: Produções PUSPA (cursos pioneiros CCS-UFES). Vitória/ES, 2020 (2ª Etapa).....	125
Quadro 5: Quadro sinótico com a distribuição dos artigos de acordo com autor/ano, título, periódico, amostra, delineamento, principais resultados e contribuição dos estudos sobre o uso nocivo de álcool entre universitários	140
Quadro 6: Produções PUSPA (outros cursos da UFES), Vitória/ES, 2020 (3ª Etapa).....	162

TABELA

Tabela 1: Uso na vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, de substâncias psicotrópicas, por sexo, entre universitários brasileiros: 2010	39
--	----

FLUXOGRAMA

Fluxograma 1: Rastreamento dos estudos na base de dados SCIELO, no período 2000-2017	139
--	-----

Sumário

Substâncias psicoativas: dilemas & desafios 17

Angélica Martins de Souza Gonçalves

Bruno Pereira da Silva

Marluce Mechelli de Siqueira

Sandra Cristina Pillon

Introdução 17

Considerações finais 22

Referências 23

Substâncias psicoativas: conceito, classificação e diagnóstico..... 29

Lucas Queiroz Subrinho

Marluce Mechelli de Siqueira

Sandra Cristina Pillon

Alessandra Diehl

Introdução 29

Conceitos..... 31

Classificações..... 32

Substâncias psicoativas e a evolução do consumo pessoal: um ritual? 34

Comportamentos: de proteção ou de risco?..... 35

Diagnóstico 39

Uso recreativo, uso em *binge*, uso nocivo,
abuso e dependência: qual a diferença? 41

Transtornos do uso de substâncias: quais?..... 43

Considerações finais 45

Referências 47

Substâncias psicoativas & desempenho acadêmico..... 53

Márcio Wagner Camatta;

Alessandra Mendes Calixto

Renata Vasconcellos Mendes

Marluce Mechelli de Siqueira

Sandra Cristina Pillon

Introdução 53

Considerações finais 63

Referências 64

Saúde mental entre universitários: o estado da arte 69

Bruno Pereira da Silva

Marcos Vinícius Ferreira dos Santos;

Márcio Wagner Camatta

Marluce Mechelli de Siqueira

Sandra Cristina Pillon

Carlos Alberto da Cruz Sequeira

Introdução 69

Saúde Mental entre universitários: um problema atual 74

A saúde mental dos estudantes universitários no contexto brasileiro.... 75

Dilemas: Adaptação e satisfação com a vida acadêmica 76

Desafios: (do) ou (no) ambiente 77

Considerações finais 83

Referências 84

Substâncias psicoativas sob a ótica da saúde coletiva..... 98

Marcos Vinícius Ferreira dos Santos

Marcelle Aparecida de Barros Junqueira

Marluce Mechelli de Siqueira

Edward MacRae

Introdução	98
Panorama do consumo de substâncias psicoativas	99
Substâncias psicoativas e saúde coletiva.....	102
Saúde coletiva: interação & integração com a saúde mental.....	104
Considerações finais	109
Referências	110

Aprender fazendo: o caso Ufes (área da saúde)..... 117

Rayane Cristina Faria de Souza

Laerson da Silva de Andrade

Flávia Batista Portugal

Marluce Mechelli de Siqueira

Introdução	117
Projeto Perfil do Uso de Substâncias Psicoativas entre Universitários (PUSPA)	119
1ª etapa – Medicina, Enfermagem, Odontologia e Farmácia	123
2ª etapa – Terapia Ocupacional, Nutrição, Fonoaudiologia e Fisioterapia	125
<i>Terapia Ocupacional</i>	131
<i>Nutrição</i>	133
<i>Introdução</i>	135
<i>Métodos</i>	137
<i>Resultados</i>	139
<i>Discussão</i>	146
<i>Conclusões</i>	149
<i>Fonoaudiologia</i>	151
<i>Fisioterapia</i>	153

3ª etapa – Outros Centros Acadêmicos (CCJE, CE, CCHM, CEUNES) da UFES	162
Considerações Finais	163
Referências	165

Conclusões Finais	181
--------------------------------	------------

Marluce Mechelli de Siqueira

Sandra Cristina Pillon

Sobre os autores.....	185
------------------------------	------------

Substâncias Psicoativas: Dilemas & Desafios

Angélica Martins de Souza Gonçalves

Bruno Pereira da Silva

Marluce Mechelli de Siqueira

Sandra Cristina Pillon

INTRODUÇÃO

O fenômeno do uso de substâncias psicoativas (SPAs) está presente na história da humanidade, nas mais diversas épocas e com finalidades específicas, sendo observada sua presença em interações sociais, formais e de lazer, e ainda nas comemorações e rituais religiosos. Podendo ser observado, enquanto fenômeno biopsicossocial, intensamente relacionado aos modos de cultura do contexto em que ele acontece (DE ASSIS TRINDADE; DINIZ; SÁ-JÚNIOR, 2018).

O álcool e o tabaco – SPAs lícitas, são as primeiras substâncias que adolescentes e adultos jovens experimentam. Não raramente, essa experiência é iniciada dentro da própria residência ou em reuniões familiares (ROEHRS; LENARDT; MAFTUM, 2008).

A disseminação do consumo de SPAs – com destaque para o álcool e o tabaco no mundo ocidental – atinge hoje todas as faixas

etárias e classes sociais. E esse consumo está associado a vários fatores, começando pela sua legalidade, além do patrocínio que várias marcas de bebidas alcoólicas/tabaco fazem a eventos culturais e esportivos, com a possibilidade de veiculação na mídia.

O consumo de SPAs é motivo de grande preocupação por seu potencial risco associado com o uso abusivo, gerando malefícios para a população e exigindo alocação de recursos extraordinários por parte dos órgãos públicos.

O uso de álcool, tabaco e de outras SPAs é maior entre universitários quando comparado à população em geral e a estudantes do ensino médio. E as consequências deste consumo são várias, incluindo problemas físicos, psicológicos e sociais, dentre os quais podemos citar: acidentes automobilísticos, violência, comportamento sexual de risco, prejuízos acadêmicos, diminuição de percepção e estresse (ANDRADE; DUARTE; OLIVEIRA, 2010).

O uso nocivo (ou abuso) de SPAs lícitas e ilícitas é um assunto discutido em todo o mundo, sendo considerado um problema de saúde coletiva, em decorrência dos seus prejuízos à saúde – individual e coletiva – bem como dos graves impactos e perdas pessoais, familiares, sociais e econômicas para a sociedade como um todo e, em particular, elas ainda se encontram entre as principais causas de incapacidade e morte prematura no mundo (JONES, 2016).

Neste cenário de dilemas e desafios, temos outro fator relevante e impactante na saúde da população brasileira, ou seja, os transtornos mentais, que são responsáveis por 13% das doenças em todo o mundo, destes, 90% dos casos são classificados como Transtornos Mentais Comuns (TMCs) – ansiedade, depressão e somatização (SCHIMDT *et al.*, 2011; RODRIGUES JÚNIOR *et al.*, 2019).

Aproximadamente, 30% dos adultos brasileiros apresentaram transtornos mentais comuns (TMCs). Porém, a prevalência deste sofrimento varia segundo a população estudada e os métodos utilizados nas pesquisas. Estudos realizados com universitários brasileiros, especialmente os da área da saúde, indicam variação de

TMC de 18,5% a 44,9% (SANTOS; SIQUEIRA, 2010; GRANER; CERQUEIRA, 2019).

O TMC é uma síndrome caracterizada por sintomas de ansiedade, depressão, irritabilidade, fadiga, insônia, dificuldade de concentração e memória, a qual se manifesta como uma mistura de sintomas somáticos – tremores, cefaleia, má digestão, entre outros (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2014).

Os TMCs são os quadros que apresentam sintomas como – irritabilidade, fadiga, insônia, esquecimento, dificuldade de concentração, depressivos e queixas somáticas que produzem incapacidade funcional nos indivíduos (GOLDBERG; HUXLEY, 1993). Entretanto, não preenchem os critérios para diagnósticos dos Transtornos Mentais Específicos (TMEs), segundo o *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (DSM) e a *Classificação Internacional de Doenças* (CID) (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2014).

Entretanto, sabe-se que na rede de atenção à saúde, os clínicos apresentam dificuldades em diagnosticar os TMCs, corroborando com negligências na atenção primária, de média e alta complexidade, ou seja, numa “sucessão de negligências”... desde o nível básico até o especializado, as quais propiciam que o usuário busque ajuda nas organizações governamentais (ou não) ou passe a conectar-se e/ou utilizar a rede de atenção de forma desordenada, culminando com gastos decorrentes de um número elevado de encaminhamentos, exames e medicações (psicofármacos), onerando o Sistema Único de Saúde (SUS) e contribuindo para sua menor eficácia e eficiência, especialmente na atenção aos TMCs, bem como aos Transtornos Mentais decorrentes ou associados às Substâncias Psicoativas (TMSPAs).

A despeito da tríade – integralidade, equidade e universalidade – preconizada pelo Sistema Único de Saúde (SUS), observa-se uma “ausência de diálogo” entre os diferentes níveis de atenção – básico & especializado (média a alta complexidade), não ofertando uma atenção integral, qualificada e em rede para os portadores de TMC, o que

resulta numa evolução e cronificação para TME, portanto, de maior impacto e gravidade (individual e coletiva), como, por exemplo, Síndrome do Pânico, Depressão – com Risco de Suicídio (RS), Tentativa de Suicídio (TS) ou Suicídio (S), entre outros que acometem a sociedade (FONSECA; GUIMARÃES; VASCONCELOS, 2008).

Assim, ao longo de todo o ciclo vital, os TMCs podem estar presentes especialmente nas etapas de mudanças dentro desse ciclo, como, por exemplo, a adolescência – considerada tanto uma crise evolutiva como acidental, dependendo do vivenciado pelo estudante do ensino fundamental e/ou médio. Destaca-se na vigência deste ciclo vital o ingresso na vida universitária, uma fase da vida na qual o estudante encontra uma “diversidade” de dilemas – cobranças, exigências e pressões internas/externas do cotidiano acadêmico (carga horária e conteúdo curricular), assim como passa a (con)viver com “diferentes” desafios – insegurança em relação ao ingresso no mercado de trabalho, levando-o a desistir da sua futura profissão..., iniciar outra... e, algumas vezes, concluir uma profissão respondendo mais às pressões externas (família e/ou sociedade de um modo geral) do que às internas (desejos e/ou sonhos) (PAPAGLIA; FELDMAN, 2013).

Além disso, temos a precária habilidade de enfrentamento do sofrimento e adoecimento psíquico, o que favorece uma maior exposição do indivíduo a outros comportamentos que podem estar vinculados ao uso e abuso, bem como a dependência de substâncias psicoativas. Vale ressaltar que o consumo abusivo de SPAs pode, inicialmente, minimizar ou moderar os sintomas – ansiedade e depressão, mas a abstinência e o uso crônico tipicamente os exacerbam em médio prazo (AMONG *et al.*, 2006; SOUZA; CAMPOS, 2011).

Associado a isso, os problemas relacionados à saúde mental – ansiedade, insônia, solidão, depressão, entre outros, também podem agravar o quadro. O fato de não possuir amigos também é um fator de risco para o uso de drogas ilícitas, diferentemente do uso de álcool, em que ter muitos amigos seria um fator de risco (MALTA *et al.*,

2014; SILVA *et al.*, 2014). Estudo mostra ainda que jovens que fazem uso de drogas possuem altos níveis de impulsividade e agressividade (ALMEIDA *et al.*, 2014).

A literatura tem demonstrado que os jovens, especialmente os estudantes universitários, em geral da área da saúde, integram o grupo de risco mais propenso a desenvolver TMC, em decorrência do contato frequente com os fatores considerados ansiogênicos, depressores e estressores – tanto no suporte de vida como da morte (SAVIC; BELKIC, 2014; CHAVES *et al.*, 2015; BARBOSA; ASFORA; MOURA, 2020).

Estudos internacionais (ROBERTS *et al.*, 2010; CLEARY *et al.*, 2012; ALARCON *et al.*, 2012; ARADILLA-HERRERO *et al.*, 2013) e nacionais (SILVA; 2013; SILVA *et al.*, 2014; OLIVEIRA *et al.*, 2014; FREITAS *et al.*, 2015; PIRES *et al.*, 2019; GOMES *et al.*, 2020) estimam que cerca de 12% a 18% dos estudantes universitários apresentam algum TMC durante a graduação, especialmente os pertencentes à área da saúde, dentre eles merece destaque os pertencentes à área de enfermagem (22-31,8%) (BOTTI *et al.*, 2010; MESQUITA *et al.*, 2016).

Assim, os estudantes e os profissionais da saúde, uma população especial, requerem tanto uma atenção psicossocial em decorrência do sofrimento psíquico contínuo nos diferentes cenários de práticas acadêmicas e/ou profissionais, quanto uma atenção integral, pois a sobrecarga de trabalho diária e as tensões decorrentes da jornada acadêmica e/ou profissional são exaustivas (ROBERTS *et al.*, 2010).

Somado a isso, estudos sobre o Transtorno Depressivo (TD) e o Transtorno de Humor (TH) entre universitários mostram que a instabilidade emocional e a depressão (leve, moderada e grave) são preditores significativos de ideação suicida. E que a presença de comportamentos relacionados à autoestima, clareza emocional e reparação está envolvida com o risco de suicídio, sendo este mais acentuado entre as mulheres (CLEARY *et al.*, 2012).

Em face do exposto, as investigações têm demonstrado que o modo de vida entre universitários se altera, e em muitos casos resulta em TMC ou outros (TD e TH), o que expõe o adulto jovem à prática

da automedicação com Substância Psicoativa (SPA) lícita e ilícita (CLEARY *et al.*, 2012).

Dessa forma, este livro tem como objetivo geral apresentar uma exposição teórico-prática do tema “consumo de SPA entre universitários” com base na realidade nacional, debruçando-se no último capítulo “no caso – Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)/ Centro de Ciências da Saúde (CCS) – Terapia Ocupacional, Nutrição, Fonoaudiologia e Fisioterapia, cursos que passaram a integrar a oferta de formação na área de saúde pela Universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, buscamos apresentar alguns dilemas e desafios relacionados à temática consumo de SPA entre universitários, objetivando subsidiar a discussão de políticas públicas voltadas para a prevenção do consumo de SPAs entre jovens adultos – os universitários, uma população especial e que requer suporte psicossocial e integral durante a graduação, com vistas à elaboração ou reorientação de uma política institucional de prevenção ao consumo de SPAs e acolhimento desses estudantes.

No cenário nacional, o tema “Substâncias Psicoativas entre Universitários” é permeado por “dilemas”..., dentre eles, ainda representa um “tabu” para alguns..., resultando numa maior aceitação social das SPAs lícitas (álcool e/ou tabaco) e, conseqüentemente, um aumento associado de novos consumos das SPAs ilícitas (diversas SPAs). Neste mesmo cenário, temos os “desafios”..., dentre eles a elevada presença dos TMCs – ansiedade, depressão e somatizações na população brasileira, entretanto, ainda permanecem como “tabus” para uma maioria..., resultando num agravamento e, claro, numa evolução para outros, como, por exemplo – TD (ansiosos, obsessivo-compulsivos, pânico etc.), TH (depressivos com RS, TS ou S), altas taxas de prevalência na população geral e na específica – os jovens adultos, os universitários capixabas e brasileiros.

Referências

ALARCÓN, C. D.; CRISTINA, I.; TORRES, S.; FERNANDA, L.; SOTO, L. Motivaciones y Recursos para Psicoactivas en Universitarios. **Hacia La Promoción La Salud**, n.1, p. 92-104, 2012.

ALMEIDA, R. M. M. *et al.* Uso de álcool, drogas, níveis de impulsividade e agressividade em adolescentes do Rio Grande do Sul. **Psico**, v. 45, n.1, p. 65-72, 2014.

AMONG, A.; STUDENTS, C. O. S.; PILLON, S. C.; CORRADI-WEBSTER C. M. Identificação de consumo de álcool entre universitários. **Rev Enferm UERJ**, v. 14, n. 3, p. 325-332, 2006.

ANDRADE, A. G.; DUARTE, P. C. A. V.; OLIVEIRA, L. G. (Org.) **Iº levantamento nacional sobre o uso de álcool e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras**. Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas [Obid], Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo [FMUSP], Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas [SENAD], Brasília, 2010, 284p.

ARADILLA-HERRERO, A.; TOMÁS-SÁBADO, J.; GÓMEZ-BENITO, J. Nurse Education Today Associations between emotional

intelligence, depression and suicide risk in nursing students. **YNEDT** [Internet]. p. 1-6, 2013. Disponível em: www.elsevier.com/nedt Acesso em:

BARBOSA, L. N. F.; ASFORA, G. C. A.; MOURA, M. C. Anxiety and depression and psychoactive substance abuse in university students. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** v.16, n. 1, p.1-8, 2020

BOTTI, N. C. L.; MONTEIRO, A. M. C.; BENJAMIM, M. L. N.; QUEIROZ, L. C. Depressão, Uso de Drogas, Ideação e Tentativa de Suicídio entre Universitários. **Rev. Enferm.** UFPE., v. 10, n. 7, p. 2611-2616, 2010.

CHAVES, E. C. L.; IUNES, D. H.; MOURA, C. C.; CARVALHO, L. C.; SILVA, A. M.; CARVALHO, E. C. Anxiety and spirituality in university students: a cross-sectional study. **Rev Bras Enferm.**, v. 68, n. 3, p. 444-449, 2015.

CLEARY, M.; HORSFALL, J.; BAINES, J.; HAPPELL, B. Nurse Education Today Mental health behaviours among undergraduate nursing students: Issues for consideration. **YNEDT** [Internet]. v. 32, n. 8, p. 951-955, 2012. Disponível em: www.elsevier.com/nedt Acesso em:

DE ASSIS TRINDADE, B. P.; DINIZ, A. V.; SÁ-JÚNIOR, A. R. Uso de drogas entre estudantes universitários: uma perspectiva nacional. **Revista de Medicina e Saúde de Brasília**, v. 7, n. 1, p. 52-60, 2018.

FONSECA, M. L. G.; GUIMARÃES, M. B. L.; VASCONCELOS, E. M. Sofrimento difuso e transtornos mentais comuns: uma revisão bibliográfica. **Rev APS.**, v. 11, n. 3, p. 285-94, 2008.

FREITAS, M. A.; CRISTINA, C. Perfil de estudantes universitários quanto ao uso de álcool e outras drogas. **Rev Ciência Plur.**, v. 1, n. 2, p. 29–36, 2015.

GOLDBERG D.; HUXLEY P. Common Mental Disorders-A bio-social model. Londres/Nova Yoork:Tavistock/Routledge. **The British Journal of Psychiatry**, v.162, 4. ed., 194p., 1993.

GOMES, C. F. M.; PEREIRA JUNIOR, R. J.; CARDOSO, J. V.; SILVA, D. A. Common mental disorders in university students: epidemiological approach about vulnerabilities. **SMAD, Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** v. 16, n.1, p.1-8, 2020.

GRANER, K. M.; CERQUEIRA, A. T. A. B. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 24, n. 4, p. 1327-1346, 2019.

JONES, S. C. Parental provision of alcohol: a TPB-framed review of the literature. **Health Promotion International**, Oxford, v. 31, n. 3, p. 562-571, 2016.

LIMA, K. H. M.; SILVA, C. G.; MENDES, R. Drogas e álcool na universidade: proibições, silenciamentos e diálogos. **Temas em Educação e Saúde**, v. 14, n. 1, p. 156-172, 2018.

MALTA, D. C. *et al.* Família e proteção ao uso de tabaco, álcool e drogas em adolescentes, Pesquisa nacional de saúde dos escolares. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 14, supl. 1, p.166-177, 2011.

MESQUITA, A. M.; LEMES, A. G.; CARRIJO, M. V. N.; MOURA, A. A. M. M.; COUTO, D. S.; ROCHA, E. M. *et al.* Depressão entre estudantes de um curso da saúde de uma universidade em Mato Grosso. **J Heal NPEPS.**, v. 1, n. 2, p. 218–30, 2016.

OLIVEIRA, L. D. A.; FERREIRA, S.; LIMA, R.; GODINHO, P.; ALVES, E. A.; SILVA, P. Estresse nos acadêmicos de enfermagem de uma universidade pública. **Arq. Ciênc. Saúde**, v. 21, n. 2, p. 118-123, 2014.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12 ed., 800p., Porto Alegre: Artmed; 2013.

PIRES, P. L. S.; SOARES, G. T.; BRITO, I. E.; LIMA, C. A.; JUNQUEIRA, M. A. B.; PILLON, S. C. Correlação do uso de substâncias psicoativas com sinais de ansiedade, depressão e estresse em estudantes de enfermagem. **Rev. Aten. Saúde**, v. 17, n. 61, p. 38-44, 2019.

ROEHRS, H.; LENARDT, M. H.; MAFTUM, M. Práticas culturais familiares e o uso de drogas psicoativas pelos adolescentes: reflexão teórica. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, n. 12, p. 353-357, 2008.

ROBERTS, S. J.; GLOD, C. A.; DEAN, F.; KIM, R.; STUDENT, B. S.; HOUNCHELL, J. *et al.* Relationships between aggression, depression, and alcohol, tobacco: Implications for healthcare providers in student health. **J Am Acad Nurse Pract.**, 22:369-75, 2010.

RODRIGUES JUNIOR, A.; SANTOS, A. B.; CHAVES, J. Á.; ARAÚJO, T. M. S.; DUTRA, J. D. S.; RAMOS, A. **65a Reunião Anual da SBPC** www.sbpcnet.org.br/livro/65ra/resumos/resumos/8699.htm. Soc Bras para o Prog da Ciência., d:1-2, 2019.

SANTOS, E.; SIQUEIRA, M. M. Prevalência dos transtornos mentais na população adulta brasileira: uma revisão sistemática de 1997 a 2009. **J Bras Psiquiatr**; v. 59, n.3, p. 238-246, 2010.

SAVIĆ Č.; BELKIĆ K. Why are job stressors relevant for psychiatry? **Br J Psychiatry**, v. 205, n. 6, p. 425-427, 2014.

SCHIMIDT, M. I.; DUNCAN, B. B.; SILVA, G. A.; MENEZES, A. M.; MONTEIRO, C. A.; BARRETO, S. M.; CHOR, D.; MENEZES, P. R. Doenças crônicas não transmissíveis no Brasil: carga e desafios atuais. **Lancet**, n. 9, p. 61-74, 2011.

SILVA, C. C. *et al.* Iniciação e consumo de substâncias psicoativas entre adolescentes e adultos jovens de centro de atenção psicossocial antidrogas/ CAPS- AD. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 19, n.3, p. 737-745, 2014.

SILVA, B. P. **Co-ocorrência de uso problemático de álcool, consumo de tabaco e transtornos mentais comuns em universitários do curso de enfermagem de uma universidade pública na Amazônia Ocidental Brasileira**. 2013. 121f. Monografia (Especialização em Formação de Pesquisadores em Álcool e Drogas) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, EERP-USP, Ribeirão Preto, 2013. Bolsista SENAD.

SILVA, B. P.; CORRADI-WEBSTER, C. M.; DONATO, E. C. S. G.; HAYASHIDA, M.; SIQUEIRA, M. M. Transtornos mentais comuns e consumo de bebida alcoólica e tabaco entre estudantes de enfermagem de uma universidade pública na Amazônia Ocidental brasileira. **SMAD. Rev. Eletr. Saúde Mental Álcool e Drogas** (Edição em português), v. 10, p. 93, 2014.

SOUZA, A. S.; CAMPOS, J. G. C. Imagens aversivas veiculadas nos maços de cigarro: significados atribuídos por universitários da área da saúde de uma universidade pública estadual. **Rev. Eletr. Saúde Mental Álcool e Drogas**, n. 7, p. 38-44, 2011.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). WHO; The Calouste Gulbenkian Foundation. **Social determinants of mental health.** WHO document Production Services, Geneva, Switzerland, 54p., 2014.

Substâncias psicoativas: conceito, classificação e diagnóstico

*Lucas Queiroz Subrinho
Marluce Mechelli de Siqueira
Sandra Cristina Pillon
Alessandra Diehl¹*

INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade, o ser humano utiliza-se de plantas e minerais, até mesmo animais ou partes destes, seja para tratar diversos males e problemas de saúde, seja para alterar sua mente e sua percepção da realidade. Houve momentos da história em que seu consumo se configurou como evento social; em outros, como ritual religioso; ou, ainda, na busca de interação em comunidades (ABREU; MALVASI, 2011).

Dessa forma, a história das drogas, ou das Substâncias Psicoativas (SPAs), acompanha a história da humanidade. Assim como as relações humanas vêm se modificando, o consumo de drogas também

¹ Revisora externa do capítulo.

tem sofrido “metamorfoses”, uma vez que novas percepções foram acrescidas ao deixar de ser apenas um instrumento socializador ou atenuador de males para se tornar um fenômeno gerador de prazer, medo, violência e estigmas diversos (SCISLESKI *et al.*, 2013).

A palavra “droga”, de origem francesa (*drogue*) ou holandesa (*droog*), inicialmente se referia às folhas secas, que por muito tempo consistiram no principal recurso para o tratamento das doenças. Dele se origina o termo “drogaria”, local onde obtemos a droga (medicamento), e que no passado era conhecida como “botica”, cujos produtos eram, na sua maioria, de origem natural, principalmente minerais e vegetais (SERVIÇO DE INTERVENÇÃO NOS COMPORTAMENTOS ADITIVOS E NAS DEPENDÊNCIAS, 2011).

A amplitude do termo “droga” reflete esta longa relação, fazendo referência a um elevado número de substâncias com distintos efeitos sobre a percepção, o pensamento, o estado de ânimo ou as emoções, com diferentes capacidades para produzir dependência e com significados diferentes para aqueles que as consomem (ABREU; MALVASI, 2011).

Com relação à terminologia, ainda há quem utilize a não científica para classificar as substâncias psicoativas, popularmente chamadas de drogas: quentes e frias; químicas e ecológicas; leves ou pesadas; entre outras. Mas a classificação que mais se utiliza no meio científico é a de: estimulantes; depressoras e alucinógenas, também chamadas de perturbadoras (MENDES, 2017).

Uma distinção muito comum é a de categorizar as SPAs entre lícitas e ilícitas. Como exemplo, temos a nicotina, que é, cientificamente, considerada como uma das substâncias com maior poder aditivo e, no entanto, o seu consumo é legalizado (PROCHASKA; BENOWITZ, 2019). Em contrapartida, determinadas substâncias, como a *cannabis*, têm seu consumo ilegal no Brasil; enquanto que em outros países a regulamentação evoluiu de descriminalização a legalização (GURGEL *et al.*, 2019).

Compreender o consumo de substâncias implica estarmos atentos ao complexo mosaico de comportamentos que compõe este fenômeno global, que nos remete a uma diversidade de substâncias; seus efeitos; à resposta individual; às propriedades químicas e à quantidade ingerida. Essa perspectiva nos faz refletir que estamos diante de um fenômeno multifacetado e que, ao longo dos anos, se observa uma alteração dos padrões de consumo em decorrência das influências culturais, sociais e de mercado (QUEIROZ SUBRINHO, 2018). Adicionalmente, e apesar da “guerra ao tráfico de drogas ilícitas”, o mercado das drogas continua a crescer e a mudar de estratégias, criando novos adeptos (CHITAS, 2010).

Quando colocamos este foco para os jovens universitários, percebemos que o uso de substâncias neste público é uma preocupação crescente de saúde pública em muitos países ao redor do mundo (UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME, 2018). De modo geral, jovens universitários têm taxas elevadas de consumo de todos os tipos de substâncias. Este uso é um fator de risco importante para vários problemas de saúde, com risco de desenvolvimento de transtornos por uso de substâncias (TUS), problemas familiares e sociais, além de risco de baixo desempenho acadêmico, atraso na conclusão dos estudos e até mesmo abandono da universidade (WHITE; HINGSON, 2013; CAETANO, 2019).

Advém, então, a importância de medidas de prevenção ao uso de substâncias no ambiente universitário, assim como a identificação precoce, com diagnóstico adequado para um encaminhamento ao tratamento mais assertivo. Dentro deste contexto, é objetivo deste capítulo apresentar os conceitos, as classificações e os critérios diagnósticos relacionados às drogas utilizadas no campo da saúde.

CONCEITOS

Dentre os diversos conceitos referentes ao termo “droga”, podemos defini-la como toda e qualquer substância externa ao corpo humano

que tem o potencial de agir em um ou mais dos sistemas, provocando alterações no funcionamento. Aquelas drogas que produzem efeito no sistema nervoso central (SNC) são conceituadas como “substâncias psicoativas” (UNITED NATIONS INTERNATIONAL DRUG CONTROL PROGRAMME, 2000).

Nesse sentido, algumas drogas possuem ações benéficas ao organismo e são usadas como medicamentos no tratamento de doenças, quando corretamente prescritas (p.ex. analgésicos); outras produzem efeitos nocivos, tóxicos ou venenosos, causando malefícios à saúde (p.ex. crack).

A partir daqui, utilizaremos o termo “droga” como sinônimo de substâncias psicoativas (SPAs), seja ela de consumo lícito (álcool e tabaco) como de consumo ilícito (maconha, crack, cocaína, entre outras).

CLASSIFICAÇÕES

Duas classificações são comumente utilizadas. A primeira é quanto a sua licitude (SPAs lícitas) ou ilicitude (SPAs ilícitas), que varia de acordo com a legislação de cada país, devido a fatores políticos, culturais, históricos, morais e econômicos.

Nesse sentido, quanto maior for a percepção de que o consumo de certa substância ameaça o bem-estar social, originando consequências adversas tanto para o consumidor como para a população, maior é a probabilidade de a substância não ser socialmente aceita (FERREIRA-BORGES; FILHO, 2004).

A classificação apresentada no Quadro 1, utilizada em nível global e no meio acadêmico, refere-se aos efeitos observados no indivíduo que consome droga. Esses efeitos podem ser observados no comportamento da pessoa e nas alterações na atividade do SNC (UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME, 2019).

Quadro 1: Classificação das drogas, segundo a ação no SNC

	Depressoras	Estimulantes	Perturbadoras
Medicamentos	Ansiolíticos, Analgésicos, Anticonvulsivantes, Hipnóticos, Neurolépticos, Narcóticos e Opioides	Antidepressivos, Estimulantes, Inibidores do apetite	Anticolinérgicos
Drogas de abuso	Álcool, Ansiolíticos (tran- quilizantes) Solventes Inalantes (cola) Narcóticos (morfina, heroína)	Anfetamina, Cocaína e crack Nicotina Cafeína	Maconha Alucinógenos Ecstasy LSD Plantas e cogumelos (ayahuasca, ibogaí- na, sálvia, mescalina, psilocibina)

Fonte: United Nations Office on Drugs and Crime (2019), adaptado por Siqueira; Pillon, 2020.

As drogas psicotrópicas dividem-se em três grupos, a saber:

1. Depressoras: desencadeiam uma redução global da atividade do SNC. Costumam ter ação bifásica, com euforia no início do consumo, seguida por sonolência, lentificação da atividade motora, aumento da resistência à dor e redução de ansiedade;

2. Estimulantes: causam um aumento da atividade do SNC. Proporcionam um estado de alerta exagerado, com redução do sono, apetite e fadiga. Vêm acompanhadas de taquicardia e aumento da pressão arterial, além de um comportamento mais agitado na fala;

3. Perturbadoras: também chamadas de alucinógenas, causam perturbação no SNC, pois produzem distorções qualitativas no funcionamento cerebral, como alucinações, delírios, e na sensopercepção. Podem ser sintéticas ou naturais.

No dia a dia, essas classificações acabam mesclando-se com termos utilizados pela população em geral, permeados pela espiritualidade e regionalismo.

SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS E A EVOLUÇÃO DO CONSUMO PESSOAL: UM RITUAL?

Segundo Erikson (1971), o adulto jovem – o nosso universitário, ao entrar nesta fase, deve ser capaz de expressar afetos para com os outros, bem como saber distinguir as amizades que mais lhe interessam. Um outro requisito é o de sentir-se suficientemente seguro, por forma, a poder tolerar-se e aceitar-se como é. Para este autor, as duas preocupações principais do jovem adulto são: o amor e o trabalho. Esta é uma fase em que o indivíduo encontra profundas implicações sociais, o amor e a produtividade são para ele compromentimentos abrangentes (DIAS, 2002).

Até a década de 1970, os jovens capazes de atingir a estabilidade econômica, que lhes permitia a criação do seu próprio núcleo familiar, eram considerados adultos, através destes dois marcos de vida. Desde então, em face das mudanças culturais e econômicas, a entrada na vida adulta modificou-se, na perspectiva de compreender as vivências dos adultos jovens em torno de necessidades pessoais que necessariamente são diversas das historicamente referenciadas, e que incluem o confronto com a entrada tardia no mercado de trabalho e a consequente permanência estendida na família nuclear. Trata-se não só de formação pessoal (acadêmico), como também da realização profissional e na mudança em torno da constituição familiar, retratando uma realidade que terá de compreender a autonomia dentro de um processo no qual os pais continuam a estar presentes (MOTA; ROCHA, 2012).

De acordo com Mendonça e Fontaine (2013), a crescente valorização dos estudos universitários, a precariedade nos empregos e as elevadas taxas de desemprego levam ao aumento da influência dos

pais na vida dos filhos, complexificando a independência dos jovens (MENDONÇA; FONTAINE, 2013).

Assume-se, assim, que, mesmo ao trabalhar, os filhos tendem a necessitar do apoio dos pais, o que poderá também comprometer a sua percepção de autonomia e do espaço e da liberdade que os pais lhes conferem. De fato, estudar durante mais tempo poderá aumentar o nível de diferenciação dos jovens, na medida em que o seu cotidiano vai mantendo-se, bem como o tipo de preocupações dos pais com os filhos.

Pelo contrário, as transições tendem a pôr em causa os hábitos e as normas preestabelecidas na fase anterior e, quando os filhos iniciam uma atividade profissional, os pais poderão sentir uma maior necessidade de os aconselhar e de os controlar, verificando como estes gerem o dinheiro, por exemplo; também a precariedade nos empregos e as elevadas taxas de desemprego atuais representam uma grande preocupação para os pais, o que se poderá traduzir num maior controle e supervisão dos filhos (ROCHA, 2011).

Sob o ponto de vista da psicologia do desenvolvimento, os jovens são agentes ativos no ambiente, não estando absolutamente dependentes do contexto (ARNETT, 2006). As diferenças estruturais não constituem necessariamente um entrave na transição dos jovens, reportando quatro critérios consistentes no processo de transição para a vida adulta: 1) aceitação da responsabilidade dos atos, 2) tomada de decisões independente, 3) consideração pelos demais, e 4) o tornar-se economicamente independente (MOTA; ROCHA, 2012).

COMPORTAMENTOS: DE PROTEÇÃO OU DE RISCO?

Os principais fatores de risco para o início do uso de SPAs abrangem problemas de relacionamento entre pais e filhos, de comunicação entre os membros da família, ausência de acompanhamento dos filhos. E dentre os fatores de proteção, o bom funcionamento familiar, coeso e adequado, resulta em diminuição do risco à vulnerabilidade.

Entretanto, a vida universitária é um período que pode possibilitar experiências novas e a conquista de uma profissão, bem como pode se configurar como um período crítico, cercado por mudanças físicas e psicossociais, com maior vulnerabilidade para o início e/ou manutenção de SPAs, sendo as SPAs lícitas (álcool e tabaco) as mais utilizadas por essa população (FERNANDES *et al.*, 2017).

A adoção de comportamentos de risco à saúde, como o envolvimento com álcool, tabaco e outras SPAs, pode estar relacionada com a susceptibilidade na qual estão expostos, decorrente de situações tomadas por sentimentos e angústias, como a separação do núcleo familiar, aumento e imposição de responsabilidades, exaustão decorrente das atividades acadêmicas, ambiente facilitador, maior exposição social ao consumo de substâncias, influências de pares, incertezas frente ao futuro profissional e pessoal e a autocoerção (SILVA *et al.*, 2019).

De acordo com o estudo sobre carga global de doenças, lesões e fatores de risco de 2013, o uso de álcool e tabaco está entre os principais fatores de risco em todo o mundo para morte prematura e morbidade, expressos em termos de vida ajustada à incapacidade anos (DALYs). Na Europa, dos 78 fatores de risco investigados, o tabaco ocupa o 2º lugar e o álcool o 5º em termos de DALYs (FOROUZAN-FAR *et al.*, 2015).

Embora não seja o fator de risco mais importante, o uso de SPAs ilícitas também contribui significativamente para a carga global de anos de vida perdidos e de anos vividos com deficiência. Uma das preocupações da saúde pública são os prejuízos relacionados a SPAs para usuários e população em geral. Devido às restrições de idade ao acesso ao álcool e tabaco, bem como às medidas de controle das SPAs ilícitas, na maioria dos países, há uma ênfase particular no monitoramento do consumo entre adolescentes e jovens.

O consumo de SPAs é provocado por diversos fatores, não apenas a oferta, o consumidor ou o traficante. Ao analisar este fenômeno, devemos considerar o meio onde se insere o consumidor, a

organização da sociedade, a vida familiar e todas as esferas da sociedade (FERREIRA-BORGES; FILHO, 2004).

O álcool é, na maioria das culturas, a SPA mais utilizada e constitui uma causa importante de morbidade (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). O seu consumo está associado a outros riscos característicos da maturidade, como acidentes de trânsito, criminalidade e infecção por vírus da imunodeficiência humana (HIV). Dirigir sob a ação do álcool e outras SPAs pode ser fatal. O álcool também está associado a mortes por afogamento, incêndios e quedas, assim como por violência familiar e suicídios (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

A despeito da sua contra-indicação no cotidiano acadêmico, é utilizado para facilitar objetivos sociais, passando, assim, a ser usado como um recurso para obter a aceitação no grupo de pares e a autonomia em relação aos pais, para lidar com a ansiedade e a frustração e para afirmar a própria maturidade (ROCHA, 2011).

Para o adulto jovem, a universidade é um período que pode significar risco para o início ou o consumo de SPAs, principalmente o álcool e o tabaco. A maioria dos estudantes universitários utiliza álcool, e até 40% têm episódios de ingestão alcoólica excessiva, pelo menos uma vez em cada duas semanas (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Consequentemente, os estudantes que fazem uso nocivo (ou abusivo) de álcool ou outras SPAs tendem a faltar às aulas, à indisciplina, a danos à propriedade, a agressões sexuais ou a atividades sexuais inseguras, a dirigir após ingestão de SPAs (FERNANDES *et al.*, 2017).

A monitorização do consumo de SPAs entre os estudantes fornece indicadores importantes sobre os atuais comportamentos de risco dos jovens e as possíveis tendências no futuro.

Segundo o *Relatório Europeu sobre Drogas* (2018), o consumo de drogas ilícitas contribui para o peso global da doença e os problemas de saúde crônicos (dependência e doenças infecciosas) como os agudos (overdose) estão associados ao consumo de drogas ilícitas, agravados por vários fatores como as propriedades das substâncias, a via de administração, a vulnerabilidade individual e o

contexto social em que as drogas são consumidas (OBSERVATÓRIO EUROPEU SOBRE DROGAS, 2018).

Em 2015, o Projeto Europeu de Pesquisa sobre Álcool e Outras Drogas (ESPAD) investigou o consumo de SPAs entre estudantes de 15 e 16 anos em 35 países europeus, detectando que um consumo na vida (18%) e no mês (8%) entre eles. A maconha permanece a droga ilícita mais consumida na Europa e entre universitários, sendo os comportamentos semelhantes aos dos consumidores de álcool, uma vez que apresentam déficit de rendimento escolar, dedicam-se menos, socializam-se mais e participam de outros comportamentos de alto risco (KRAUS; LEIFMAN; VICENTE, 2015).

No Brasil, o estudo mais completo do uso de substâncias entre jovens universitários foi publicado em 2010 pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad) em colaboração com o Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (GREA/FMUSP) (ANDRADE; DUARTE; OLIVEIRA, 2010). O estudo entrevistou 12.711 universitários em 26 capitais de estado no Brasil e no Distrito Federal. A Tabela 1, a seguir, mostra as taxas, por sexo, de uso na vida, nos últimos 12 meses, e nos últimos 30 dias das substâncias cobertas pelo levantamento. Não é uma surpresa verificar que a substância de maior uso entre os universitários brasileiros é o álcool, com taxas de uso de 90,3% a 55,8% entre homens e mulheres, dependendo do marco temporal. Após o álcool, as taxas mais altas de uso são aquelas para qualquer tipo de droga ilícita, demonstrando que, aproximadamente, metade da população universitária de homens e mulheres já usou drogas ilícitas na vida. O uso de qualquer droga ilícita nos últimos 12 meses também é alto, e até mesmo o uso nos últimos 30 dias, que é positivo para aproximadamente um quarto dos homens e das mulheres. Após o uso de qualquer droga ilícita, a substância mais usada é o tabaco. Observa-se, no entanto, que estas últimas taxas são bem mais baixas que as taxas do álcool. Por exemplo, as taxas de uso de álcool entre homens e mulheres universitários nos últimos 12 meses

são mais de duas vezes mais altas do que as taxas de uso de tabaco (ANDRADE; DUARTE; OLIVEIRA, 2010; CAETANO, 2019).

Tabela 1: Uso na vida, nos últimos 12 meses, e nos últimos 30 dias de substâncias psicotrópicas, por sexo, entre universitários brasileiros: 2010

Substâncias Psicotrópicas/ Gênero	Uso na vida (%)		Uso nos últimos 12 meses (%)		Uso nos últimos 30 dias (%)	
	M.	F.	M.	F.	M.	F.
Álcool	90,3	83,1	77,3	68	66,6	58,8
Produtos de Tabaco	51,7	42,9	31,8	24,8	23,5	20,1
Uso de Drogas Ilícitas	52,8	45,6	36,9	35	25,4	26,3
Maconha/Haxixe/Skank	34,5	19,9	19,8	9,2	13	6,1
Inalantes e Solventes	25,5	16,6	9,1	4,7	3,6	2,4
Cocaína	11,3	5	4,8	1,6	2,4	1,4
Merla	1,3	0,3	0,2	0,1	0,1	0,1
Crack	2,1	0,5	0,3	0,1	0,3	0,1
Alucinógenos	11	4,9	6	3,4	3,4	2,4
Cetamina	0,6	0,9	0,4	0,8	0,4	0,8
Chá Ayahuasca	1,9	1	0,9	0,8	0,2	0,1
Ecstasy	11	4,9	4,7	1,9	2,8	1,3
Esteróides Anabolizantes	8,1	0,4	2	0,2	1,1	0
Tranquilizantes e Ansiolíticos	9,3	14,7	5,6	10,3	3,5	7,4
Sedativos ou Barbitúricos	1,4	1,9	0,4	1,6	0,2	1,4
Analgésicos Opiáceos	4,4	6,3	2,2	4,8	1	2,7
Xaropes à Base de Codeína	2,3	2,9	0,8	1,2	0,2	1,1
Anticolinérgicos	1,1	1,2	0,6	0,6	0,2	0,5
Heroína	0,5	0	0,1	0	0,1	0
Anfetamínicos	8,1	18,1	5,5	14,1	4,4	11,7
Drogas Sintéticas	2,7	1,8	1	1,1	0,5	1

Fontes: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas(ANDRADE; DUARTE; OLIVEIRA, 2010).

DIAGNÓSTICO

Como observamos, as pessoas podem consumir drogas em diversos contextos, desde o socializador, passando por finalidades religiosas, busca de prazer até aqueles que envolvam o alívio de algum sofrimento (ABREU; MALVASI, 2011).

Dentre as centenas de consequências atreladas ao consumo de drogas, podemos destacar os transtornos mentais e comportamentais devido ao uso das substâncias. Alguns instrumentos foram criados para classificar ou auxiliar no diagnóstico de problemas decorrentes do consumo de drogas. Os principais são:

1) Código Internacional das Doenças, 10ª versão (CID-10): elaborado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), é a ferramenta adotada no Sistema Único de Saúde (SUS). Ele descreve ao menos 9 tipos distintos de transtornos produzidos pelo consumo de drogas (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1993).

2) Manual Diagnóstico e Estatístico das Doenças Mentais, 5ª versão (DSM-5): elaborado pela American Psychiatric Association (APA), abrange apenas os transtornos mentais, e tem sido mais utilizado em ambientes de pesquisa, porque possui itens mais detalhados, organizados em forma de um *continuum* de uso (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013).

3) Classificação Internacional das Doenças, 11ª versão (CID-11): versão mais recente apresentada em 2018 e com previsão de entrar em vigor no Brasil em 2022. Na CID-11, tivemos a inclusão de novos transtornos relacionados ao consumo de drogas e reposicionamento de transtornos já existentes. A nova classificação apresenta 18 substâncias, em contraste com 10 do CID-10, e algumas delas são a diferenciação entre drogas sintéticas e não sintéticas e a inclusão de MDMA, além da organização em grupos de transtornos: “uso de outras drogas psicoativas especificadas, inclusive medicamentos”; “uso de múltiplas substâncias psicoativas especificadas, inclusive medicamentos”; “uso de substâncias psicoativas desconhecidas ou não especificadas”. A categoria de “uso nocivo” foi desmembrada em duas: “uso nocivo contínuo ou episódico”, além da inclusão do “uso arriscado” (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2018).

4) Research Domain Criteria (RDoC):

As classificações da CID e do DSM diferenciam-se entre si pelas categorias descritas. Eles utilizam-se do mesmo conceito: da

apresentação sintomatológica com base na fenomenologia. Já o RDoC (Research Domain Criteria), proposto pelo National Institute of Mental Health (NIMH), é uma mudança de paradigma neste modo de compreensão dos transtornos mentais e da dependência química. A crítica do NIMH é que os sistemas de classificação atuais (CID e DSM) se distanciaram da biologia na medida em que se preocupou com a apresentação dos sintomas dos transtornos e não com a etiologia. Dessa forma, vários transtornos psiquiátricos apresentam tratamentos farmacológicos semelhantes justamente porque a barreira entre normal ou esperado e o patológico ficou bastante imprecisa com a compreensão fenomenológica e porque, do ponto de vista da neurociência, há um fator comum que conduz aos diagnósticos diferentes. Dessa forma, o sistema RDoC propõe uma mudança de paradigma: é preciso partir de um novo modelo de compreensão cujo ponto de partida não seja o fenômeno psicopatológico tal e qual ele é apresentado na prática clínica, mas a alteração bioquímica e/ou neurobiológica que gerou aquela alteração (os biomarcadores). O sistema então tem uma visão ampliada das condições de doença, buscando identificar a etiopatologia das doenças psiquiátricas e a partir dela desenvolver uma nova classificação mais próxima dos fenômenos neurobiológicos (SILVA, 2019; NATIONAL INSTITUTE OF MENTAL HEALTH, 2020).

USO RECREATIVO, USO EM *BINGE*, USO NOCIVO, ABUSO E DEPENDÊNCIA: QUAL A DIFERENÇA?

Devido às variadas maneiras de classificar o consumo de drogas e os transtornos advindos deles, é comum a confusão em termos no dia a dia e, até mesmo, no meio profissional. Com isso, abordamos a seguir definições dos padrões de consumo mais comumente utilizados.

- **Uso recreativo:** consumo de uma droga, normalmente ilícita, para relaxamento ou integração sem implicações para dependência e outros problemas relacionados. Contudo,

questionam-se as implicações legais relacionadas ao consumo (CARDOSO; BUAIZ; PILLON, 2016).

- **Uso em *binge*:** consumo de altas doses e repetido de drogas. Normalmente, é observado esse padrão de consumo com drogas estimulantes. Porém, o álcool também é uma substância muito comum nesse padrão de consumo, quando cinco doses para homens ou quatro doses para mulheres são consumidas em única ocasião, em geral dentro de um período de duas horas (CARDOSO; BUAIZ; PILLON, 2016).

- **Uso arriscado:** padrão de consumo previsto na CID-11 que aumenta, consideravelmente, o risco de consequências prejudiciais à saúde física ou mental do usuário e de outras pessoas. Nesse ponto, justifica-se a intervenção de um profissional de saúde, porém o consumo ainda não atingiu o nível de causar danos à saúde física ou mental da pessoa. O risco pode ser decorrente da frequência, quantidade em determinada ocasião, comportamento de risco, contexto de uso ou a combinação desses pontos. O padrão de consumo persiste, apesar do aumento do risco de danos (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2018). Um exemplo desse padrão é consumir uma dose de bebida alcoólica e dirigir em seguida.

- **Uso nocivo (ou prejudicial):** padrão de consumo, previsto na CID-11, que causa prejuízo físico ou mental à saúde, que tenha causado um dano real à saúde física ou mental do usuário, sem que os critérios para dependência sejam preenchidos (BRASIL, 2017).

- **Episódio isolado de uso nocivo:** padrão de consumo incluído na CID-11. Equivale ao padrão de uso nocivo, porém com o dano causado por um único episódio de uso da droga. O consumo em *binge* pode ser um exemplo prático dessa categoria (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2018).

- **Abuso de drogas:** termo utilizado em edição anterior ao DSM-V. O abuso correspondia ao uso nocivo, previsto na CID-11. Atualmente, esse termo não é mais previsto no DSM.

• **Dependência:** padrão previsto na CID-11 (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2018). Ocorre quando três ou mais dos seguintes critérios tiverem sido detalhados ou exibidos em algum momento dos últimos 12 meses:

1. Forte desejo ou senso de compulsão para consumir a substância;
2. Dificuldades em controlar o comportamento de consumir a substância, em termos de início, término e níveis de consumo;

3. Estado de abstinência fisiológica quando o uso da substância cessou ou foi reduzido, evidenciado pela síndrome de abstinência de uma substância específica, ou quando se faz o uso da mesma substância com a intenção de aliviar ou evitar sintomas de abstinência;

4. Evidência de tolerância, de tal forma que doses crescentes da substância psicoativa são requeridas para alcançar efeitos originalmente produzidos por doses mais baixas;

5. Abandono progressivo de prazeres e interesses alternativos, em favor do uso da substância psicoativa. Aumento, também, da quantidade de tempo necessário para obter ou ingerir a substância, assim como para se recuperar de seus efeitos;

6. Persistência no uso da substância, a despeito de evidência clara de consequências nocivas, tais como: danos ao fígado, por consumo excessivo de bebidas alcoólicas, estados de humor depressivos, períodos de consumo excessivo da substância, comprometimento do funcionamento cognitivo etc. Nesse caso, deve-se fazer esforço para determinar se o usuário estava realmente (ou se poderia esperar que estivesse) consciente da natureza e extensão do dano.

TRANSTORNOS DO USO DE SUBSTÂNCIAS: QUAIS?

O termo foi criado no DSM-V ao unir o abuso e a dependência de substância, em um *continuum*, denominado Transtornos do Uso de Substâncias (leves, moderados ou graves), conforme o número de critérios preenchidos (abaixo listados) (BRASIL, 2017).

Um transtorno de uso de substâncias, levando ao comprometimento ou sofrimento clinicamente significativo, é manifestado por pelo menos dois dos seguintes critérios, ocorrido durante um período de 12 meses:

1. Tolerância, definida por qualquer um dos seguintes aspectos: – necessidade de quantidades progressivamente maiores da substância para atingir a intoxicação ou o efeito desejado; – acentuada redução do efeito com o uso continuado da mesma quantidade de substância.

2. Síndrome de abstinência, manifestada por qualquer um dos seguintes aspectos: – síndrome de abstinência característica para a substância; – a mesma substância (ou uma substância estreitamente relacionada) é consumida para aliviar ou evitar sintomas de abstinência.

3. Desejo persistente ou esforços malsucedidos no sentido de reduzir ou controlar o uso da substância.

4. A substância é frequentemente consumida em maiores quantidades ou por um período mais longo do que o pretendido.

5. Muito tempo é gasto em atividades necessárias para a obtenção da substância, na utilização ou na recuperação de seus efeitos.

6. Problemas legais recorrentes relacionados ao uso de substâncias.

7. Uso recorrente da substância, resultando no fracasso em desempenhar papéis importantes no trabalho, na escola ou em casa.

8. Uso continuado da substância, apesar de problemas sociais e interpessoais persistentes ou recorrentes causados ou exacerbados por seus efeitos.

9. Importantes atividades sociais, profissionais ou recreacionais são abandonadas ou reduzidas em virtude do uso da substância.

10. Uso recorrente da substância em situações nas quais isso representa perigo para a integridade física.

11. O uso da substância é mantido apesar da consciência de ter um problema físico ou psicológico persistente ou recorrente, que tende a ser causado ou exacerbado por esse uso.

Como vimos, os dois sistemas classificatórios diferem na terminologia, sendo: uso nocivo (ou prejudicial) ou dependência (CID) e transtornos do uso de substâncias – leve (dois ou três critérios), moderado (quatro ou cinco critérios) e grave (seis ou mais critérios) (DSM).

Outro aspecto fundamental, é que nenhum dos dois critérios menciona a quantidade ingerida de drogas, naturalmente, pois esse elemento é variado e está diretamente relacionado às diferenças individuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, abordamos conceitos, padrões de consumo e classificações das substâncias, bem como os critérios diagnósticos utilizados pela CID e pelo DSM para definir uso, abuso e dependência de SPAs, os quais podem ser utilizados para a identificação de diagnóstico no público de acadêmicos universitários.

Em meio universitário, o padrão de consumo pode não ser suficiente para fechar diagnóstico de dependência, mas podemos enquadrá-lo em uso prejudicial (episódico ou contínuo) ou uso arriscado nos aspectos da CID-11 ou no Transtorno por Uso de Substâncias, pelo DSM-V.

Esses padrões podem influenciar na saúde, relações e rendimento do acadêmico ou de outros ao seu redor. Com isso, conhecimento dos conceitos e padrões de consumo torna-se essencial para uma abordagem profissional no tratamento ou prevenção de agravos à saúde no estudante.

Existem algumas semelhanças e diferenças entre as duas classificações, mas, no geral, ambas auxiliam no diagnóstico dos problemas relacionados ao uso de SPAs. A CID é uma das principais ferramentas epidemiológicas do cotidiano, sendo a sua principal função monitorar a incidência e prevalência de doenças, através de uma padronização universal. É utilizada também por seguradoras de saúde cujos reembolsos dependem da codificação de doenças; gestores nacionais

de programas de saúde; especialistas em coleta de dados; e outros profissionais que acompanham o progresso na saúde global e determinam a alocação de recursos de saúde.

Referências

ABREU, C. de C.; MALVASI, P. A. Aspectos transculturais, sociais e ritualísticos da dependência química. *In*: DIEHL, A.; CORD-EIRO, D. C.; LARANJEIRA, R. (Org.). **Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 67–82.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de doenças mentais/DSM V**. 5ed. Rio de Janeiro: Artmed, 2014.

ANDRADE, A. G.; DUARTE, P. C. A. V.; OLIVEIRA, L. G. (Org.) **I levantamento nacional sobre o uso de álcool e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras**. Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas [Obid], Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo [FMUSP], Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas [SENAD], Brasília, 2010, 284p.

ARNETT, J. J. Emerging adulthood in Europe: A response to Bynner. **Journal of Youth Studies**, n. 9, p. 111-123, 2006.

BRASIL. **Efeitos de substâncias psicoativas**. Ministério da Justiça e Cidadania – Secretária Nacional de Políticas sobre Drogas – SUPERA. Brasília, 2017. p. 144.

CAETANO, R. Epidemiologia do uso de substâncias no Brasil. *In*: DIEHL, A.; CORDEIRO, D. C.; LARANJEIRA, R. (Org.). **Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 15-29.

CARDOSO, L. S.; BUAIZ, V.; PILLON, S. C. Conceitos básicos relacionados às substâncias psicoativas. *In*: SIQUEIRA, M. M. (Org.). **Álcool, tabaco e outras drogas na atenção básica**. 1. ed. Vitória: EDUFES, 2016. p. 21-36.

CESAR, E. L. da R. *et al.* Uso prescrito de cloridrato de metilfenidato e correlatos entre estudantes universitários brasileiros. **Rev. Psiquiatr. Clín.**, São Paulo, v. 39, n. 6, p. 183-188, 2012.

CHITAS, V. C. **Consumo de drogas e outros comportamentos: fatores de risco e fatores de proteção**. Dissertação de Mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – Universidade do Porto, Portugal, 2010.

DELAY, J.; DENIKER, P. **Psico-farmacologie et médicaments psychiatriques**. Les Acquisitions Médicales récentes, Flammarion, 1957, p. 194-209.

DIAS, F. N. **Sociologia da toxicodependência**. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

ERIKSON, E. H. Oito idades do homem. *In*: W. W. Norton (Ed). **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 227-248, 1971.

FERNANDES, T. F. *et al.* Uso de substâncias psicoativas entre universitários brasileiros: perfil epidemiológico, contextos de uso e limitações metodológicas dos estudos. **Cad. Saúde Colet.**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 498-507, dez. 2017.

FERREIRA-BORGES, C.; FILHO, H. C. **Usos, abusos e dependências: alcoolismo e toxicodependência.** Lisboa: Climepsi Editores, 2004.

FOROUZANFAR, M. H. *et al.* Global, regional, and national comparative risk assessment of 79 behavioural, environmental and occupational, and metabolic risks or clusters of risks in 188 countries, 1990-2013: A systematic analysis for the Global Burden of Disease Study 2013. **The Lancet**, v. 386, n. 10010, p. 2287-2323, 5 dez. 2015.

GURGEL, H. L. de C. *et al.* Uso terapêutico do canabidiol: a demanda judicial no estado de Pernambuco, Brasil. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 283-295, set. 2019.

JENKINS, C. Ethnicity, culture, drugs and sex. *In*: AGGLETON, P. A., Ball & P. Mane (Eds.). **Sex, drugs and Young People.** New York: Routledge, 2006. p. 48-62.

MENDES, F. R. Definição e classificação das drogas. *In*: CARLINI, E. L. de A. (org.). **Prevenção ao Uso Indevido de Drogas (PREVINA).** São Paulo: Universidade Aberta do Brasil/Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), 2015. p. 66-79.

MENDONÇA, M.; FONTAINE, A. M. Late nest leaving in Portugal: Its effects on individuation and parent-child relationships. **Emerging Adulthood**, v. 1, n. 3, p. 233-244, 2013.

MOTA, C. P.; ROCHA, M. Adolescência e jovem adultícia: crescimento pessoal, separação-individação e o jogo das relações. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 357-366, set. 2012.

NATIONAL INSTITUTE OF MENTAL HEALTH. **Research Domain Criteria (RDoC)**. Disponível em: <https://www.nimh.nih.gov/research/research-funded-by-nimh/rdoc/index.shtml>. Acesso em: 16 dez. 2020.

PAPALIA, D.; FELDMAN, R. **Desenvolvimento humano**. 12ed. Porto Alegre: Artmed; 2013.

OBSERVATÓRIO EUROPEU SOBRE DROGAS. **Relatório Europeu sobre Drogas: tendências e evoluções**. Luxemburgo: Serviço das publicações da União Europeia, 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10**. Porto Alegre: Artmed, 1993.

PROCHASKA, J. J.; BENOWITZ, N. L. Current advances in research in treatment and recovery: Nicotine addiction. **Science Advances**, v. 5, n. 10, p. eaay9763, 16 out. 2019.

ROCHA, A. M. **Álcool e substâncias psicoactivas no estudante universitário**. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Aveiro, Portugal. 2011.

SCISLESKI, A. C. C. *et al.* Polícias em saúde: quem tem medo de usuários de drogas?. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, RS, v. 3, n. 3, p. 106, set. 2013.

SERVIÇO DE INTERVENÇÃO NOS COMPORTAMENTOS ADITIVOS E NAS DEPENDÊNCIAS (SICAD). **Relatório Anual 2018 – Álcool, Drogas e Toxicodependências**. Lisboa-Portugal. Disponível em: <http://www.sicad.pt/PT/Publicacoes/Paginas/default.aspx> Acesso em: 17 dez.2020.

SILVA, C. J. Critérios diagnósticos e classificação. *In*: DIEHL, A.; CORDEIRO, D. C.; LARANJEIRA, R. (Org.). **Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 60-69.

SUBRINHO, L. Q. *et al.* Cuidado ao consumidor de drogas: percepção de enfermeiros da Estratégia de Saúde da Família. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 834-844, set. 2018.

UNITED NATIONS INTERNATIONAL DRUG CONTROL PROGRAMME. **Demand Reduction: a glossary of terms**. New York: [s.n.], 2000.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. **DRUGS AND AGE: Drugs and associated issues among young people and older people**. Viena: United Nations, 2018.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. **World drug report 2019**. Viena: United Nations, 2019.

WAGNER, G. A.; ANDRADE, A. G. de. Uso de álcool, tabaco e outras drogas entre estudantes universitários brasileiros. **Rev. Psiquiatr. Clín.**, São Paulo, v. 35, supl. 1, p. 48-54, 2008.

WHITE, A.; HINGSON, R. The burden of alcohol use: Excessive alcohol consumption and related consequences among college students. **Alcohol Research: Current Reviews**, v. 35, n. 2, p. 201-218, 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **ICD-11 for mortality and morbidity statistics. Version: 2020**. Geneva: WHO, 2019. Disponível em: <https://icd.who.int/browse11/l-m/en>

ZEFERINO, M. T. *et al.* Consumo de drogas entre estudantes universitários: família, espiritualidade e entretenimento moderando a influência dos pares. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 24, n. spe, p. 125-135, 2015.

Substâncias psicoativas & desempenho acadêmico

*Márcio Wagner Camatta
Alessandra Mendes Calixto
Renata Vasconcellos Mendes
Marluce Mechelli de Siqueira
Sandra Cristina Pillon¹*

INTRODUÇÃO

As substâncias psicoativas (SPAs), compreendidas como drogas com potencial de abuso (lícitas e ilícitas) alteram modos de ser, viver e trabalhar (ABREU *et al.*, 2016). As substâncias psicotrópicas, por outro lado, embora definidas como agentes terapêuticos, têm tido sua função questionada, visto que sua indicação se baseia, em muitos casos, em quadros psiquiátricos inespecíficos (RODRIGUES *et al.*, 2020)

O uso de SPAs estimulantes na contemporaneidade ocorre, em grande parte, por universitários, empresários e profissionais da área de saúde. Se, no passado, o psicotrópico constituía essencialmente

¹ Revisora externa do capítulo

uma forma de operar um transe, nos dias de hoje essas substâncias podem estar associadas ao aumento de produtividade (escolar e profissional) e à crença de melhor sociabilidade ou de desempenho (SHIRAKAWA; TEJADA, 2012).

O consumo de substâncias e seu efeito estimulante sempre esteve presente nas diferentes culturas durante toda a história da humanidade, isto porque o ser humano, “[...] pela própria natureza, busca meios alternativos para aumentar a sensação de prazer e diminuir o desconforto e o sofrimento” (ALVES; CARNEIRO, 2012, p. 1).

A fim de alcançar êxito nesse propósito, as pessoas, principalmente as mais jovens, utilizam substâncias capazes de modificar o funcionamento do sistema nervoso, induzindo sensações corporais e estados psicológicos alterados de forma indiscriminada.

De acordo com a alteração provocada no sistema nervoso central, essas substâncias psicotrópicas podem ser classificadas como depressoras, estimulantes ou perturbadoras (ALVES; CARNEIRO, 2012).

Neste capítulo consideramos que todas as SPAs são tanto quanto aos efeitos buscados com seu uso quanto aos possíveis riscos associados. Observa-se que as SPAs classificadas como estimulantes (anfetaminas, cocaína, nicotina, ecstasy, cafeína, entre outras), ou seja, que estimulam o sistema nervoso central (SNC) e, conseqüentemente, aumentam os níveis de concentração e o estado de vigília, são, muitas vezes, utilizadas pela população em geral para usufruir de seus benefícios, sobretudo entre estudantes, desde o ensino fundamental até o nível universitário (JUSTO, 2018).

Isso porque levam as pessoas a experimentar mais energia e capacidades associadas ao estímulo e processo de pensamento mais dinâmico, colocando-as sob um estado de alerta acima dos níveis basais, causando, na maioria das vezes, a sensação de euforia e bem-estar, com o conseqüente aumento da produtividade de estudo e trabalho, dando conta assim das altas exigências de uma sociedade competitiva (promovem o aumento do desempenho). Dentre as substâncias estimulantes mais usadas, destacam-se as anfetaminas,

as quais, segundo Marcon *et al.* (2012) são um grupo de compostos com ação estimulante em nível periférico e central com alto potencial para gerar dependência.

É fundamental esclarecer que neste capítulo utilizou-se o termo “busca por melhoria do desempenho acadêmico”, enquanto sinônimo de outros termos utilizados por pesquisadores (BARROS, 2009; ORTEGA, 2010; PASQUINI, 2015), tais como: aprimoramento cognitivo, neuroaprimoramento farmacológico, drogas da inteligência ou turbinamento cerebral.

Sabe-se que essas SPAs alteram significativamente o comportamento, pensamento e sentimentos, repercutindo nos modos de ser, viver e trabalhar, o que leva ao seu uso em larga escala, mas também associada a rápida resposta, o desenvolvimento de transtorno por uso de substâncias, sintomas de abstinência e prejuízos globais de funções cognitivas, muito divulgados na literatura científica. Pode-se afirmar que as anfetaminas não são utilizadas exclusivamente para aliviar a angústia existencial e sofrimentos psíquicos como outras SPAs, mas também se constitui numa estratégia para a melhoria do desempenho (*performance*). É fato que a busca dessa finalidade de alta *performance*, cada vez mais exigida em nossa sociedade, surge em meio às transformações ocorridas no modo de produção capitalista desde o último século.

Nesse contexto, a busca por destaque social, o aumento de produtividade relacionada a um alto nível de exigência, os múltiplos desafios, a necessidade de múltiplos focos de atenção, o controle dos altos níveis resultante da ampla e complexa agenda de afazeres e metas geram a sensação de desatenção constante, comportamentos estes resultantes do nosso estilo de vida da sociedade de consumo todo este cenário tem tornado, cada vez mais, um estímulo para as prescrições farmacológicas facilitadoras do uso recreativo (fins de diversão e alteração da consciência) e instrumental (fim determinado – emagrecer, por exemplo).

Assim, vivemos numa sociedade que promete felicidade representada pelo bem-estar, saúde, corpo perfeito, consumo de bens e por um ideal de sucesso que sintetiza todos esses aspectos. O indivíduo contemporâneo passou a conduzir sua vida como se ela fosse uma empresa que, diante da concorrência com os demais, precisa de investimentos ativos e permanentes que possibilitem o sucesso e evitem o fracasso (SAYÃO, 2014, p. 38).

Segundo Collares e Moysés (1994), a educação, assim como outros campos de conhecimento afiliados às ciências sociais, vem sendo “medicalizada” de forma intensa e, para o fracasso escolar e seu reverso, a aprendizagem, se destacam como objetos essenciais desse processo.

Para esses autores, nesse ambiente educacional medicalizante da vida, a “aprendizagem e a não aprendizagem” sempre são consideradas algo individual, presente no aluno, e o docente não tem participação nem responsabilidade nesse processo. Isto porque “[...] Aparentemente, o processo ensino-aprendizagem iria muito bem, não fossem os problemas existentes nos que aprendem” (COLLARES; MOYSÉS, 1994, p. 26). Tal afirmação vai na contramão de muitos teóricos da educação, dentre os quais se destaca Jerome Bruner (1915-2016), quando diz que a aprendizagem não acontece por um único caminho, pois precisa de meios e ambientes que favoreçam o desenvolvimento de habilidades. Respeitando os estágios do desenvolvimento, diz que é fundamental no processo pedagógico a interação entre educador e educando, isto porque, para o autor, o ambiente pedagógico, como qualquer outro ambiente, precisa de equilíbrio para um bom andamento (LIMA, 2017; BRUNER, 2006). Assim, consideramos a importância desse equilíbrio em todo o processo de ensino-aprendizado, bem como o olhar sensível ao contexto em que esse aluno se desenvolve.

Já David Ausbel (1918-2008) acreditava na educação como um processo capaz de conceder ao indivíduo uma experiência subjetiva e cognitiva, de autodesenvolvimento, mas de conexão com o

ser ético social, cujo foco não é o desempenho, mas a aprendizagem significativa, com isso o desenvolvimento global das competências da pessoa atuante e crítica para um modelo de sociedade mais justa e equânime (DISTLER, 2015).

Conforme Marcio (2011), a principal figura do processo educativo é o ser humano, que não se reduz à condição de *homo faber* ou *economicus* porque também é *amicus, ecologicus, esteticus e spiritualis*. Essa perspectiva aponta a necessária superação de um processo de formação humana muito além de habilidades instrumentais que atendam eminentemente ao mercado de trabalho (marcado pela alienação e competição desmedida), mas que de fato proporcionem uma formação humanística e crítico-reflexiva, respondendo a uma concepção de ser humano integral, conectado ao seu universo físico e psíquico – consciência de seu eu interno e externo, localizado no mundo, em um ambiente planetário compartilhado por todos.

Observa-se que a formação tradicional não mais atende às necessidades de um mundo do trabalho em uma sociedade contemporânea (pós-industrial), ao passo que anteriormente, na sociedade pré-industrial e industrial, a figura do camponês e do operário resumia as principais expressões de um tipo social em que a educação era pouco estimulada, ou, quando realizada, tinha um caráter eminentemente instrumental (MASI, 1999).

Em vista dessa crítica, surgiram teorias pedagógicas, como a teoria sociointeracionista da educação e o construtivismo, em que se propõe uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem (LIMA, 2017). Com vistas a superar esses desafios contemporâneos, propuseram-se os quatro pilares da educação para o século XXI baseados no relatório “Educação: Um Tesouro a Descobrir” (UNESCO, 1998) – pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), conhecido por muito como o Relatório Delors, alusivo ao coordenador do trabalho internacional, Jacques Delors.

Esses “quatro pilares” ocupam todo o quarto capítulo, onde se propõe uma educação direcionada para os quatro tipos fundamentais

de educação: 1) aprender a conhecer (adquirir instrumentos de compreensão); 2) aprender a fazer (para poder agir sobre o meio envolvente); 3) aprender a viver juntos (cooperação com os outros em todas as atividades humanas); 4) aprender a ser (conceito principal que integra todos os anteriores) (DELORS, 1998).

Os processos de ensino-aprendizagem como conhecemos costumam focar sobre o domínio do aprender a conhecer e do aprender a fazer. Contudo, são insuficientes, pois estas aprendizagens, direcionadas para a aquisição de instrumentos de compreensão, raciocínio e execução, não podem ser consideradas completas sem os outros domínios da aprendizagem, sendo mais complexos de explorar, devido ao seu caráter subjetivo (MÁRCIO, 2011). Percebe-se aqui que ainda hoje a tônica do processo educativo é conhecer e fazer, muitas vezes para competir e sobressair-se em detrimento aos outros, ficando o caráter humanístico à margem de qualquer reflexão ético-política e humana, criando assim um ambiente propício à competição desmedida.

Diante da análise do contexto de busca pela alta *performance* a fim de corresponder ao ambiente educativo e do trabalho, Brant e Carvalho (2012) afirmam que as SPAs têm sido utilizadas para potencializar *performances* escolares e laborais sob a expectativa de alcançar elevados níveis de produtividade em curto prazo, com baixo custo e alta qualidade. Estas são justificativas apresentadas por quem quer alcançar o sucesso a qualquer custo.

Isso reforça um ambiente hostil e de culpabilização do indivíduo pelo seu desempenho:

A produção do ideal de ser protagonista em cenários de sucesso está articulada ao discurso de que tudo depende, exclusivamente, da força de vontade do sujeito. Nas situações de dificuldades, desesperados por não corresponderem às elevadas expectativas, muitos são capturados por um outro discurso: a superação pode ser obtida por meio da aquisição de produtos de última geração.

Esses produtos descartáveis são vendidos com a promessa de modular desejos, elevarem a autoestima e proporcionarem a sensação de ganho de energia (BRANT; CARVALHO, 2012, p. 624).

Segundo o estudo conduzido em Minas Gerais por Santana *et al.* (2020), é grande a busca de estimulantes por estudantes do ensino médio, sendo preciso destacar os malefícios do uso de estimulantes em longo prazo para essa população, sobretudo a dependência química. Outros estudos apontam que o uso de estimulantes por jovens e adolescentes reforça essa relevância clínica e social, uma vez que gera um grande impacto na sociedade. Isso porque o uso dessas substâncias conduz precocemente os jovens a altos índices de morbidade e mortalidade em países desenvolvidos ou não (SILVEIRA *et al.*, 2015; COLI, 2016). Dessa forma, é necessária a implantação de trabalhos de prevenção com os jovens e de conscientização da população em geral e de professores sobre as implicações orgânicas e psicossociais de curto e longo prazo do seu consumo.

A literatura científica, tanto internacional como nacional, tem apontado que o uso de SPAs por jovens em idade escolar é objeto de diversas investigações, merecendo destaque os estudos que exploraram os seguintes “*padrões de uso*” (BARROS, 2009; DAMIANI *et al.*, 2010; ORTEGA *et al.*, 2010; MARCON *et al.*, 2012):

a) **Terapêutico:** tratar o transtorno do *déficit de atenção* com hiperatividade (TDAH) – processo patológico que afeta crianças em idade escolar;

b) **Risco:** SPAs estimulantes por estudantes do ensino médio – obter resultados bons nos vestibulares e ingresso no ensino superior; e

c) **Prejudicial:** SPAs estimulantes por universitários para melhoria do desempenho acadêmico.

Pasquini (2015), em pesquisa em que estudou os índices de utilização de psicofármacos entre estudantes que prestaram vestibulares, identificou que 34,8 % dos alunos já haviam utilizado ou ainda

utilizavam algum tipo de SPA estimulante a fim de obterem algum tipo de favorecimento em seus estudos.

Silveira *et al.* (2015) realizaram um estudo em que analisaram o uso de SPAs estimulantes por acadêmicos de medicina de uma universidade do sul de Minas Gerais. Dentre os 25% do total de alunos matriculados entre o primeiro e o sexto período do curso de medicina, 57% afirmaram usar alguma SPA estimulante para aumentar a *performance* acadêmica, e mais de 87% afirmaram ter resultados melhores com a prática. Cabe destacar, ainda, que a maioria (95,5%) dos pesquisados que usaram algum tipo de SPA estimulante o fazem sem prescrição médica.

Segundo Canova-Barríos (2017), a utilização de medicamentos prescritos ou de venda livre foi de 26,1% entre os estudantes de enfermagem de uma instituição de ensino superior na Colômbia. Além disso, observou que em período de provas houve um maior índice de hábitos não saudáveis pelos estudantes, sendo muito comum a utilização de SPAs, como cafeína, nicotina e calmantes (CANOVA-BARRIOS, 2017. p. 29).

Marcon *et al.* (2012) afirmam que os medicamentos, especialmente as anfetaminas e outras drogas derivadas, passaram a ocupar um novo lugar no imaginário social, deixando de ser mercadorias simplesmente curativas para se tornarem símbolo de beleza, eficiência e prazer, ou seja, produtos capazes de ajustar o funcionamento orgânico às exigências competitivas da atualidade. Eles ressaltam que “Dentre os usuários comuns de anfetamina, estão os estudantes que consomem essas substâncias para melhorar o desempenho cognitivo” (MARCON *et al.*, 2012, p. 248).

Um derivado da anfetamina muito utilizado por estudantes na expectativa de que, ao consumi-lo, produzirá aumento de sua capacidade cognitiva é o cloridrato de metilfenidato (Ritalina® e Concerta®).

Para Barros (2010) e Sayão (2015), o uso dessas SPAs estimulantes na busca por melhores resultados em exames seletivos

(vestibulares, Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, concursos públicos) tem sido crescentemente discutido, em especial nos países desenvolvidos, e nesse caso, vem sendo tratado como um problema de saúde pública. Todavia, no Brasil essa temática ainda carece de mais pesquisas.

De acordo Concha *et al.* (2018), que tiveram como objetivo investigar a utilização de substâncias lícitas, ilícitas e medicamentos por estudantes de enfermagem, verificou-se que entre as substâncias e medicamentos de venda legal, com ou sem prescrição médica, houve alta prevalência da utilização de estimulantes com 16,3% e de tranquilizantes com 19,8%, sobretudo entre as mulheres (CONCHA *et al.*, 2018).

Por outro lado, segundo o Relatório Mundial sobre Drogas do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime – UNODC (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2018), um estudo comparou a utilização de drogas por estudantes universitários em países da América Latina, identificando que álcool, nicotina e *cannabis* foram as drogas mais utilizadas por estudantes universitários, numa proporção duas vezes maior entre estudantes do sexo masculino. Contudo, destaca-se que outras substâncias, mesmo que não tenham tido relevância estatística neste estudo, foram relatadas como drogas consumidas nessa população – tranquilizantes, cocaína, LSD e inalantes.

Assim, observa-se que o consumo de medicamentos estimulantes parece ser mais consumido pelas mulheres, enquanto que drogas estimulantes (como a nicotina) são mais prevalentes entre os jovens homens.

Cabe ressaltar também que, ao longo de toda a construção deste livro, e de forma mais aprofundada, o Capítulo 1 apresenta ao leitor os efeitos das SPAs no organismo para que ele, em especial o leitor que não possui formação acadêmica na área da saúde, possa refletir melhor a respeito da opção (ou não), pelo consumo sob a forma de uso, abuso e dependência dessas SPAs classificadas como depressoras, estimulantes e perturbadoras.

O início da vida acadêmica é repleto de novas experiências e muitas vezes um período de significativa vulnerabilidade para alguns estudantes, levando-os a implementação de comportamentos não saudáveis, como a utilização de SPAs (TRINDADE *et al.*, 2018, p. 55). Considerando a visão cognitivo-comportamental, a aquisição de conhecimento sobre as consequências negativas da utilização de SPAs, principalmente por estudantes de enfermagem, e o contato desses alunos em atividades teórico-práticas no atendimento de usuários de serviços de saúde podem auxiliar na implementação de comportamentos saudáveis e na redução do consumo de SPAs nessa população específica de estudantes (SOUZA *et al.*, 2018, p. 2).

Segundo Justo (2018), os efeitos causados pelas SPAs estimulantes – aumento do tempo de vigília, dos níveis de concentração e de bem-estar – potencializam, na maior parte dos casos, o desempenho de qualquer indivíduo que delas fizer uso, seja para atividades com exigências intelectuais ou não. Entretanto, este mesmo autor não encontrou estudos que comprovassem que essas SPAs aumentam a inteligência daqueles que delas fizeram uso.

Conforme verificado na literatura, pode-se observar o grande número de estudantes universitários latino-americanos que fazem uso de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas. Alguns estudantes utilizam SPAs sob prescrição médica para tratar de transtorno de concentração ou algum processo patológico, como o uso de medicamentos para o TDAH ou déficit de atenção, mas também há os que utilizam essas substâncias por prazer e pela sensação de alteração da consciência e excitação que elas causam durante o uso.

Na maioria dos estudos observados, o consumo das SPAs por estudantes tem como finalidade proporcionar um melhor desempenho acadêmico para determinado exame ou situação estressora, buscando um maior tempo de vigília durante o estudo. Vale ressaltar que a utilização dessas substâncias durante o estudo é, quando não indicadas para tratamento de alguma condição cognitiva ou patológica, nociva à saúde, devendo ser tratada como um problema de saúde pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, avaliar o processo de ensino-aprendizagem de um indivíduo meramente pautado pela sua *performance* acadêmica reduz esse processo de formação de ser humano em seu processo civilizatório. É negar-lhe a possibilidade de desenvolver suas potencialidades humanas apoiadas nos quatro pilares da educação para o século XXI – aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.

Neste contexto, a reflexão proposta neste capítulo não esgota outros atravessamentos concernentes ao consumo dessas substâncias em contextos competitivos, como na educação e no trabalho. No entanto, busca-se provocar uma reflexão sobre o tipo de sociedade que estamos cotidianamente construindo, sobretudo aqui, quando pensamos sobre a relevância do processo de ensino e aprendizado aos atores envolvidos.

Aponta-se a complexidade do tema e todos os seus eixos: sociais, jurídicos, políticos e subjetivos individuais e coletivos de uma comunidade ou família. O estilo “normal” de vida produzido como modelo nessa sociedade de consumo que considera adequado os fins em detrimento aos meios e suas consequências individuais e coletivas. Compreendemos como necessário o debate social sobre o estímulo ao uso de substâncias estimulantes, os facilitadores, a falta de barreiras para compra e consumo destas, sobre o modelo de educação, sobretudo o comportamento exigido das crianças e jovens para corresponderem às metas competitivas determinadas pelo mundo do estudo e do trabalho, assim como em cadeia se operam as relações trabalhistas que estão focadas nas exigências e não nas competências, para só então podermos francamente enfrentar a questão do uso indiscriminado de SPAs.

Referências

ABREU, A. M. M.; PARREIRA, P. M. S. D.; SOUZA, M. H. N.; BARROSO, T. M. M. D. A. Perfil do consumo de substâncias psicoativas e sua relação com as características sociodemográficas: Uma Contribuição para Intervenção Breve na Atenção Primária à Saúde, Rio de Janeiro-Brasil. **Texto Contexto Enferm.**, 2016; v. 25, n. 4, e1450015.

ALVES, B. E. P.; CARNEIRO, E. O. **Drogas psicoestimulantes: uma abordagem toxicológica sobre cocaína e metanfetamina.** Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia. 2012.

BARROS, D. B. **Aprimoramento cognitivo farmacológico: grupos focais com universitários.** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

BRANT, L. C.; CARVALHO, T. R. F. Metilfenidato: medicamento gadget da contemporaneidade. **Interface**, v. 16, n. 42, p. 623-636, 2012.

BRUNER J. **Sobre a teoria da instrução.** São Paulo: PH Editora; 174p. 2006.

CANOVA-BARRIOS, C. Estilo de vida de estudantes universitários de enfermagem de Santa Marta, Colômbia. **Revista Colombiana de Enfermagem**, n. 14, p. 23-32, 2017.

COLI, A. C. M.; SOUSA, M. P.; NAKASU, M. V. P. Uso não prescrito de metilfenidato entre estudantes de uma faculdade de medicina do sul de Minas Gerais. **Rev. Ciênc. Saúde**, n. 6, n. 3, p.1-11,2016.

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico (a patologização da educação). **Série Ideias**. n. 23, p. 25-31, 1994.

CONCHA, V. F. U. *et al.* Percepción de riesgos y consumo de drogas en estudiantes universitarios de enfermería, Arequipa, Perú. **Enfermería Actual En Costa Rica**, n. 36, p. 1-17, 2018.

DAMIANI, D.; CASELLA, E. Hiperatividade e déficit de atenção – O tratamento prejudica o crescimento estatural? **Arq. Bras. Endocrinol. Metab.**, [online]. v. 54, n. 3, p. 262-268, 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S0004-27302010000300003> Acesso em: 15 out 2020.

DELORS, J. (Org.) **Educação – um tesouro a descobrir**: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998.

DISTLER, R. R. Contribuições de David Ausubel para a intervenção psicopedagógica. **Rev. Psicopedagogia** 2015; v. 32, n. 98, p. 191-199. Disponível em: <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/45/contribuicoes-de-david-ausubel-para-a-intervencao-psicopedagogica> Acesso em: 15 out 2020.

FREITAS, W. R. S.; JABBOUR, C. J. C. Utilizando estudo de caso(s) como pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. **Estudo & Debate**. v.18, n. 2, p. 7-22, 2011.

JUSTO, J. M. **O consumo de substâncias psicoativas por estudantes do ensino superior**: quais fatores estão associados a essa prática. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória-ES, 2018. 312p.

LIMA, V. V. Espiral construtivista: uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação** [online]. 2017, v. 21, n. 61 [Acessado 13 dezembro 2020], pp. 421-434. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0316>. Epub 27 Out 2016. ISSN 1807-5762. <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0316>.

MÁRCIO, J. **Os quatro pilares da educação**: sobre alunos, professores, escolas e textos. São Paulo: Textonovo, 2011.

MARCON, C.; SILVA, L. A. M.; MORAES, C. M. B. et al. Uso de Anfetaminas e substâncias relacionadas na sociedade contemporânea. **Disciplinarum Scientia**. Série: Ciências da Saúde, v. 13, n. 2, p. 247-263, 2012.

MASI, D. **O futuro do trabalho**: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. São Paulo: José Olímpio Editora, 1999.

ORTEGA, F. et al. Ritalina no Brasil: produções, discursos e práticas. **Interface – Comunic. Saúde, Educ.**, v. 14, n. 34, p. 499-512, 2010.

PASQUINI, N. C. Fármacos para turbinar o cérebro, uso por quem pretende entrar na universidade. **Electronic Journal of Pharmacy**. v. 12, n. 3, p. 36-42, 2015.

PRADO, M. L; SCHMIDT, K. R. **Paulo Freire**: A boniteza de ensinar e aprender na saúde. Florianópolis-SC: NFR/UFSC, 2016.

RODRIGUES, P. S. *et al.* Uso e fontes de obtenção de psicotrópicos em adultos e idosos brasileiros. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 25, n. 11, p. 4601-4614, 2020.

SAYÃO, M. N. O culto (in)quieto do eu eficaz. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, n. 37, p. 35-41, 2015.

SANTANA, L. C. *et al.* Consumo de Estimulantes Cerebrais por Estudantes em Instituições de Ensino de Montes Claros-MG. **Rev. Bras. Educ. Med.**, v. 44, n. 1, e036, 2020.

SAVIANI D. **Escola e democracia**. 41 ed. Campinas: Autores Associados; 2009.

SHIRAKAWA, D. M.; TEJADA, S. N; MARINHO, C. A. F. Questões atuais no uso indiscriminado do metilfenidato. **Omnia Saúde**. v. 9, n. 1, p. 46-53, 2012.

SILVEIRA, V. I.; OLIVEIRA, R. J. F.; CAIXETA, M. R.; ANDRADE, B. B. P.; COSTA, R. G. L.; SANTOS, G. B. Uso de psicoestimulantes por acadêmicos de medicina de uma universidade do sul de Minas Gerais. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**. v. 13, n. 2, p. 186-192, 2015.

SINGER, P. A. Universidade no olho do furacão. **Dossiê Educação**, v. 15, n. 142, p. 305-316, 2001.

SOUZA, J. *et al.* Consumo de drogas e conhecimento sobre suas consequências entre estudantes de graduação em enfermagem. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 27, n. 2, p. 1-10, 2018.

TAVARES, M. G. **Expansão do ensino superior no Brasil**: a contribuição dos Institutos Federais. IFC: Rio do Sul-SC, 2013.

TEIXEIRA, M. A. P. *et al.* Adaptação à universidade em jovens calouros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. v. 12, n. 1, p. 185-202, 2008.

TRINDADE, B. P. A. *et al.* Uso de drogas entre estudantes universitários: uma perspectiva nacional. **Revista de Medicina e Saúde de Brasília**, v. 7, n. 1, p. 52-60, 2018.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. **World drug report 2018**. United Nations Publications, 2018.

Saúde mental entre universitários: o estado da arte

Bruno Pereira da Silva
Marcos Vinícius Ferreira dos Santos
Márcio Wagner Camatta
Marluce Mechelli de Siqueira
Sandra Cristina Pillon
Carlos Alberto da Cruz Sequeira¹

INTRODUÇÃO

A saúde mental dos estudantes do ensino superior (EES) tem sido bastante comprometida nas últimas décadas (BLANCO *et al.*, 2008; GUTHMAN, IOCIM, KONSTAS, 2010; STORRIE, AHERN, TUCKETT, 2010b) em decorrência de importantes prevalências de transtornos mentais (26%) (HUSSAIN, GUPPY, ROBERTSON, TEMPLE, 2013), estresse psicológico (26,2%) (VERGER *et al.*, 2009;

1 Revisor externo do capítulo.

CLEARY, WALTER, JACKSON, 2011), depressão (17,3%), de ideação suicida e comportamentos autolesivos (15,3%) (EISENBERG, HUNT, SPEER, 2013).

Na Europa, a *World Health Organization* (WHO) aponta para um decréscimo da saúde mental e um aumento das doenças mentais, impactando em 11% da população. Acometendo 10% a 20% dos jovens adultos (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2008; 2013), torna-se um sério problema de Saúde Pública (STORRIE, AHERN, TUCKETT, 2010a).

A escolha de estudar a saúde mental dos universitários deve-se à proximidade institucional com esta população e com as evidências que na transição do ensino médio para o superior os estudantes estão expostos a circunstâncias que aumentam o risco de desencadear problemas de saúde mental (KENNEY & HOLAHAN, 2008; VERGER *et al.*, 2009; AZEVEDO, ELIAS, SAMORINHA, MAIA, 2010; GUTHMAN *et al.*, 2010; JOHNSON, GANS, KERR, LAVALLE, 2010; CLEARY *et al.*, 2011; VENEZIA & JAEGER, 2013).

Os problemas de saúde mental afetam os vários aspectos da vida dos estudantes (físico, emocional, cognitivo, desempenho acadêmico e social), ou seja, o seu funcionamento global (CHOW, 2010), resultando em graves transtornos mentais, dentre eles o suicídio (BAYATI, BEIGI, SALEHI, 2009; AMERICAN COLLEGE HEALTH ASSOCIATION, 2011; 2014). Somado a isto, os estudantes precisam obter resultados acadêmicos positivos, sendo a sua saúde mental vital, sobretudo neste processo de transição (SEQUEIRA *et al.*, 2014) que se configura como uma *transição múltipla*, situação que incrementa o risco de desequilíbrio e respostas humanas desajustadas, compromete o seu bem-estar (MELEIS, 2010).

No Brasil foi realizado o I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras, mostrando que dentre as substâncias lícitas o álcool foi a mais consumida nos últimos 12 meses (70%) e que cerca de 34% consumiram o álcool em “*binge*”, sendo cinco ou mais doses-padrão de álcool

entre o sexo masculino, enquanto para o sexo feminino quatro ou mais doses. Em relação às substâncias ilícitas, 36% dos universitários as usaram pelo menos uma vez, destacando a maconha como a mais utilizada (14%) (ANDRADE; DUARTE; OLIVEIRA, 2010).

De acordo com o Fórum de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE) realizado em 2003, 2010, 2014 e 2018, os estudantes relataram dificuldades emocionais interferindo na vida acadêmica em 36,9%, 47,7%, 79,8% e 83,5% dos universitários respectivamente; sendo observado um acréscimo linear nos últimos 15 anos, associado a um aumento do consumo de SPAs nos últimos 12 meses – lícitas (63,9% álcool e 11,2% tabaco), seguido das ilícitas (7,8%, p.ex. maconha) (FONAPRACE, 2019).

Por outro lado, em países europeus, como Portugal, sabe-se pouco sobre a saúde mental dos universitários, especialmente a saúde mental positiva, bem-estar, dimensão que tem sido negligenciada em termos de políticas públicas, merecendo destaque as focadas na prevenção (EISENBERG, GOLBERSTEIN, HUNT, 2009; EISENBERG, HUNT, SPEER, ZIVIN, 2011; KEYES *et al.*, 2012; EISENBERG *et al.*, 2013). A despeito disto, o “bem-estar” é um relevante indicador do funcionamento físico, emocional, cognitivo, acadêmico e interpessoal.

Norteados pela definição de saúde mental, como sendo o “*aproveitamento pleno das potencialidades e capacidades cognitivas, relacionais e afetivas, bem como enfrentar as dificuldades da vida, produzir trabalho e contribuir para ações em sociedade*” (WORDL HEALTH ORGANIZATION, 2003 p. 7), fica implícito que a saúde mental é um Bem intrínseco e essencial ao desenvolvimento do potencial humano. Portanto, assume-se que a saúde mental é indissociável tanto da saúde como do bem-estar psicológico, e que se constrói desde os primeiros anos de vida num *continuum* vivencial, no âmbito das condições facilitadoras *vs* obstáculos em que se vive (WORDL HEALTH ORGANIZATION, 2012).

A literatura mostra ainda que a saúde mental é influenciada pela etapa do ciclo vital e por uma multiplicidade de condições

interdependentes (biológicas , psicossociais, culturais, ambientais) (WORDL HEALTH ORGANIZATION, 2012). Por conseguinte, resulta do equilíbrio entre características individuais, condições de vida, comportamentos, e da rede sociofamiliar. À luz desta matriz dinâmica, algumas variáveis podem ser preditoras de melhor ou pior saúde mental (WORDL HEALTH ORGANIZATION, 2012, 2015). Neste sentido, a saúde mental tem sido estudada com base num constructo bidimensional: uma dimensão positiva – Bem-Estar Psicológico e uma negativa – *Distress Psicológico* (VEIT, WARE, 1983; WARE, MANNING, WELLS, DUAN, NEWHOUSE, 1984).

Ingressar na universidade, ou seja, no ensino superior, envolve um processo de ajustamento exigente, apesar do potencial de desenvolvimento que implica. Segundo Meleis (2010), qualquer *transição* é uma fonte potencial de desequilíbrio, pois engloba processos intrapsíquicos como “*desorientação, stress, irritabilidade, ansiedade e depressão*”, Chick e Meleis (1986, p. 241).

Monitorar a saúde mental é uma prioridade assumida no âmbito das políticas de saúde, tanto em nível internacional *WHO's Comprehensive Mental Health Action Plan 2013-2020* (WORDL HEALTH ORGANIZATION, 2012, 2015) como nacional, plasmada no *Plano Nacional de Saúde Mental para 2007-2016* (Ministério da Saúde, 2008). Contudo, avaliar a saúde mental entre universitários não tem sido consensual ou fácil, na medida que neste período do ciclo vital converge um conjunto de circunstâncias que acrescentam complexidade ao seu estudo. Por conseguinte, algumas variáveis relevantes têm sido pouco estudadas nesta população (ENGIN, GURKAN, DULGERLER, ARABACI, 2009; SCHWARTZ, FRIEDMAN, 2009).

No panorama nacional, pouco se conhece sobre a saúde mental dos universitários, numa perspectiva Holística, Salutogênica e positiva. A revisão da literatura revela que os estudos de caracterização relativos ao ano de ingresso no Ensino Superior são escassos. Focam-se sobretudo em aspetos negativos da saúde mental, não abordam a globalidade das dimensões da *pessoa* dos estudantes (COSTA,

LEAL, 2004; 2008; VENEZIA, JAEGER, 2013), e persistem dúvidas em torno das relações e sentido entre variáveis biopsicossociais e a saúde mental entre universitários (KEYES *et al.*, 2012; EISENBERG *et al.*, 2013; ALMEIDA, 2014).

Observa-se que os estudos são omissos quanto à natureza preditiva entre variáveis sociodemográficas e relacionais, acadêmicas, comportamentos de saúde e variáveis psicoafetivas e a saúde mental positiva (bem-estar psicológico) e negativa (*distress* psicológico). Além disso, desconhecem-se estudos que investigaram variáveis psicológicas ou afetivas (satisfação com suporte social; com a vida acadêmica; acontecimentos negativos na vida; vulnerabilidade psicológica e sua percepção) em estudantes como preditores de Bem-Estar e/ou *Distress Psicológico*.

Face ao exposto, considerando que o bem-estar é um campo de estudo e de intervenção das disciplinas de enfermagem (MORSE, 2006), é no domínio da saúde que situamos este estudo. Assim, abordaremos a saúde mental dos estudantes segundo uma visão integradora da globalidade e do funcionamento positivo da pessoa do estudante, no âmbito da relação situacional em que se encontra “estudantes-ambiente acadêmico”.

A Teoria Transicional (MELEIS, 2012) proporciona uma leitura e interpretação da complexidade das relações de influência que emergem entre esta díade. Permitindo conhecer e elucidar quais as condições (variáveis preditivas) do domínio individual e contextual (sociofamiliar e comunidade) se constituem facilitadoras vs obstáculos das respostas positivas de saúde mental. Dado que se desejava averiguar se as mudanças, numa ou em mais destas variáveis (preditivas), estão correlacionadas com mudanças no Bem-Estar *Psicológico ou Distress Psicológico* dos estudantes do ensino superior (EES - dependentes), efeito definido como covariância. Nesse sentido, os desenhos correlacionais preditivos são os mais adequados para informar sobre estes efeitos de influência preditiva (PES-TANA; GAGEIRO, 2007).

Assim, a finalidade deste capítulo é caracterizar a saúde mental dos estudantes e estudar as relações entre as condições individuais e do contexto acadêmico, visando identificar preditores de bem-estar e *distress* em estudantes do ensino superior (EES) , contribuindo com dados que apontem para indicadores, que podem funcionar como *screening*, fundamentando intervenções de facilitação da transição, que se desejam precoces, ajustadas e promotoras de saúde mental.

SAÚDE MENTAL ENTRE UNIVERSITÁRIOS: UM PROBLEMA ATUAL

Estudar a saúde mental dos universitários é importante, pois verifica-se um aumento dos problemas de saúde mental nas sociedades contemporâneas em geral. Os problemas de saúde mental têm impactos marcantes e duradouros na saúde e no bem-estar dos estudantes, comprometendo o desenvolvimento e a maturidade (cognitiva, psicossocial e vocacional), além de interferirem na vida acadêmica, diminuindo o rendimento escolar e aumentando a taxa de abandono (EISENBERG; GOLBERSTEIN; HUNT, 2009; CHOW, 2010; EISENBERG et al., 2013; ACHA, 2014).

Na realidade, os universitários encontram-se num período crítico do seu desenvolvimento, com repercussões futuras ao nível da sua segurança econômica e bem-estar.

As evidências científicas mostram uma porcentagem elevada de estudantes com sintomatologia significativa, com preponderância de estresse , ansiedade, perturbações do humor, do sono, alimentares, abuso de substâncias psicoativas (p. ex . automutilação, ingestão de doses tóxicas de fármacos ou substâncias psicoativas) (ROYAL COLLEGE OF PSYCHIATRICS, 2011; ACHA, 2012, 2014; CARVALHO et al., 2013; GRESS-SMITH; ROUBINOV; ANDREOTTI; COMPAS; LUECKEN, 2015; NOGUEIRA; BARROS; SEQUEIRA, 2017).

Parcela significativa de jovens, especialmente do primeiro ano da graduação, apresenta um conjunto de dificuldades e problemas

preexistentes, transferindo-os para o contexto acadêmico (dificuldades emocionais, relacionais, gestão de estresse, ansiedade e doença mental) (CERCHIARI *et al.*, 2005; EISENBERG *et al.*, 2009; VERGER *et al.*, 2009; REYES-RODRÍGUEZ *et al.*, 2012), e existe evidência de que o aumento de casos graves de ansiedade e depressão pode derivar dessas comorbidades prévias (GUTHMAN *et al.*, 2010).

Estima-se que entre 15% e 25% dos estudantes sofram de algum tipo de transtorno mental durante a sua formação acadêmica, com destaque para a ansiedade e a depressão (ADEWUYA *et al.*, 2006; STORRIE, 2010; HUNT; EISENBERG, 2010; EISENBERG, 2010; EISENBERG *et al.*, 2013).

A saúde mental dos estudantes universitários no contexto brasileiro

No Brasil, os problemas de saúde mental são bastantes relevantes tanto na população geral como específica, dentre elas, os estudantes universitários, estando os mesmos, alinhados com as evidências científicas internacionais, oriundas da Europa (COSTA; LEAL, 2004; CRUZ, 2008; CUSTÓDIO; PEREIRA; SECO, 2009), EUA, Austrália ou Ásia. Assim, o *1º Relatório do Estudo Epidemiológico Nacional de Saúde Mental em Portugal em 2013* mostra uma prevalência de 16,5% de transtornos de ansiedade, 7,9% de humor, 6,8% de depressão grave e 1,6% de abuso e dependência de álcool (ALMEIDA *et al.*, 2011), dados semelhantes aos transtornos mentais entre universitários brasileiros.

À semelhança de outros países, os estudos nacionais também mencionam como principais problemas dos estudantes as dificuldades de ordem emocional; perturbações de adaptação, ansiedade, depressão, problemas relacionados com métodos de estudo, dificuldades escolares e problemas familiares; rendimento escolar, depressão, baixa autoestima, variações do humor, ansiedade aos exames e problemas relacionais (SILVA, 2013; SILVA *et al.*, 2014; DALBOSCO, 2028; SOUZA, 2021).

A adaptação ao contexto acadêmico é um processo multidimensional que envolve a “satisfação” dos estudantes a condições de natureza intrapessoal, interpessoal e contextual. Implica um *continuum*, intimamente associado aos processos de aprendizagem e ao ambiente acadêmico. Embora envolva transformações complexas e de várias ordens, o ajustamento é um processo que conduz o estudante a um estado emocional positivo (SOARES *et al.*, 2006).

O universitário está preparado para reagir a qualquer alteração importante na sua vida, buscando restaurar o seu equilíbrio, ou seja, “nas relações associadas ao papel social esperado, nas expectativas e nas capacidades” (p. 332). Nesse intuito, ele mobiliza seus recursos internos e contextuais no processo de adaptação ao ensino superior (DIAS, 2006; SOARES; ALMEIDA, 2011). Porém, para que este ajustamento seja bem-sucedido, é essencial que ele tenha concluído as tarefas esperadas, com autoestima positiva e competência nos diversos papéis desempenhados. E, segundo Townsend (2011) e Zeigler-Hill (2013), estes dois indicadores são imprescindíveis à autonomia e bem-estar psicológico.

Os estudantes com baixa autoestima, em geral, apresentam *déficit* de autonomia e capacidade de enfrentamento das adversidades, comprometendo a dimensão cognitiva (aprendizagem, baixo rendimento), relacional (*déficit* na comunicação verbal e não verbal), psicofisiológica (libido, apetite, sono), humor (ansiedade, depressão, instabilidade emocional). O equilíbrio entre as várias “dimensões” determina o bem-estar e o funcionamento global (BRANDEN, 2011; NUNES *et al.*, 2013). Nesta dinâmica estão também implicadas as variáveis do ambiente acadêmico, que acrescentam complexidade à teia de relações “estudante-contexto acadêmico” e condicionam a satisfação com a vida acadêmica.

A adaptação acadêmica inclui diversos componentes que convergem para a satisfação com a vida neste ambiente, que por sua vez se agregam em torno de quatro áreas importantes (ALMEIDA; SOARES; FERREIRA, 2002; GRANADO *et al.*, 2005; BARDAGI; HUTZ, 2010; SOARES; SOARES; ALMEIDA, 2011; SANTOS; POLYDORO; SCORTEGAGNA; LINDEN, 2013). Os componentes da “satisfação e adaptação” do estudante ao ambiente acadêmico são apresentados no Quadro 2, sobre as dimensões e dos elementos envolvidos.

Quadro 2: Dimensões e elementos presentes na adaptação acadêmica

Adaptação acadêmica	Envolve desempenho acadêmico, a motivação, a identificação de objetivos acadêmicos e a satisfação com o ambiente acadêmico.
Adaptação social	Envolve as relações interpessoais, a satisfação com a socialização e as redes de suporte social.
Adaptação pessoal e emocional	Compreende o modo como o estudante se posiciona e sente relativamente à instituição.

Fonte: ALMEIDA; SOARES; FERREIRA, (2002).

Desafios: (do) ou (no) ambiente acadêmico

Os desafios do ambiente acadêmico são extensos, de várias ordens, e nem sempre os universitários estão preparados para o enfrentamento. O ano de ingresso é o mais crítico, implicando mudanças marcantes no seu cotidiano (KRALIK *et al.*, 2006; HICKS; HEASTIE, 2008). Ou seja, torna-se um período exigente devido à vulnerabilidade inerente

do seu desenvolvimento *em transição*, acrescido pela natureza *situacional* (CHICK; MELEIS, 1986; MELEIS, 2011).

Kenny e Holaham (2008) defendem que o ambiente acadêmico pode afetar o desenvolvimento e a saúde do estudante devido aos efeitos cumulativos dos múltiplos desafios que convergem neste período, que exigem sucessivos processos de adaptação e gestão de emoções negativas. O ambiente acadêmico é estressante e competitivo, podendo impactar no organismo modificando o nível da cognição e percepção emocional, afetando negativamente o funcionamento, o comportamento, mas, sobretudo, debilitando a saúde e o bem-estar (SEVLEVER; RICE, 2010; HAMAIDEH, 2011; CONLEY *et al.*, 2013), por isso é preocupante a presença de problemas emocionais entre estudantes universitários (GOH; CHIU, 2009; ACHA, 2011; 2014; NATIONAL ALLIANCE ON MENTAL ILLNESS, 2012).

Embora seja esperado um desequilíbrio e tensão inicial na vida acadêmica, observa-se que as crises adaptativas intensas para os estudantes, quer em nível pessoal, acadêmico ou social, estão relacionadas aos níveis de ansiedade decorrentes desta nova situação (BROOKS; DUBOIS, 2009; CONLEY; TRAVERS; BRYANT, 2013). Estes estados emocionais negativos podem perturbar ou interromper o desenrolar das tarefas cotidianas, com destaque para as educativas, além de desencadear um conjunto de alterações emocionais, somáticas e comportamentais (KRUMREI-MANCUSO *et al.*, 2013).

De acordo com Costa e Leal (2008), a saúde mental negativa dos estudantes está associada ao contexto acadêmico, mas também à mudança de casa e de círculo de amigos, à eventual perda de relacionamentos e ao confronto com novos métodos de ensino-aprendizagem, que causam sentimentos negativos e tensão psíquica.

O *Ambiente* corresponde à totalidade das relações humanas do cotidiano da vida, não se limitando simplesmente ao *setting* habitual da pessoa (quarto, família e significativos) ou às relações com os profissionais de saúde. Inclui as estruturas e os contextos socioeconômicos, uma vez que dele emergem constrangimentos, isto é, obstáculos

que influenciam a saúde, limitam o potencial humano e a cidadania. Por outro lado, promover, manter e regular/mudar o ambiente é um desígnio do cuidado e das terapêuticas, pois é sabido que os ambientes saudáveis ajudam na promoção, manutenção e melhoria da saúde (MELEIS, 2011).

É nesta lógica que debruçamos o nosso olhar para o contexto acadêmico, isto é, como um ambiente físico, mas sobretudo relacional que reflete a dinâmica e a cultura da comunidade acadêmica que inclui um conjunto de relações de reciprocidade que influenciam o cotidiano dos universitários, determinando a sua satisfação e bem-estar (SCHLEICH; POLYDORO; SANTOS, 2006; BARDAGI; HUTZ, 2012). No âmbito destas relações de interdependência, e no caso específico “estudantes-contexto acadêmico”, é possível diferenciar “Condições Facilitadoras e Obstáculos”, isto é, condições de ordem individual e contextual que favorecem ou dificultam os processos positivos de saúde (MELEIS, 2010), que refletem a totalidade das dimensões da pessoa universitária.

No contexto acadêmico, a dimensão comportamental assume particular relevância, dada a multiplicidade de relações que o determinam. A gênese do comportamento humano tem várias explicações teóricas (AHERN, 2009; LEVINE; MANNING, 2012). As teorias biológicas sugerem que os comportamentos resultam da predisposição genética ou efeitos hormonais. As teorias psicológicas atribuem a origem do comportamento às competências cognitivas, à procura de novas sensações e ao impacto dos traços de personalidade e da autoestima. As teorias sociais analisam o papel da família, dos pares e das normas sociais na explicação dos comportamentos humanos (SWENSON *et al.*, 2008). Por conseguinte, o comportamento dos universitários é multifatorial, e um mesmo fator pode conduzir a diversos comportamentos (CAMERON; MOSS-MORRIS, 2010; MÖLLER, 2012; PEPPER; NETTLE, 2014).

De acordo com alguns autores, as atitudes de risco em estudantes podem cumprir funções no seu desenvolvimento. A experimentação,

de substâncias psicoativas, por exemplo, facilita a integração entre pares, promovendo a aceitação, o envolvimento e oportunidades de aprendizagem (SWENSON *et al.*, 2008). Não obstante, a fronteira entre a experimentação e suas consequências negativas é tênue e ambígua.

Este período de maior liberdade e autonomia propicia e expande as relações interpessoais e impulsiona a múltiplas experiências e a novos hábitos, como frequentar bares, discotecas e locais de lazer e convívio. Práticas, por vezes ritualizadas, condicionam facilmente os comportamentos de saúde, favorecem os consumos de álcool, tabaco, outras substâncias ou comportamentos sexuais de risco, uma vez que a pressão do ambiente acadêmico é muito intensa e determinante (FROMME *et al.*, 2008; RODRIGUES *et al.*, 2014).

Por outro lado, dormem menos, de forma irregular, resultando em déficit ou distúrbio na qualidade do sono entre universitários, constituindo um dos problemas de saúde mais pertinentes na sociedade ocidental.

O sono é uma necessidade humana básica, psicofisiológica, uma vez que é parte integrante dos mecanismos de regulação dos ritmos biológicos, do equilíbrio fisiológico e hormonal e do estado mental. Os padrões do sono coexistem em interdependência com outros sistemas e processos cognitivos, de memória, de aprendizagem, de pensamento e estados de tensão física e psíquica, condicionando o desempenho e a produtividade (TOWNSEND, 2011). As alterações no padrão de sono têm impactos no rendimento acadêmico e na saúde mental dos estudantes (LUND; REIDER; WHITING; PRICHARD, 2010; TAYLOR *et al.*, 2011; CHEN; GELAYE; WILLIAMS, 2013).

Dentre os desafios cotidianos da vida acadêmica, a literatura de modo geral aponta para três áreas interdependentes:

- **Do desenvolvimento.** A separação da família e dos amigos é apontada como um importante desafio que condiciona a saúde mental e bem-estar dos universitários. Sair de casa dos pais pela primeira vez é uma experiência vivida de modo distinto pelos jovens (VAN TILBURG; VINGERHOETS; VAN HECK, 2006). Viver sozinho ou

com pares implica a assunção de novas responsabilidades e a gestão cotidiana de tarefas domésticas, do tempo e do dinheiro (COSTA; LEAL, 2004; THURBER; WALTON, 2012). Estar deslocado, para alguns, significa conciliar a sua vida acadêmica com uma atividade laboral (completa ou parcial).

Neste contexto de maior liberdade e autonomia, muitos dormem menos, têm uma alimentação mais pobre e adotam mais facilmente comportamentos de risco (consumos e condução sob efeito de álcool, substâncias ilícitas e comportamentos sexuais de risco). Por conseguinte, é compreensível que seja nos primeiros anos que os estudantes enfrentem os principais desafios de adaptação (TROCKEL *et al.*, 2000; TAVARES, 2008; VERGER *et al.*, 2009).

Porém, estar ou não deslocado pode ser entendido como oportunidade de autonomia e desenvolvimento, uma aventura que desperta emoções fortes e curiosidade ou, pelo contrário, uma inevitabilidade que acarreta angústias e inquietações.

- **De natureza acadêmica.** O primeiro ano de curso confronta o estudante com desafios marcantes devido às mudanças e exigências relativas ao tipo de ensino (BARDAGI; HUTZ, 2010; 2012). Os “calouros” sentem maiores dificuldades e apresentam maior risco, devido às múltiplas adaptações que enfrentam num curto espaço de tempo, às quais tem de responder com eficácia e sucesso acadêmico, conjugando as expectativas parentais (relativa às notas, preocupações financeiras e sociais) (HICKS; HEASTIE, 2008).

Ao longo do curso, emergem também outras questões relativas à permanência e sucesso acadêmico, tais como a capacidade de aprendizagem, o desempenho acadêmico e o bem-estar, que são afetados por múltiplos fatores (emocionais, familiares, comportamentais ou perturbação mental) (CHOW, 2010; SEVLEVER; RICE, 2010; CLEARY *et al.*, 2011; KEYES *et al.*, 2012).

Ensino menos estruturado, ritmos mais acelerados, métodos pedagógicos e avaliação diferentes e menor acompanhamento pelos professores. As regras são menos claras, mais flexíveis. Envolve a

escolha da carreira e objetivos profissionais futuros e maior seletividade na apreensão dos conteúdos (JOHNSON *et al.*, 2010; BARDAGI; HUTZ, 2010, 2012).

- **Desequilíbrios emocionais.** O ingresso no ensino superior, embora seja um momento de grande satisfação, pode corresponder a um acontecimento de grande tensão e desequilíbrio emocional para alguns estudantes (WONG *et al.*, 2006). A evidência indica que os principais problemas dos estudantes se prendem a perturbações depressivas, ansiedade e dificuldades interpessoais, que limitam a resolução das tarefas desenvolvimentais e a cognição (deteriora o desempenho acadêmico), aumentando a probabilidade de abandono escolar (EISENBERG, GOLLUST, GOLBERSTEIN; HEFNER, 2007; SANTOS, VEIGA; PEREIRA, 2012). SANTOS *et al.* (2010) referem que os estudantes portugueses deslocados apresentam níveis de adaptação mais baixos do que os não deslocados, não sendo, no entanto, esta situação sentida como negativa.

A separação da família e dos amigos (principal fonte de suporte) é um dos principais motivos de angústia sentida pelos estudantes nos primeiros meses. Este estado cognitivo e emocional negativo é induzido pela gestão das emoções negativas – designado de *homesickness*, quando é causado pelas saudades de casa e pelo afastamento da sua rede familiar ou *friendsickness*, se é provocado pelo receio de perder os amigos e/ou devido à preocupação com possíveis mudanças nessas amizades prévias (VAN TILBURG; VINGERHOETS; VAN HECK, 1999; TOGNOLI *et al.*, 2007).

Ambos se manifestam por sintomas depressivos, ruminações e queixas somáticas (THURBER; WALTON, 2012), e têm muitas afinidades com nostalgia, ansiedade de separação, luto ou depressão (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013). Soares; Guisande; Almeida (2007) relatam que cerca de metade dos estudantes deslocados sofre níveis moderados ou severos de *friendsickness* e que se sentem mais sós, apresentando níveis inferiores de autoestima e pior adaptação à universidade que os não deslocados.

Embora a exigência dos desafios que se colocam ao estudante seja amplamente reconhecida, também é certo que qualquer processo de ajustamento implica sempre um período precedido por um desequilíbrio até ao restabelecimento de um novo ajustamento. De acordo com Meleis (2010), neste período de transição, o novo equilíbrio manifesta-se por *Bem-Estar* e mestria, isto é, por uma resposta humana adaptativa, caracterizada por sentimentos positivos, de empoderamento (sentimento *de poder, ser capaz de fazer*) e competência (SCHUMACHER; MELEIS; SAWYER; IM; MESSIAS, 2010). Estes sentimentos refletem uma transição saudável, por exemplo observável por um sentimento amplo de ajustamento e satisfação com a vida académica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A saúde mental entre estudantes universitários deve ser explorada de modo *ecológico*, ou seja, como um sistema onde todos se encontram interligados e interconectados; no qual a mudança em um provoca a alteração em todo o sistema.

Portanto, é relevante investigar esta população específica, considerando a interligação entre seus próprios membros, a satisfação com o processo educativo e, em especial, a atuação integral junto ao estudante universitário e comunidade académica.

Referências

AHERN, N. Risky behavior of adolescent college students. **Journal of Psychosocial Nursing & Mental Health Services**, v. 47, n. 4, p. 21–25, 2009.

ALMEIDA, L.; SOARES, A.; FERREIRA, J. Questionário de vivências Acadêmicas (QVA-r): Avaliação do ajustamento dos estudantes universitários. **Avaliação Psicológica**, v. 1, n. 2, p. 81-93, 2002.

ALMEIDA, S. **A Saúde Mental Global, a Depressão, a Ansiedade e os Comportamentos de Risco nos Estudantes do Ensino Superior**: Estudo de Prevalência e Correlação. Universidade Nova de Lisboa. 2014.

AMERICAN COLLEGE HEALTH ASSOCIATION. **Institutional Data Report – National College Health Assessment (ACHA-NCHA-II)**. Institutional Data Report – Spring 2011. Linthicum, 2011.

AMERICAN COLLEGE HEALTH ASSOCIATION. **Spring 2014 Reference Group Executive Summary Table of Contents**. Hanover, 2014.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders DSM-5** (5 Th). Arglington: American Psychiatric Association, 2013.

ANDRADE, A.; DUARTE, P.; OLIVEIRA, L. **I levantamento nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras**. Brasília: Presidência da República – Secretaria Nacional de Políticas sobre Droga, 2010.

AZEVEDO, V.; ELIAS, A.; SAMORINHA, A.; MAIA, Â. Comportamentos de Risco durante o Enterro da Gata: Realidade ou Mito? **Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia**. Braga: Universidade do Minho, 2010.

BARDAGI, M.; HUTZ, C. Satisfação de vida, comprometimento com a carreira e exploração vocacional em estudantes universitários. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 62, n. 1, p. 159-170, 2014.

BARDAGI, M.; HUTZ, C. **Rotina Acadêmica e Relação com Colegas e Professores**: Impacto na Evasão Universitária. **Psico**, v. 43, n. 2, p. 174-184, 2012.

BAYATI, A.; BEIGI, A.; SALEHI, N. Depression prevalence and related factors in Iranian students. **Pakistan Journal of Biological Sciences**, v. 12, n. 20, p. 1371-1375, 2009.

BLANCO, C.; OKUDA, M.; WRIGHT, C.; HASIN, D.; GRANT, B.; SHANG-MIN, L.; OLFSON, M. Mental Health of College Students and Their Non-collegeattending Peers: Results from the National

Epidemiologic Study on Alcohol and Related Conditions. **Arch Gen Psychiatry**, v. 65, n.12, p.1429–1437, 2008.

BRANDEN, N. **Los Seis Pilares de la Autoestima**. Barcelona: PAIDOS IBERICA, 2011.

CAMERON, L. D.; MOSS-MORRIS, R. Illness-Related Cognition and Behaviour. In **Health Psychology**, p. 149-161, 2010.

CARVALHO, L.; NUNES, M.; PRIMI, R.; NUNES, C. Evidências Desfavoráveis para Avaliação da Personalidade com um Instrumento de 10 Itens. **Paidéia**, v. 22, n. 51, p. 63-71, 2012.

CERCHIARI, E.; NUNES, A.; CAETANO, D.; FACCENDA, O. Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 10, n. 3, p. 413-420, 2005.

CHEN, X.; GELAYE, B.; WILLIAMS, M. Sleep characteristics and health-related quality of life among a national sample of American young adults: assessment of possible health disparities. **Quality of Life Research**, v. 23, n. 2, p. 613-625, 2013.

CHICK, N.; MELEIS, A. Transitions: A nursing concern. In: P. Chinn (Ed.), **Nursing research methodology**, p. 237-257. Boulder, CO: Aspen Publication, 1986.

CHOW, H. Predicting academic success and psychological well-being in a sample of Canadian undergraduate students. **Electronic Journal of Research in Educational Psychology**, v. 8, n. 2, p. 473-496, 2010.

CLEARY, M.; WALTER, G.; JACKSON, D. “Not always smooth sailing”: mental health issues associated with the transition from high

school to college. **Issues in Mental Health Nursing**, 32, n. 6, p. 250-254, 2011.

CONLEY, C.; TRAVERS, L.; BRYANT, F. Promoting psychosocial adjustment and stress management in first-year college students: the benefits of engagement in a psychosocial wellness seminar. **J Am Coll Health**, v. 61, n. 2, p. 75-86, 2013.

COSTA, E.; LEAL, I. Saúde mental e adaptação à vida académica: Uma investigação com estudantes de Viseu. *In*: P. R. Isabel Leal (Ed.), **Actas do 5º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde** (Fundação C, p. 149-155. Lisboa, 2004.

COSTA, E.; LEAL, I. Um olhar sobre a saúde psicológica dos estudantes do ensino superior – Avaliar para intervir. *In*: S. M. Isabel Leal, José Luís Pais Ribeiro, Isabel Silva (Ed.), **Actas do 7º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde**, p. 213-216. Porto: Universidade do Porto, 2008.

CRUZ, M. **Ansiedade e bem-estar na transição para o ensino superior: O papel do suporte social**. Universidade do Porto, 2008.

CUSTÓDIO, S.; PEREIRA, A.; SECO, G. Stresse e estratégias de coping dos estudantes de enfermagem em ensino clínico. *In*: **Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia**. (p. 4670-4683). Braga: Universidade do Minho, 2009.

DALBOSCO, S. N. P. **Adaptação Académica no Ensino Superior**: Estudo com Ingressantes. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco. Campinas-SP, 2018.

DIAS, F. Aconselhamento psicológico a jovens do Ensino Superior: Uma abordagem psicodinâmica e desenvolvimentista. **Análise Psicológica**, XXIV, n.1, p. 39-50, 2006.

EISENBERG, D.; DOWNS, M.; GOLBERSTEIN, E.; ZIVIN, K. Stigma and help seeking for mental health among college students. **Medical Care Research and Review: MCRR**, v. 66, n. 5, p. 522-541, 2009.

EISENBERG, D.; GOLBERSTEIN, E.; HUNT, J. Mental Health and Academic Success in College. **The B.E. Journal of Economic Analysis & Policy**, v. 9, n.1, p. 78-88, 2009.

EISENBERG, D.; GOLLUST, S.; GOLBERSTEIN, E.; HEFNER, J. Prevalence and correlates of depression, anxiety, and suicidality among university students. **The American Journal of Orthopsychiatry**, v. 77, n. 4, p. 534-542, 2007.

EISENBERG, D.; HUNT, J.; SPEER, N. Mental health in American colleges and universities: variation across student subgroups and across campuses. **J Nerv Ment Dis.**, v. 201, n.1, p. 60-7, 2013.

EISENBERG, D.; HUNT, J.; SPEER, N.; ZIVIN, K. Mental health service utilization among college students in the United States. **The Journal of Nervous and Mental Disease**, v. 199, n. 5, p. 301-308, 2011.

ENGİN, E.; GURKAN, A.; DULGERLER, S.; ARABACI, L. University students' suicidal thoughts and influencing factors. **Journal of Psychiatric and Mental Health Nursing**, v. 16, n. 4, p. 343-354, 2009.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS – FONAPRACE. **V Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das instituições federais de ensino superior - 2018**. Brasília: FONAPRACE, 2019.

FROMME, K.; CORBIN, W.; KRUSE, M. Behavioral risks during the transition from high school to college. **Developmental Psychology**, v. 44, n. 5, p. 1497-1504, 2008.

FUREGATO, A.; SANTOS, J.; SILVA, C. Depression among students from two nursing undergraduate programs: self-assessment on health and associated factors. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n. 4, p. 509-516, 2010.

GOH, A.; CHIU, E. Review: Campus mental health: Are we doing enough? **Asia-Pacific Psychiatry**, v. 1, n2, p. 58-63, 2009.

GRANADO, J. I. F.; SANTOS, A. A. A.; ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P.; GUISANDE, M. A. Integração acadêmica de estudantes universitários: contributos para a adaptação e validação do QVA-r no Brasil. **Psicologia e Educação**, v. 12, mn. 2, p. 31-42, 2005.

GRESS-SMITH, J. L.; ROUBINOV, D. S.; ANDREOTTI, C.; COMPAS, B. E.; LUECKEN, L. J. Prevalence, severity and risk factors for depressive symptoms and insomnia in college undergraduates. **Stress and Health: Journal of the International Society for the Investigation of Stress**, v. 31, n.1, n. 63-70, 2015.

GUTHMAN, J.; IOCIM, L.; KONSTAS, D. **Increase in severity of mental illness among clinical college students: a 12-year comparison**. San Diego, CA: American Psychological Association Convention, 2010.

HAMAIDEH, S. Stressors and reactions to stressors among university students. **The International Journal of Social Psychiatry**, v. 57, n. 1, p. 69-80, 2011.

HICKS, T.; HEASTIE, S. High school to college transition: a profile of the stressors, physical and psychological health issues that affect the first-year on-campus college student. **Journal of Cultural Diversity**, v. 15, n. 3, p. 143-147, 2008.

HUNT, J.; EISENBERG, D. Mental health problems and help-seeking behavior among college students. **Journal of Adolescent Health**, v. 46, n. 1, p. 3-10, 2010.

HUNT, J.; EISENBERG, D. Mental health problems and help-seeking behavior among college students. **The Journal of Adolescent Health: Official Publication of the Society for Adolescent Medicine**, v. 46, n. 1, p. 3-10, 2010.

HUSSAIN, R.; GUPPY, M.; ROBERTSON, S.; TEMPLE, E. Physical and mental health perspectives of first year undergraduate rural university students. **BMC Public Health**, v. 13, n. 1, p. 1-11, 2010.

JOHNSON, V.; GANS, S.; KERR, S.; LAVALLE, W. Managing the Transition to College: Family Functioning, Emotion Coping, and Adjustment in Emerging Adulthood. **Journal of College Student Development**, v. 51, n. 6, p. 607-621, 2010.

KEYES, C. Social Well-Being. **Social Psychology Quarterly**, v. 61, n. 2, p. 121-140, 1998.

KEYES, C. Subjective well-being in mental health and human development research worldwide: An introduction. **Social Indicators Research**, v. 77, n. 1, p. 1-10, 2006.

KEYES, C.; ANNAS, J. Feeling good and functioning well: distinctive concepts in ancient philosophy and contemporary science. **The Journal of Positive Psychology**, v. 4, n. 3, p.197-201, 2009.

KEYES, C.; EISENBERG, D.; PERRY, G.; DUBE, S.; KROENKE, K.; DHINGRA, S. The Relationship of Level of Positive Mental Health with Current Mental Disorders in Predicting Suicidal Behavior and Academic Impairment in College Students. **Journal of American College Health**, v. 60, n. 2, p. 126-33, 2012.

KEYES, C.; MAGYAR-MOE, J. The Measurement and Utility of Adult Subjective Well-Being. *In*: S. Snyder & C. Lopez (Eds.), **Positive psychological assessment: A handbook of models and measures**, 1st ed, p. 411-425. Washington, DC: American Psychological, 2003.

KEYES, C.; SHMOTKIN, D.; RYFF, C. Optimizing well-being: The empirical encounter of two traditions. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 82, n. 6, p. 1007-1022, 2002.

KRALIK, D.; VISENTIN, K.; VAN LOON, A. Transition: A literature review. **Journal of Advanced Nursing**, v. 55, n. 3, p. 320-329, 2006.

KRUMREI-MANCUSO, E.; NEWTON, F.; KIM, E.; WILCOX, D. Psychosocial Factors Predicting First-Year College Student Success. **Journal of College Student Development**, v. 54, n. 3, p. 247-266, 2013.

LEVINE, M.; MANNING, R. Prosocial Behaviour. *In*: M. Hewstone, W. Stroebe, & K. Jonas (Eds.), **An Introduction to Social Psychology**, p. 313-352. Blackwell, 2012.

MELEIS, A. The Discipline of Nursing: Perspective and Domain. *In: MELEIS, A. (Ed.), **Theoretical Nursing**: development and progress*, p. 87-112. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins, 2012.

MÖLLER, N. The Concepts of Risk and Safety. *In: S. ROESER, R. HILLERBRAND, P. SANDIN, & M. PETERSON (Eds.), **Handbook of Risk Theory***, v.1, p. 55-86, 2012.

MOREIRA, D.; FUREGATO, R. Stress and depression among students of the last semester in two nursing courses. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, n. 21, p.155-162, 2013.

MORSE, J. Designing Funded Qualitative Research. *In: N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), **Handbook of Qualitative Research***, p. 220-235. London: SAGE Publications, 1994.

NATIONAL ALLIANCE ON MENTAL ILLNESS. (2012). **College students speak**: A survey report on mental health, 2012.

NOGUEIRA, M. J. C. **Saúde mental em estudantes do ensino superior**: Fatores protetores e Fatores de vulnerabilidade. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola Superior de Enfermagem de Lisboa. Lisboa-Portugal, 2017, 268p.

NOGUEIRA, M. J.; BARROS, L.; SEQUEIRA, C. A Saúde Mental em Estudantes do Ensino Superior: Relação com o género, nível socioeconómico e os comportamentos de saúde. **Rev Portuguesa Enferm Saúde Mental**, spe5, p. 51-56, 2017.

NUNES, M.; MONTIBELLER, C.; OLIVEIRA, K.; ARRABACA, R.; THEISS, M. Autoestima e saúde mental: Relato de experiência

de um projeto de extensão. **Psicologia Argumento**, v. 31, n. 73, p. 283-289, 2013.

PEPPER, G. V.; NETTLE, D. Socioeconomic disparities in health behaviour: An evolutionary perspective. In: D. W. Lawson & M. Gibson (Eds.), **Applied Evolutionary Anthropology: Darwinian Approaches to Contemporary World Issues**, p. 225-239, 2014.

PESTANA, M.; GAGEIRO, J. **Análise de Dados para Ciências Sociais. A complementaridade do SPSS**, 5. ed. Edições Silabo, Ed., 2007.

REYES-RODRÍGUEZ, M.; RIVERA-MEDINA, C.; CÁMARA-FUENTES, L.; SUÁREZ-TORRES, A.; BERNAL, G. Depression symptoms and stressful life events among college students in Puerto Rico. **Journal of Affective Disorders**, v. 145, n.3, p. 324-330, 2012.

SANTOS, A.; POLYDORO, S.; SCORTEGAGNA, S.; LINDEN, M. Integração ao Ensino Superior e Satisfação Acadêmica em Universitários. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33, n. 4, p. 780-793, 2013.

SCHWARTZ, L.; FRIEDMAN, H. College Student Suicide. **Journal of College Student Psychotherapy**, v. 23, n. 2, p. 78-102, 2009.

SCHWARTZ, S. J.; FORTHUN, L. F.; RAVERT, R. D.; ZAMBOANGA, B. L.; UMAÑA-TAYLOR, A. J.; FILTON, B. J.; HUDSON, M. Identity Consolidation and Health Risk Behaviors in College Students. **American Journal of Health Behavior**, v. 34, n. 2, p. 214-224, 2010.

SEQUEIRA, C.; CARVALHO, J.; BORGES, E.; SOUSA, C. Mental Vulnerability of nursing degree students in higher education: exploratory study. **Journal of Nursing and Health**, v. 3, n. 2, p. 170-181, 2013.

SEQUEIRA, C.; CARVALHO, J. C.; SAMPAIO, F.; SÁ, L.; LLUCH-CANUT, T.; ROLDÁN-MERINO, J. Avaliação das propriedades psicométricas do questionário de saúde mental positiva em estudantes portugueses do ensino superior. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, v. 11, n. 45-53, 2014.

SEVLEVER, M.; RICE, K. Perfectionism, Depression, Anxiety, and Academic Performance in Premedical Students. **Canadian Medical Education**, v. 1, n. 2, p. 96-104, 2010.

SILVA, B. P. **Co-ocorrência de uso problemático de álcool, consumo de tabaco e transtornos mentais comuns em universitários do curso de enfermagem de uma universidade pública na Amazônia Ocidental Brasileira**. 2013. 121f. Monografia (Especialização em Formação de Pesquisadores em Álcool e Drogas) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, EERP-USP, Ribeirão Preto, 2013. Bolsista SENAD

SILVA, B. P.; CORRADI-WEBSTER, C. M.; DONATO, E. C. S. G.; HAYASHIDA, M.; SIQUEIRA, M. M. Transtornos mentais comuns e consumo de bebida alcoólica e tabaco entre estudantes de enfermagem de uma universidade pública na Amazônia Ocidental brasileira. **SMAD. Rev Eletrôn Saúde Mental Álcool e Drogas** (Edição em português), v. 10, p. 93, 2014.

SOARES, A.; MOURÃO, L.; MELLO, T. Estudo para a construção de um instrumento de comportamentos acadêmico-sociais para

estudantes universitários. **Estudos Pesquisas em Psicologia**, v. 11, 2, p. 488-506, 2011.

SOUZA, R. C. F.; MORAES, M. R. N.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Quality of Life Among University Memers of the Health Area: Integrative Review. **International Journal of Psychology and Neuroscience**, 2020.

SOUZA, R. C. F. **Saúde mental dos estudantes universitários: Avaliando a qualidade de vida e fatores associados**. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2021.

STORRIE, K.; AHERN, K.; TUCKETT, A. A systematic review: Students with mental health problems a growing problem. **International Journal of Nursing Practice**, v. 16, n. 1, p. 1-6, 2010.

STORRIE, K.; AHERN, K.; TUCKETT, A. A systematic review: Students with mental health problems-A growing problem. **International Journal of Nursing Practice**, v. 16, n. 1, p. 1-6, 2010.

SWENSON, L.; NORDSTROM, A.; HIESTER, M. The Role of Peer Relationships in Adjustment to College. **Journal of College Student Development**, v. 49, n. 6, p. 551-567, 2008.

TAVARES, D. **O Superior Ofício de ser Aluno. Manual de sobrevivência do caloiro**. Lisboa: Edições Sílabo, 2008.

TAYLOR, D.; GARDNER, C.; BRAMOWETH, A.; WILLIAMS, J.; ROANE, B.; GRIESER, E.; TATUM, J. Insomnia and mental health in college students. **Behavioral Sleep Medicine**, v. 9, n. 2, p. 107–116, 2011.

TAYLOR, D. J.; BRAMOWETH, A. D.; GRIESER, E. A.; TATUM, J. I.; ROANE, B. M. Epidemiology of Insomnia in College Students: Relationship With Mental Health, Quality of Life, and Substance Use Difficulties. **Behavior Therapy**, v. 44, n. 3, p. 339-348, 2013.

THURBER, C.; WALTON, E. Homesickness and adjustment in university students. **J Am Coll Health**, v. 60, n. 5, p. 415-9, 2012.

TOWNSEND, M. **Psychiatric Mental Health Nursing: Concepts of Care in Evidence-Based Practice** (7th ed.), 2011.

TROCKEL, M.; BARNES, M.; EGGET, D. Health-Related Variables and Academic Performance Among First-Year College Students: Implications for Sleep and Other Behaviors. **Journal of American College Health: J of ACH.**, 2000.

VAN TILBURG, M.; VINGERHOETS, J.; VAN HECK, G. Homesickness: a review of the literature. **Psychological Medicine**, v. 26, n. 5, p. 899-912, 2006.

VEIT, C.; WARE, J. The structure of psychological distress and well-being in general populations. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 51, n. 5, p. 730-742, 1983.

VENEZIA, A.; JAEGER, L. Transitions from High School to College. **The Future of Children**, v. 23, n. 1, p. 117-136, 2013.

VERGER, P.; COMBES, J.; KOVESH-MASFETY, V.; CHOQUET, M.; GUAGLIARDO, V.; ROUILLON, F.; PERETTI-WATTEL, P. Psychological distress in first year university students: Socioeconomic and academic stressors, mastery and social support in young men and women. **Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology**, v. 44, n. 8, p. 643-650, 2009.

WARE, J.; MANNING, W.; WELLS, K.; DUAN, N.; NEWHOUSE, J. Health status and the use of outpatient mental health services. **American Psychologist**, v. 39, n. 10, p. 1090-1100, 1984.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Investing in Mental Health**. (D. of M. H. and S. Dependence & N. D. and M. Health, Eds.). Geneva: World Health Organisation, 2003.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Risks to mental health: An overview of vulnerabilities and risk factors: Background paper by WHO Secretariat for the development of a comprehensive mental health action**. Geneva, Switzerland: Author, 2012.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Mental Health Action Plan 2013-2020**. Geneva, 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **European health report 2015 Targets beyond-reaching new frontiers in evidence**. UN City Copenhagen, 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO/Europe, **The European health report 2015**. Geneva, 2015.

ZEIGLER-HILL, V. **The importance of self-esteem**. In: V. Zeigler-Hill (Ed.), **Self-esteem**, p. 1-20. Psychology Press, 2013.

Substâncias psicoativas sob a ótica da saúde coletiva

*Marcos Vinícius Ferreira dos Santos
Marcelle Aparecida de Barros Junqueira
Marluce Mechelli de Siqueira
Edwards MacRae¹*

INTRODUÇÃO

Neste capítulo trataremos da temática Substâncias Psicoativas (SPAs) no campo da Saúde Coletiva abordando uma visão geral teórico-metodológica do campo, com uma proposta que não se limitará a apresentar resultados de pesquisas avaliativas.

O campo da Saúde Coletiva debruça-se sobre objetos de caráter interdisciplinar integrando conhecimentos de diferentes áreas. Fundamenta-se na perspectiva da produção do conhecimento e práticas sobre a realidade social.

Considerando as interseções da questão relacionadas às SPAs, Saúde Mental e Saúde Coletiva, acreditamos que o capítulo seja

¹ Revisor externo do capítulo.

relevante, não apenas porque corrobora no entendimento de tais temáticas, mas, primordialmente, pela sua contribuição para o desenvolvimento de uma “cultura” de Promoção de Saúde nas instituições públicas, com ênfase para os setores – educação e saúde. Assim, espera-se fomentar a discussão de estudos e práticas que envolvam a Saúde Mental Coletiva, ancorados no Sistema Único de Saúde (SUS).

Face ao exposto, este capítulo consiste numa reflexão sobre uma prática concreta – a oferta da disciplina “Tópicos Avançados em Saúde Coletiva – com ênfase: 1) Abuso e Dependência de Drogas; 2) Drogas, Alimentos e Saúde e 3) Saúde Mental, Qualidade de Vida e Saúde Integral” do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC) durante os últimos anos, em parceria com pesquisadores de diferentes Instituições de Ensino Superior (IES), o Centro de Estudos e Pesquisas sobre o Álcool e outras Drogas: Interconexões (CEPADi), bem como dos nossos estudantes – graduação, mestrandos e doutorandos, oriundos de diferentes campos de atuação e das áreas de conhecimento: Enfermagem e Saúde Coletiva.

PANORAMA DO CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

O consumo de SPAs é considerado uma questão que merece atenção das políticas governamentais, uma vez que as repercussões deste comportamento não se restringem ao âmbito individual, impactando também o social. Os prejuízos relacionados às SPAs para usuários (e terceiros) constituem preocupações de Saúde Coletiva e segurança, justificando o monitoramento mundial do padrão de consumo de drogas.

O Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, através do Relatório Mundial sobre Drogas (2020), detectou um crescimento de 30% no uso de SPAs, entre 2009 e 2018. O documento afirma que cerca de 269 milhões de pessoas usaram SPAs no mundo em 2018 e que mais de 35 milhões de pessoas sofrem de transtornos associados ao uso de drogas.

Além disso, o Relatório ratifica a evidência de que pobreza, pouca escolaridade e marginalização social continuam sendo fatores importantes relacionados ao maior risco de ocorrência de transtornos associados ao uso de SPAs. Somado a isto, estes grupos também podem ter problemas no acesso à rede de assistência devido à discriminação e ao estigma (ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGAS E CRIME, 2020).

Os dados epidemiológicos nacionais e internacional mostram que o álcool e o tabaco são as SPAs mais utilizadas. Estima-se que quase metade da população mundial com 15 anos ou mais (44,5%) nunca consumiu álcool e que cerca de 43% da população são bebedores atuais (consumiram nos últimos 12 meses). Uma média de consumo *per capita* mundial de 6,4 L de álcool puro. Cerca de 25,5% do álcool puro consumido no mundo são ilegais. Em alguns países, essa taxa chega a 50%, como no sudoeste da Ásia e Região do Mediterrâneo, por exemplo (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2018). O Brasil está acima da média mundial entre os bebedores, o consumo médio é de 3 doses por dia, maior que a média mundial, de 2,3 doses por dia (ANDRADE, 2019).

De acordo com o estudo sobre carga global de doenças, lesões e fatores de risco, em 2013, o uso de tabaco e álcool está entre os principais fatores de risco em todo o mundo para morte prematura e morbidade, expressos em termos de vida ajustada à incapacidade anos – DALYs (FOROUZANFAR *et al.*, 2015).

Na Europa, dentre os 78 fatores de risco investigados pelo Projeto Europeu de Pesquisa sobre Álcool e Outras Drogas (ESPAD) (2015), estão as SPAs lícitas (tabaco e álcool, 2º e 5º lugares, respectivamente), seguidas das SPAs ilícitas (22º lugar) em termos de carga global de anos de vida perdidos e de anos vividos com deficiência.

Diferentes grupos na sociedade consomem álcool. Conhecer os aspectos individuais (como sexo, idade, situação econômica), motivações e o contexto do uso propicia melhor entendimento do padrão

de consumo de grupo e possibilita melhor planejamento de estratégias de prevenção (SANTOS; PORTUGAL; CAETANO, 2016).

Por exemplo, na adolescência, o consumo de álcool associa-se frequentemente a comportamentos como as relações sexuais desprotegidas, o contágio de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada, baixo rendimento escolar: problemas de atenção, aprendizagem, memória e dependência na idade adulta (KRAUS; LEIFMAN; VICENTE, 2015; ANDRADE, 2019).

A Organização Mundial da Saúde (2018) mostrou que 26,8% dos jovens brasileiros de idade entre 15 e 19 anos relataram consumo alcoólico *no último ano*, semelhante ao índice mundial, de 26,5%.

Dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015), apresentada por Malta *et al.* (2018), mostraram o seguinte quadro:

a) Experimentação: 55,5% dos estudantes (9º ano, 13-15 anos), sendo maior na rede pública (56,2%) do que na privada (51,2%);

b) Embriaguez na vida: 21,4% dos estudantes, sendo a região sul com maior percentual (32,3%);

c) Consumo episódico (1º): álcool, aos 12,5 anos e

d) Consumo atual (mês anterior): 23,8% dos estudantes (25,1% ♀ e 22,5% ♂), sendo a região sul com maior percentual (27,3%).

Pesquisas nacionais, como as de Galduróz *et al.* (2010) e Sanchez *et al.* (2013), mostraram que 32% dos estudantes com idades entre 14 e 18 anos relataram Beber Pesado Episódico (BPE) *no último ano* e 8,9% entre 10 e 18 anos consumo pesado *no último mês*.

Estudo realizado com estudantes do 7º e 8º anos de escolas públicas mostrou que 16,5% deles relataram BPE *no último mês*. E também mostrou que os seguintes fatores estavam associados ao *binge drinking*: tabagismo, maconha, inalantes, exposição a familiares alcoolizados, *bullying*, agressão verbal e redução notas escolares. Quanto a associação com o consumo/pesado, detectou-se: tabagismo, maconha, agressão física (CONEGUNDES *et al.*, 2018).

Além disso, os achados de Malta *et al.* (2014; 2018) mostram que o consumo de álcool entre adolescentes é um fator de risco para acidentes, violência e doenças crônicas transmissíveis.

SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS E SAÚDE COLETIVA

A Saúde Coletiva é um campo de difícil conceituação. É multiparadigmática, interdisciplinar, congregando conhecimento de disciplinas de ciências naturais às sociais. Este desenho, que engloba diversas áreas de conhecimento, reflete o conceito ampliado de saúde. A constituição do campo tem uma relação significativa com o movimento social e científico que consolidou as bases do Sistema Único de Saúde. A Saúde Coletiva é constituída por eixos (conjuntos de disciplinas): Epidemiologia, Planejamento e Gestão, Ciências Humanas e Sociais (NUNES, 2005; ALMEIDA-FILHO *et al.*, 2014).

O caráter interdisciplinar da Saúde Coletiva é uma característica muito importante para a compreensão do consumo de SPAs, o qual faz parte da história da humanidade, estando em muitos contextos vinculado a rituais, cultura e costumes. Entretanto, determinados padrões de consumo destas substâncias (uso, abuso e dependência) podem ocasionar problemas de saúde individuais e coletivos, impactando de diferentes maneiras na saúde mental coletiva (DIEHL; CORDEIRO; LARANJEIRA, 2018).

A Epidemiologia, Planejamento e Gestão são áreas que constituem o corpo da Saúde Coletiva e são áreas de interface, onde a epidemiologia confere um maior grau de racionalidade *técnica* à elaboração e implementação de planos e programas de *saúde*. Ainda, pode contribuir com informações imprescindíveis à formulação de políticas e programas de saúde e sua avaliação. Assim, torna-se útil à gestão em saúde, para que se alcancem os objetivos de um sistema ou serviço de saúde. Neste sentido, contribui através da implantação e do aprimoramento da produção de ações e serviços embasados em necessidades

populacionais (CASTIEL; RIVERA, 1985; KNOX, 1986; PEREIRA, 2006; OLIVEIRA, 2009; PAIM; MOTA, 2012).

No que se refere à avaliação de intervenções e de serviços de saúde, a epidemiologia contribui na investigação da equidade, cobertura e acessibilidade destes, sendo os inquéritos populacionais a principal ferramenta para investigar estas dimensões (CASTIEL; RIVERA, 1985; JEKEL *et al.*, 1999; OLIVEIRA, 2009). Entretanto, outras modalidades de avaliação também são utilizadas no campo da saúde coletiva, por meio da abordagem qualitativa, buscando compreender o homem, sua inserção no mundo e, claro, suas interconexões (MAANEN, 1985; YACH, 1992; MINAYO, 1992; SILVA; FORMIGLI, 1994; VIEIRA-DA-SILVA; PAIM; SCHRAIBER, 2014)

A cultura, os modos de produção, as políticas governamentais, entre outros elementos estudados pelas ciências humanas, são imprescindíveis para melhor compreensão da problemática relacionada às SPAs, uma vez que nos ajudam a compreender como os grupos sociais e as nações se relacionam com as mesmas. Por exemplo, há um conjunto de crenças e percepções dos profissionais de saúde que pode contribuir para o aumento das barreiras relacionadas ao acesso e vinculação dos usuários de álcool e outras drogas aos serviços de saúde existentes. Dentre estas barreiras que podem impedir que usuários e familiares busquem auxílio e tenham acesso aos serviços de saúde está a estigmatização exercida pela população, familiares, profissionais e usuários sobre esta condição (RONZANI; NOTO; SILVEIRA, 2014).

Somado a isto, as formas de regulamentação da produção, comércio e uso de SPAs, ou seja, as políticas sobre drogas, impactam na Saúde de diferentes formas, como: demanda de assistência, a mortalidade por causas evitáveis, condições de saúde nas instituições, entre outras.

Em uma perspectiva histórica, foi a partir de 2000 que a questão do consumo de álcool e outras substâncias psicoativas no Brasil passou a ser vista sob a ótica da “saúde pública”, e assim emerge uma segunda dimensão de conhecimento científico e lógica de cuidados:

a redução de danos e o cuidado com o território, tendo como base a saúde mental (VARGAS; CAMPOS, 2019).

Segundo Gomes-Medeiros *et al.* (2019), o modo como o Estado aborda a problemática das drogas relaciona-se à maneira como são pensadas as políticas de saúde como um todo e a questões ainda mais amplas, como os Direitos Humanos e o papel do Estado na garantia de direitos sociais e sua relação com interesses privados.

E, ainda na visão desses autores, a lógica do proibicionismo está associada a alterações negativas de indicadores de saúde que não estão relacionados diretamente às políticas de saúde mental ou de cuidado aos usuários problemáticos das SPAs.

Desta forma, é urgente a discussão tanto das políticas de atenção para usuários de substâncias psicoativas como de modelos de atenção para diferentes populações, dentre elas a universitária, buscando assegurar o seu direito à saúde, sob a ótica da Saúde Coletiva.

SAÚDE COLETIVA: INTERAÇÃO & INTEGRAÇÃO COM A SAÚDE MENTAL

No Brasil, em termos de proposição para consolidação de cuidados, a Política Nacional de Saúde Mental, alicerçada aos paradigmas da Reforma Psiquiátrica, prevê a indissociabilidade da “saúde coletiva” e “saúde mental” conjugadas em práticas baseadas na integralidade do indivíduo, tanto do ponto de vista da multidimensionalidade do sofrimento mental quanto da sua inserção no território, família, comunidade e modos de vida (ALMEIDA, 2019).

Percebemos que o interesse pela temática “substâncias psicoativas e seus impactos para a população geral (mundial & brasileira) (SCHIMDT *et al.*, 2011) e específicas (estudantes universitários, por exemplo)” apresenta-se crescente, tanto no setor acadêmico quanto no de prestação de serviços (SANCHEZ, 2017; DE ASSIS TRINDADE; DINIZ; SÁ-JÚNIOR, 2018). Entretanto, algumas reflexões

sobre os dilemas & desafios, bem como sobre possibilidades & limites, merecem aprofundamento tanto no setor educação como saúde, que possam então resultar em ações mais efetivas e eficazes no âmbito da educação em saúde para a sociedade.

Assumindo como meta contribuir para a produção de conhecimento acerca das SPAs entre universitários, passamos a refletir sobre as seguintes contribuições das 3 (três) subáreas – Política e Gestão em Saúde; Epidemiologia e Ciências Sociais para a área Saúde Coletiva; tanto para a formação como atuação dos profissionais – da saúde e áreas afins, na qualidade da prestação de serviços à sociedade, desde o contexto universitário, tendo como base a oferta de disciplina obrigatória e/ou optativa na nossa atual grade curricular.

A Saúde Coletiva engloba conhecimentos advindos das demais disciplinas na produção da “saúde”, como, por exemplo, aqueles oriundos do campo da Saúde mental, que de forma interdisciplinar corrobora na produção da gestão direta e indireta da saúde coletiva. Assim, nota-se um discurso específico sobre “saúde”, que vai se conformando como saberes e práticas, a partir da contribuição de diversas áreas específicas deste campo (listadas acima), que circunscrevem esta formação de forma singular, mas nem sempre de forma coletiva (FOUCAULT, 1972; 1979; TESTA, 1992; MERHY, 1992; MINAYO, 1992; CANESQUI, 1995; STENZEL, 1996).

Somado a isto, percebe-se um aumento da produção técnica e científica dirigida a uma diversidade de objetos, particularmente, trabalhos de revisão teórica, relatórios de pesquisas envolvendo políticas, projetos, programas e serviços de saúde, pautados em tecnologias e sistemas de atenção à saúde.

Estudo que se propôs a avaliar a produção científica, geração de patentes e formação de pesquisadores entre docentes da Saúde Coletiva brasileira no período 2000-2012 observou uma desigualdade regional e institucional, na qual algumas regiões do país concentram a grande e robusta maioria dos docentes e pesquisadores, e

consequentemente a produtividade acadêmica, em suas respectivas instituições (SANTOS *et al.*, 2019).

A partir da literatura percorrida da Saúde Coletiva, percebemos autores de campos disciplinares diferentes, com diversidade nos referenciais teórico-metodológicos, o que aponta para o caráter interdisciplinar da temática e a necessidade de integrar as abordagens das disciplinas obrigatórias e/ou optativas da Saúde Coletiva, no processo ensino-aprendizagem do componente curricular efetivamente ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) desde 1999 (ano de titulação da 1ª turma do mestrado) e 2010 (ano de titulação da 1ª turma do doutorado), uma vez que o conhecimento é dinâmico e pressupõe diálogo contínuo e permanente entre os pares das 2 (duas) áreas de concentração – Política e Gestão em Saúde & Epidemiologia – vigentes na formação dos pós-graduandos da UFES, tanto para o mercado interno quanto externo do estado do Espírito Santo.

No planejamento e organização desse componente curricular, com base na literatura percorrida, constatamos que o campo da Saúde Mental Coletiva, essencialmente prático e aplicado, evidencia inúmeras questões da pesquisa em Ciências Sociais, de onde advêm suas teorias e métodos, agudizando possibilidades e limites da investigação neste campo do conhecimento. Esta nossa reflexão é decorrente da trajetória dos projetos de pesquisa.

Ademais, para melhor compreensão da temática em pauta, buscamos conhecer, por meio dos estudos desenvolvidos pelos nossos pós-graduandos em saúde coletiva, os quais serão apresentados no Capítulo 6 – Aprender Fazendo: o Caso UFES (área da saúde), a seguir, a forma como este campo desenvolve seus saberes e práticas, considerando-se: 1) aspectos teórico-metodológicos (o conceito, os objetos, as metodologias, os sujeitos); 2) aspectos históricos (áreas de conhecimento que subsidiam a Saúde Coletiva – Ciências Sociais, Política e Gestão e Epidemiologia).

Por meio de estudos desenvolvidos pelos pós-graduandos, buscamos compreender os fatores associados ao uso de substâncias psicoativas entre universitários no âmbito do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo, especialmente os cursos de: Enfermagem, Medicina, Odontologia e Farmácia. E, posteriormente, os cursos do REUNI-CCCS-UFES, a saber: Terapia Ocupacional, Nutrição, Fonoaudiologia e Fisioterapia, os quais podem ser vislumbrados no Capítulo 6 desta obra.

Do ponto de vista das práticas, segundo Scarcelli e Alencar (2009), a Saúde Coletiva propõe mudanças significativas no campo da saúde que dizem respeito à organização e ao processo de trabalho; à reorientação da assistência com ênfase na promoção, prevenção e proteção da saúde; à preocupação com os modos de vida e as relações entre os sujeitos no contexto social.

No que se refere à Saúde Mental, segundo os autores Lima, Siciliani e Drehmer (2012), também pode ser entendida como campo de saber, de práticas e de treinamento em serviço, embora circunscrita em grande parte ao âmbito da Saúde Coletiva. É um campo que exige diálogo estreito com várias disciplinas e tipos de saberes, produz elaborações singulares no contexto brasileiro desconstruindo saberes e práticas da psiquiatria clássica e das instituições totais, proposição de outro lugar social para a manifestação da loucura e para o cuidado oferecido pelos serviços de saúde e pela sociedade frente ao sofrimento psíquico, entre outras que podem trazer contribuições na ampliação do campo da Saúde Coletiva e, nesse diálogo, ressignificações e ampliações de seu próprio campo.

Portanto, Saúde Mental e Saúde Coletiva podem ser entendidas como campos de saber e práticas que têm, como um dos aspectos essenciais, a saúde como fenômeno social e de interesse público. A partir de uma abordagem interdisciplinar que envolve diferentes disciplinas e tipos de conhecimento, busca-se romper com o paradigma biomédico e as tendências patologizantes e normalizadoras que privilegiam o olhar sobre a doença em detrimento da saúde como

processo e expressão dos determinantes psicossociais, sociodinâmicos e institucionais (ONOCKO-CAMPOS; FURTADO, 2006; SCARCELLI; ALENCAR, 2009; MIRANDA *et al.*, 2018).

Como podemos perceber, estamos diante de campos complexos: Saúde Mental e Saúde Coletiva, seja do ponto de vista do “saber”, seja das “práticas e das políticas” que as definem; estamos diante de fragmentações e conflitos de toda ordem.

No campo da saúde, ao buscar superar tantas fragmentações, sabemos que não estamos diante de tarefa simples. É um desafio construirmos estratégias para produção de conhecimentos que possibilitem tanto a problematização de práticas e políticas implementadas quanto a descoberta de novos caminhos fundamentados por referenciais teórico-técnicos consistentes que sustentem novos projetos, como, por exemplo, a estratégia de redução de danos para o abuso e/ou dependência de substâncias psicoativas como enfatizam Macrae e Gorgulho (2003).

Enfim, não é tarefa simples construir o Sistema Único de Saúde quando se busca radicalizar seus princípios. Não é tarefa fácil implementar nos serviços e nas práticas do dia a dia ações que possibilitem o avanço da organização da rede de atenção à saúde, integrada a um processo de territorialização, articulada aos diversos setores do governo e que efetive os princípios de intersectorialidade e da participação. Tal tarefa exige, entre outras medidas, a definição de políticas que instalem espaços onde possa haver o trânsito entre os âmbitos político-jurídico, sociocultural, teórico-conceitual, técnico-assistencial, representados por diferentes atores, saberes (popular, científico, teórico-técnico, artístico), assim como por instâncias políticas e instituições (universidades, serviços públicos, organizações não governamentais, instituições formadoras, entre outras).

No que concerne à formação de recursos humanos em saúde, as Instituições de Ensino Superior têm como um enorme desafio concentrar esforços no sentido de fomentar ações no quadrilátero ensino/pesquisa/extensão/gestão, na atenção primária em saúde no

campo da saúde mental coletiva que superem o modelo patologizante e médico-centrado, ainda muito presente no bojo epistemológico das ações formativas nesse contexto (LIMA; SICILIANI; DREHMER, 2012; MIRANDA *et al.*, 2018).

O trânsito entre áreas do conhecimento e entre a diversidade de práticas parece ser uma das possibilidades de romper o círculo vicioso, como nos diz Birman (2014), entre a “repetição do mesmo e o eterno retorno do antes” que teceu os fios onde se rearticulam práticas e discursos.

Portanto, entre a utopia (cuidado integral) e o ideal (saúde mental coletiva), o sonho (cuidado integral coletivo) e a realidade (saúde mental & saúde coletiva), a teoria e a prática do cuidado em saúde coletiva como nos mostra vários clássicos citados por nós ao longo deste capítulo, nos quais se tornaram explícito que ações de atenção à saúde necessitam ser ofertadas à população na lógica do cuidado integral e por meio de toda a rede de atenção, prioritariamente a rede de atenção primária em saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esclarecemos que alguns pontos que permeiam este capítulo resultam de nossa revisão tanto em fontes informais (palestras, cursos, eventos etc.) como formais (literatura nacional e internacional).

O diálogo entre estes dois campos é necessário, para consubstanciar a produção da saúde numa lógica integral e participativa.

E, para concluir, ainda percebemos que tanto a Saúde Mental como a Saúde Coletiva, como campos de saberes e práticas, são constituídas por agentes e instituições permeados por interesses comuns, mas ainda em fase de consolidação e visibilidade.

Referências

ALMEIDA, J. M. C. Política de Saúde Mental no Brasil: O que está em jogo nas mudanças em curso. **Cad. Saúde Pública**; v. 35, n. 11, e00129519, 2019.

ALMEIDA-FILHO, N.; PAIN, J. S.; VIEIRA-DA-SILVA, L. M. Saúde Coletiva: futuros “provisórios”. In: PAIM, J. S.; ALMEIDA-FILHO, N. **Saúde Coletiva: Teoria e Prática**. 1.^a ed. Rio de Janeiro: MedBook, 2014.

ANDRADE, A. G. **Álcool e a Saúde dos Brasileiros: Panorama 2019**. Centro de Informação sobre Saúde e Álcool. São Paulo, Brasil 2019, 104p.

ANDRADE, A. G.; DUARTE, P. C. A. V.; OLIVEIRA, L. G. (Org.) **I levantamento nacional sobre o uso de álcool e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras**. Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas [Obid], Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo [FMUSP], Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas [SENAD], Brasília, 2010, 284p.

BIRMAN, J. *et al.* **A Fabricação do Humano: Psicanálise, Subjetivação e Cultura.** São Paulo: Zagodoni, 2014.

BERWICK, D. M. Continuous Improvement as an ideal in Health Care. **The New England Journal of Medicine**, v. 320, n. 1, p. 53-56, 1989.

CAMPOS, G. W. S.; BONFIM, J. R. A.; MINAYO, M. C. S.; AKERMAN, M.; DRUMOND JÚNIOR, M.; CARVALHO, Y. M. **Tratado de Saúde Coletiva.** 2. ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Fiocruz, 2012.

CANESQUI, A. M. (Org.). **Dilemas e Desafios das Ciências Sociais na Saúde Coletiva.** São Paulo-Rio de Janeiro: Ed. Hucitec-Abrasco, 1995.

CASTIEL, L. D.; RIVERA, F. J. U. Planejamento em Saúde e Epidemiologia no Brasil: casamento ou divórcio? **Cad. Saúde Pública**, v. 1, n. 4, p. 447-456, 1985.

CONEGUNDES, L. S. O. *et al.* Binge drinking and frequent or heavy drinking among adolescents: prevalence and associated factors. **Journal de Pediatria**, v. 96, n. 2, p. 193-201, 2018.

DE ASSIS TRINDADE, B. P.; DINIZ, A. V.; SÁ-JÚNIOR, A. R. Uso de drogas entre estudantes universitários: uma perspectiva nacional. **Revista de Medicina e Saúde de Brasília**, v. 7, n. 1, p. 52-60, 2018.

DIEHL, A.; CORDEIRO, D. C.; LARANJEIRA, R. (Orgs.). **Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

ESCRITÓRIO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DROGAS E CRIME.
Relatório Mundial sobre Drogas 2020 (United Nations publication, Sales n., E.20.XI.6).

FOROUZANFAR, M. H. et al. Global, regional, and national comparative risk assessment of 79 behavioural, environmental and occupational, and metabolic risks or clusters of risks in 188 countries, 1990-2013: A systematic analysis for the Global Burden of Disease Study 2013. **The Lancet**, v. 386, n. 10010, p. 2287-2323, 5 dez. 2015.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.

FOUCAULT, M. O nascimento da medicina social. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GALDUROZ, J. C. F. et al. Fatores associados ao uso pesado de álcool entre estudantes das capitais brasileiras. **Rev. Saúde Pública**, v. 44, n. 2, p. 267-273, 2010.

GOMES-MEDEIROS, D.; FARIA, P. H.; CAMPOS, G. W. S. et al. Política sobre drogas e saúde coletiva: diálogos necessários. **Cad. Saúde Pública** 2019, v. 35, n. 7, p. e00242618.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE - 2015**. Rio de Janeiro - RJ. 2016. Disponível em: www.saude.gov.br/pense.-PSE.pdf. Acesso em: 14 fev. 2019.

JEKEL, J. F.; ELMORE, J. G.; KATZ, D. L. **Epidemiologia, Bioestatística e Medicina Preventiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

KNOX, E. G. (ed.); ACHESON, R. M.; ANDERSON, D. O.; BICE, T. W.; WHITE, K. L. **Epidemiology in health care planning**. A guide to the uses of a scientific method. Oxford (Inglaterra), International Epidemiological Association/WHO, 1986.

KRAUS, L.; LEIFMAN, H.; VICENTE, J. **O relatório ESPAD de 2015: uso de substâncias entre estudantes em 36 países europeus**. Conselho Sueco de Informação sobre Álcool e Outras Drogas, Estocolmo, Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência, Conselho da Europa, Grupo de Cooperação para Combater o Abuso de Drogas e o Tráfico Ilícito de Drogas (Grupo Pompidou), 2015.

LIMA, F. G.; SICILIANI, C. C.; DREHMER, L. B. R. O perfil atual da saúde mental na atenção primária brasileira. **Com Ciências Saúde**, v. 24, n. 2, p. 143-148, 2012.

MAANEN, J. V. (ed.). **Qualitative Methodology**. Beverly Hills/London/New Delhi, Sage Publications, Fourth Print, 1985.

MACRAE, E. J. B. N.; GORGULHO, M. Redução de danos e tratamento de substituição: posicionamento da Rede Brasileira de Redução de Danos. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, n. 52, p. 363-370, 2003.

MALTA, D. C. *et al.* Uso de substâncias psicoativas em adolescentes brasileiros e fatores associados: Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares, 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, n. 21(sup.1), p. e180004, 2018.

MERHY, E. E. **A Saúde Pública como política: um estudo de formuladores de políticas**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1992.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento. **Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro: Ed. Hucitec-Abrasco, 1992.

MIRANDA, F. A. N.; SILVA, G. W. S.; PINHEIRO, M. G. C.; LINS, S. L. F. (Orgs.). **A Saúde Mental e Coletiva nas Perspectivas Filosófica, Reflexiva, Conceitual e Contextual**. Natal/RN: EUFRN, 2018.150p.

NUNES, E. D. Pós-graduação em saúde coletiva no Brasil: histórico e perspectivas. **Physis**, v. 15, n. 1, p.13-38, 2005.

OLIVEIRA, M. R. F. Áreas de aplicação da epidemiologia nos serviços de saúde. **Epidemiol. Serv. Saúde**, v. 18, n. 2, p. 107-120, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Global status report on alcohol and health 2018**. Genebra, Suíça: Organização Mundial da Saúde, 2018a. Disponível em: https://www.who.int/substance_abuse/global_alcohol_report/. Acesso em: 6 mar. 2019.

ONOCKO-CAMPOS R.; FURTADO, J. P. Entre a saúde coletiva e a saúde mental: um instrumental metodológico para avaliação da rede de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) do Sistema Único de Saúde. **Cad. Saúde Pública**, v. 22, n. 5, p. 1053-1062, 2006.

PAIM, J. S. MOTA, E. Epidemiologia e planejamento em saúde. In: BARRETO, M. L.; FILHO, N. A. **Epidemiologia e Saúde: fundamentos, métodos e aplicações**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

PEREIRA, M. G. **Epidemiologia: Teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

RONZANI, T. M.; NOTO, A. R.; SILVEIRA, P. S. Reduzindo o estigma entre usuários de drogas. **Guia para profissionais e gestores**. Juiz de Fora-MG: EUFJF, 2014.

SANCHEZ, Z. M. A prática de binge drinking entre jovens e o papel das promoções de bebidas alcoólicas: uma questão de saúde pública. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 26, n. 1, p. 195-198, 2017.

SANTOS, M. I. P. *et al.* Indicadores de produção científica e formação de pesquisadores na Saúde Coletiva brasileira. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 72, n. 1, p. 9-18, 2019.

SILVA, M. L. V.; FORMIGLI, V. L. A. Avaliação em Saúde: Limites e Perspectivas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 10, n. 1, p. 80-91, 1994.

SANTOS, M. V. F.; PORTUGAL, F. B.; CAETANO, R. Epidemiologia do consumo de substâncias psicoativas. *In*: SIQUEIRA, M. M. (Org.). **Álcool, Tabaco e outras Drogas na Atenção Básica**. 1. ed. Vitória: EDUFES, 2016. p. 51-67.

SCARCELLI, I. R.; ALENCAR, S. L. S. Saúde Mental e Saúde Coletiva: Intersetorialidade e Participação em Debate. **Cad. Bras. Saúde Mental**, v.1, n. 1, 2009 (CD-ROM).

SCHIMIDT, M. I., DUNCAN, B. B.; SILVA, G. A.; MENEZES, A. M., MONTEIRO, C. A.; BARRETO, S. M.; CHOR, D.; MENEZES, P. R. **Doenças crônicas não transmissíveis no Brasil**: carga e desafios atuais. *Lancet*, n. 9, p. 61-74, 2011.

SOUZA, L. E. P. F. Saúde Pública ou Saúde Coletiva. **Ver Espaço para a Saúde**, v. 15, n. , p. 07-21, 2014.

STENZEL, A. C. B. **A Temática da Avaliação no Campo da Saúde Coletiva**: Uma Bibliografia Comentada. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (Mestrado em Enfermagem/Saúde Coletiva), Universidade Estadual de Campinas, 1996.

TESTA, M. **Pensar em Saúde**. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas/ Abrasco, 1992.

YACH, D. The use and value of Qualitative Methods in health research in developing countries. **Social Science and Medicine**, v. 35, n. 4, p. 603-612, 1992.

VARGAS, A. F. M.; CAMPOS, M. M. A trajetória das políticas de saúde mental e de álcool e outras drogas no século XX. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. v. 24, n. 3, p. 1041-1050, 2019.

VIEIRA-DA-SILVA, L. M.; PAIM, J. P.; SCHRAIBER, L. B. O que é saúde coletiva? *In*: PAIN, J. S.; ALMEIDA-FILHO, N. **Saúde Coletiva**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Medbook, 2014. p. 3-12.

Aprender fazendo: o caso UFES (área da saúde)

Rayane Cristina Faria de Souza

Laerson da Silva de Andrade

Flávia Batista Portugal

Marluce Mechelli de Siqueira

INTRODUÇÃO

O Centro de Estudos e Pesquisas sobre Álcool e outras Drogas (CEPAD) foi criado em julho de 1996, por meio da Resolução n. 086/97 no Centro Acadêmico anteriormente denominado Centro Biomédico (CBM) e hoje Centro de Ciências da Saúde (CCS), a partir de atividades desenvolvidas por membros da equipe do Programa de Atendimento ao Alcoolista do Hospital Universitário Cassiano Antônio Moraes (PAA-HUCAM-UFES) desde 1985, ao perceberem que o programa se restringia a atividades de assistência e de extensão

(SIQUEIRA; GOMES; GARCIA, 1992; 1993; PORTUGAL *et al.*, 2009; VENÂNCIO *et al.*, 2018).

Dessa forma, o CEPAD surgiu com a missão de prestar assessoria e planejamento em dependência química. Trata-se de um núcleo interdisciplinar e interinstitucional que reúne discentes, docentes e profissionais de diversas áreas do conhecimento da Universidade, Centro de Ciências da Saúde, demais Centros Acadêmicos da UFES, bem como de outras Instituições da área da saúde e afins (SIQUEIRA *et al.*, 2002).

A organização vigente possibilita também que estudantes e profissionais possam desenvolver paralelamente às suas atividades acadêmicas e de serviços uma formação em saúde mental, com ênfase no abuso e dependência de drogas, sendo possível então o crescimento pessoal, profissional e científico (AMORIM; LAZARINI; SIQUEIRA, 2007).

A partir de 2020, o Centro realizou uma expansão em suas ações passando a ser denominado Centro de Estudos e Pesquisas sobre o Álcool e outras Drogas: Interconexões (CEPAD),¹ acompanhando de forma interativa e integrativa os setores educação e saúde, por meio de uma proposta de trabalho com reflexões sobre: saúde mental, qualidade de vida e saúde integral, no âmbito dos quatro pilares: ensino-assistência, pesquisa, extensão e desenvolvimento institucional; corroborando, dessa forma, com o Plano Estratégico 2020-2024 da Universidade Federal do Espírito Santo que abrange as áreas anteriormente mencionadas (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2020).

Assim, o CEPADi vem desenvolvendo vários projetos, especialmente desde 2002 o projeto denominado Perfil do Uso de Substâncias Psicoativas (PUSPA), no qual diversos Centros Acadêmicos da UFES foram cenário de investigação em relação ao consumo de SPAs entre

1 Consultar em: <https://cepad.ufes.br/centro-de-estudos-e-pesquisas-sobre-o-alcool-e-outras-drogas-interconexoes-cepadi>.

os universitários, no qual se buscou verificar o perfil dos universitários, tipos e padrão de consumo das SPAs, comportamento de risco e/ou proteção entre esses estudantes nesses últimos 18 anos, bem como as consequências individuais e coletivas (SIQUEIRA; BUAIZ, 2010; SIQUEIRA; PORTUGAL, 2016).

A seguir passaremos a apresentar de forma sistematizada os principais achados do projeto PUSPA – CCJE, CCS (1ª etapa), CE, CCHN, CEUNES, e de forma mais detalhada no CCS (2ª etapa) nos seus cursos do REUNI. E somado a isso as principais produções acadêmicas e científicas decorrentes do referido projeto.

PROJETO PERFIL DO USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS ENTRE UNIVERSITÁRIOS (PUSPA)

Como mencionamos acima, o projeto PUSPA envolveu diversos Centros Acadêmicos, tendo sido iniciado em 2002 no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE), no qual foi realizado estudo junto a estudantes dos cursos de Serviço Social, Administração, Biblioteconomia, Direito, Comunicação, Ciências Contábeis e Economia (CARVALHO *et al.*, 2002). Seguindo-se para o Centro de Ciências da Saúde (CCS), em 2007, avaliando os cursos de Enfermagem, Farmácia, Odontologia e Medicina (MARDEGAN *et al.*, 2007; SOUZA, 2007; PORTUGAL *et al.*, 2008; PEREIRA *et al.*, 2008; TEIXEIRA *et al.*, 2010). Posteriormente, em 2010, o Centro de Educação, onde foi pesquisado o curso de Pedagogia (PORTUGAL, 2010; PORTUGAL; SIQUEIRA, 2011; PORTUGAL; CERUTTI JUNIOR; SIQUEIRA, 2014). E, por fim, de 2011 a 2013, o Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN), no qual se analisou o curso de Psicologia (SANTOS, 2011; PEREIRA, 2013; PROCÓPIO, 2013; SANTOS; PEREIRA; SIQUEIRA, 2013; SANTOS; PROCÓPIO; PORTUGAL; SIQUEIRA, 2013). E, ainda, o Centro Universitário Norte (CEUNES), estudando o curso de

Enfermagem daquele campus (BOURGUIGNON; SILVA; COELHO; SIQUEIRA, 2011).

Em todos os cursos estudados, o consumo das SPAs lícitas (álcool e tabaco) foi muito prevalente, corroborando com a literatura nacional (ANDRADE; DUARTE; OLIVEIRA, 2010). O padrão de consumo das SPAs foi semelhante em alguns cursos, merecendo destaque padrão o “uso na vida” das SPAs, ou seja, a maioria dos universitários utilizou SPAs ao longo da sua vida pessoal e acadêmica. Todavia, algumas particularidades foram detectadas, tais como entre os universitários do Serviço Social, Administração, Biblioteconomia, Direito, Comunicação, Ciências Contábeis e Economia do CCJE e da Odontologia e Farmácia do CCS, que apresentaram um padrão de uso de “solventes e inalantes maior do que os demais cursos (CARVALHO *et al.*, 2002; PORTUGAL; SOUZA; BUAIZ; SIQUEIRA, 2008; TEIXEIRA; SOUZA; BUAIZ, SIQUEIRA, 2010). Já os estudantes de Enfermagem do CCS e CEUNES, os de Psicologia do CCHN e de Pedagogia do CE relataram um maior padrão de uso de “tranquilizantes/ansiolíticos” (SOUZA, 2007; PORTUGAL, 2010; PORTUGAL; SIQUEIRA, 2011; BOURGUIGNON; SILVA, COELHO; SIQUEIRA, 2011; PEREIRA, 2013; PROCÓPIO, 2013; SANTOS, PROCÓPIO; PORTUGAL; SIQUEIRA, 2013; PORTUGAL; CERUTTI JUNIOR; SIQUEIRA, 2014).

Nas pesquisas referidas acima, a respeito da relação entre o sexo e a SPAs estudadas, constatou-se que o “tabaco” foi mais consumido entre os homens e os “barbitúricos e alucinógenos” entre as mulheres. Em relação ao “álcool”, o consumo foi maior no sexo masculino, porém os estudantes do sexo feminino apresentaram um consumo bem próximo ao masculino. E ainda se verificou um consumo de “anfetaminas e ansiolíticos” entre o sexo masculino, todavia mantendo o consumo maior entre o sexo feminino. Quanto à experimentação para as SPAs lícitas, a faixa etária entre 15 e 18 anos (média 12 anos) e a experimentação para as SPAs ilícitas, ocorreu após os 18 anos, além de numerosos relatos sobre episódios de violência

e acidentes após o consumo das SPAs e, ainda, uma correlação entre falta às aulas e/ou perda de um compromisso, após o uso pesado de SPAs lícita ou ilícita (CARVALHO *et al.*, 2002; MARDEGAN; SOUZA; BUAIZ; SIQUEIRA, 2007; SOUZA, 2008; PORTUGAL; SOUZA; BUAIZ; SIQUEIRA, 2008; PEREIRA; SOUZA; BUAIZ; SIQUEIRA, 2008; PORTUGAL, 2010; TEIXEIRA; SOUZA; BUAIZ; SIQUEIRA, 2010; BOURGUIGNON; SILVA; COELHO; SIQUEIRA, 2011; PORTUGAL; SIQUEIRA, 2011; SANTOS, 2011; PEREIRA, 2013; PROCÓPIO, 2013; SANTOS; PEREIRA; SIQUEIRA, 2013; SANTOS; PROCÓPIO; PORTUGAL; SIQUEIRA, 2013; PORTUGAL; CERUTTI JUNIOR; SIQUEIRA, 2014).

Percebe-se nitidamente a presença da experimentação de SPAs lícitas e/ou ilícitas entre os universitários da UFES. Observa-se também uma variação no padrão de uso das SPAs, o que justifica a presença do “abuso de SPAs lícitas e/ou ilícitas” entre os universitários dos Centros estudados. Destaca-se, ainda, que a possibilidade de instalação da dependência de SPAs lícitas e/ou ilícitas é um caminho possível para estes adultos jovens, futuros profissionais do mercado capixaba.

A partir de 2016, o mesmo estudo sobre o Perfil do Uso de Substâncias Psicoativas entre Universitários (PUSPA) foi realizado entre os cursos inseridos na Universidade por meio do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), plano este que objetivou expandir a educação superior, ampliando o acesso, e, somado a isso, consubstanciar o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) (BRASIL, 2007; SIQUEIRA; PORTUGAL, 2015).

Portanto, especificamente no Centro de Ciências da Saúde (CCS) da UFES, o projeto PUSPA foi realizado em duas etapas: 1ª etapa (cursos pioneiros) – Medicina, Enfermagem, Odontologia e Farmácia e, posteriormente, uma 2ª etapa (cursos do REUNI) – Terapia Ocupacional, Nutrição, Fonoaudiologia e Fisioterapia no CCS da UFES (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2011).

No que concerne à segunda etapa, realizou-se estudos com os cursos inseridos na universidade através da Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, a saber: terapia ocupacional, nutrição, fonoaudiologia e fisioterapia, entre o período de 2016 a 2020.

Em 2016, iniciou-se a investigação no curso de Terapia Ocupacional (PINHO, 2018); nos anos seguintes, em 2017 obteve-se os dados do curso de Nutrição (ANDRADE, 2019) e em 2018 adquiriu-se dados dos cursos de Fonoaudiologia (PUPPIM, 2019) e Fisioterapia (MORAES, 2021).

Em relação ao padrão de consumo de álcool e tabaco, foi detectado o uso prejudicial ou nocivo frequente entre os universitários do CCS (50% dos relatos), merecendo destaque a prevalência do consumo de ambos nos cursos de Terapia Ocupacional (PINHO, 2018) e Fisioterapia (MORAES, 2021), seguido pelos demais, Nutrição (ANDRADE, 2019) e Fonoaudiologia (PUPPIM, 2019).

É válido ressaltar, ainda, que a média de uso de álcool na vida, no ano e no mês é, respectivamente, 83%; 64,62%; 55,25% entre estes universitários. E o consumo de álcool em padrão *binge drinking* no ano, 50,65%, e no mês, 39,15%, bastante expressivo. E, por fim, acerca do uso do tabaco na vida, no ano e no mês, 31,3%; 16,35%; 10,75% entre os universitários do CCS-UFES (PINHO, 2028; ANDRADE, 2019; PUPPIM, 2019; MORAES, 2021), impactando na qualidade de vida pessoal e acadêmica, como mostra Souza (2021).

Percebe-se nitidamente a presença da experimentação de SPAs lícitas e/ou ilícitas entre os universitários da UFES. Observa-se, também, uma variação no padrão de uso das SPAs, o que justifica a presença do “abuso de SPAs lícitas e/ou ilícitas” entre os universitários dos Centros estudados. Vale evidenciar o consumo intenso de álcool (padrão *binge drinking*) na população universitária. Fato que corrobora com o I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários

(ANDRADE; DUARTE; OLIVEIRA, 2010) e outros autores nacionais (FERNANDES *et al.*, 2017; SOUZA, 2021).

Assim sendo, destaca-se, ainda, que a possibilidade de instalação da dependência de SPAs lícitas e/ou ilícitas é um caminho possível para estes adultos jovens, futuros profissionais do mercado capixaba e/ou nacional.

Apresentamos a seguir algumas produções (trabalho de conclusão de curso, dissertações, teses defendidas, artigos e resumos expandidos publicados), como demonstrado nos Quadros 3 e 4 a seguir:

1ª etapa: Cursos pioneiros CCS-UFES – Medicina, Enfermagem, Odontologia e Farmácia

Quadro 3: Produções PUSPA (cursos pioneiros CCS-Ufes)Vitória/ES, 2020

ANO	PRODUÇÃO
2007	MARDEGAN, P. S.; SOUZA, R. S.; BUAIZ, V.; SIQUEIRA, M.M. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de enfermagem. <i>J. Bras. Psiquiatr.</i> , Rio de Janeiro, v. 56, n. 4, p. 260-6, 2007.
	SOUZA, R. S. Uso de álcool e tabaco entre estudantes da saúde de uma universidade pública. 2007. 119f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2007.
2008	PEREIRA, D. S.; SOUZA, R. S.; BUAIZ, V.; SIQUEIRA, M.M. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de medicina. <i>J. Bras. Psiquiatr.</i> , Rio de Janeiro, v. 57, n. 3, p. 188-195, 2008.
	PORTUGAL, F. B.; SOUZA, R. S.; BUAIZ, V.; SIQUEIRA, M. M. Uso de drogas por estudantes de Farmácia da Universidade Federal do Espírito Santo. <i>J. Bras. Psiquiatr.</i> Rio de Janeiro, v. 57, n. 2, p. 127-132, 2008.

ANO	PRODUÇÃO
2008	<p>PEREIRA, D. S. Perfil do uso de Cannabis sativa entre universitários da saúde: uma proposta de prevenção. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Enfermagem e Obstetrícia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2008.</p> <p>TEIXEIRA, R. F.; LIMA, T. A. Perfil do uso de substâncias psicoativas entre estudantes de enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Enfermagem e Obstetrícia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2008.</p>
2009	<p>TEIXEIRA, R. F.; LIMA, T. A. Perfil do uso de substâncias psicoativas entre estudantes de enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Enfermagem e Obstetrícia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2008.</p> <p>SILVA, B. P. O uso do tabaco entre os universitários de enfermagem das Faculdades Unificadas Doctum, Campus Guarapari-ES. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem). Faculdades Unificadas Doctum, Guarapari-ES. 2009.</p>
2010	<p>TEIXEIRA, R. F.; SOUZA, R. S.; BUAIZ, V.; SIQUEIRA, M. M. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de odontologia da Universidade Federal do Espírito. <i>Ciênc. saúde coletiva</i>, v. 15, n. 3, p. 655-662, 2010.</p>

Fonte: o próprio autor.

Como pode ser visto no Quadro 3, anteriormente citado, a produção acadêmica e científica decorrente do projeto PUSPA-C-
CS-UFES no período compreendido entre 2006 e 2010 (5 anos) totalizou 9 produtos, sendo: a) Trabalhos Acadêmicos - 3 trabalhos de conclusão de curso (Enfermagem); 1 dissertação de mestrado (Saúde Coletiva) e b) Trabalhos Científicos - 5 artigos publicados em periódicos nacionais indexados na área da saúde coletiva, envolvendo os cursos de Enfermagem, Medicina, Farmácia, Odontologia e o próprio Centro de Estudos e Pesquisas, os quais são citados tanto na literatura nacional como na internacional das áreas afins.

**2ª etapa: Cursos REUNI-CCS-UFES –
Terapia Ocupacional, Nutrição, Fonoaudiologia e
Fisioterapia**

Quadro 4: Produções PUSPA (cursos pioneiros CCS-Ufes)Vitória/ES, 2020

ANO	PRODUÇÃO
2017	<p>ABREU, A. P. Perfil do uso de Maconha entre universitários de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Espírito Santo. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Terapia Ocupacional) – Departamento de Terapia Ocupacional, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2017.</p>
	<p>ABREU, A. P. O uso de substâncias psicoativas por estudantes de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Espírito Santo. <i>In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES, 8, 2017, Vitória: PRPPG. Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/. Acesso em: 09 nov. 2019.</i></p>
	<p>ALBANE, S. Qualidade de vida e uso de álcool entre universitários da área da saúde da Universidade Federal do Espírito Santo. <i>In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES, 8, 2017, Vitória: PRPPG. Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/. Acesso em: 09 nov. 2019.</i></p>
	<p>SEABRA, L. R. O. Uso de álcool, ansiedade e depressão entre universitários da área da saúde da Universidade Federal do Espírito Santo. <i>In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES, 8, 2017, Vitória: PRPPG. Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/. Acesso em: 09 nov. 2019.</i></p>

continua

ANO	PRODUÇÃO
2018	<p>CARDOSO, L. S. ; ABREU, A. P. ; SOUZA, R. C.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Perfil do Uso de Maconha entre Universitários do Curso de Terapia Ocupacional de Uma Universidade Pública. <i>In: XV Encontro Internacional de Pesquisadores em Saúde Mental e Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica – o cuidado em saúde mental da teoria às boas práticas</i>, 2018, Ribeirão Preto. Anais do XV Encontro Internacional de Pesquisadores em Saúde Mental e Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica. Ribeirão Preto: FIERP, 2018. v. 1, p. 1-124.</p>
	<p>COMPER, E.; VENÂNCIO, F. F.; PUPPIM, N. G.; ANDRADE, L. S.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Uso de Álcool entre Universitários do Curso de Fonoaudiologia de uma Universidade Pública. <i>In: Anais do XV Encontro Internacional de Pesquisadores em Saúde Mental e Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica</i>, Ribeirão Preto, v. 2, p. 113. 2018.</p>
	<p>FONSECA, F. V. O uso de substâncias psicoativas por estudantes de Nutrição da Universidade Federal do Espírito Santo 2018. Iniciação Científica. (Graduando em Enfermagem e Obstetrícia) – Universidade Federal do Espírito Santo. 2018.</p>
	<p>MAURO, N. A.; SEABRA, L. R. O.; SOUZA, R. C. F.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Ansiedade e Depressão entre Estudantes de Terapia Ocupacional de Uma Universidade Pública. <i>In: XV Encontro Internacional de Pesquisadores em Saúde Mental e Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica – o cuidado em saúde mental da teoria às boas práticas</i>, 2018, Ribeirão Preto. Anais do XV Encontro Internacional de Pesquisadores em Saúde Mental e Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica. Ribeirão Preto: FIERP, 2018. v. 1, p. 1-124.</p>
	<p>MORAES, M. R. N. et al. Uso de Substâncias Psicoativas entre Universitários: Impactos na Vida Acadêmica e no Futuro Profissional. <i>In: 170 Jornada Científica e Cultural FAESA</i>, 2018, Vitória/ES: Conselho editorial do Centro de Pesquisa e Extensão FAESA, v. 2. p. 68-70, 2018.</p>
	<p>PINHO, M. C. Uso de álcool e tabaco entre universitários de Terapia Ocupacional de uma universidade pública. 2018. 108f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2018.</p>
	<p>RATIS, C. S. Uso de álcool entre universitários do curso de nutrição da UFES. <i>In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES</i>, 9, 2018, Vitória: PRPPG. Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/est_meio.php?ano=2017. Acesso em: 11 dez. 2020.</p>

continua

ANO	PRODUÇÃO
2018	RATIS, C. S. Uso de álcool por estudantes de nutrição. 2018. Iniciação Científica. (Graduando em Enfermagem) – Universidade Federal do Espírito Santo. 2018.
	RATIS, C. S.; TRANHAQUI, D. C. Comportamento sexual de estudantes universitários. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Enfermagem e Obstetrícia) – Universidade Federal do Espírito Santo. 2018.
	RATIS, C. S.; VENÂNCIO, F. F.; ANDRADE, L. S.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Álcool e Tabaco: Padrão de Uso no Curso de Nutrição de Uma Universidade Pública. In: 1 CONGRESSO CAPIXABA DE ENFERMAGEM, 2018, Vila Velha. I Congresso Capixaba de Enfermagem / II Encontro Interdisciplinar em Saúde do Estado do Espírito Santo, 2018
	SANTOS, L. R. O. S. S. Proporção de sintomas sugestivos de ansiedade e depressão entre estudantes de terapia ocupacional de uma universidade pública. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem e Obstetrícia) – Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2018.
	SEABRA, L. Ansiedade e depressão entre estudantes de terapia ocupacional de uma universidade pública. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Enfermagem e Obstetrícia) – Universidade Federal do Espírito Santo. 2018.
	SOUZA, R. C. F.; MORAES, M. R. N.; PORTUGAL, F. B. ; SIQUEIRA, M. M. Qualidade de Vida dos Estudantes da Área da Saúde: Revisão Integrativa da Literatura. In: XV Encontro Internacional de Pesquisadores em Saúde Mental e Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica – o cuidado em saúde mental da teoria às boas práticas, 2018, Ribeirão Preto. Anais do XV Encontro Internacional de Pesquisadores em Saúde Mental e Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica. Ribeirão Preto: FIERP, 2018. v. 1, p. 1-124.
	TRANHAQUI, D. C. Uso de substâncias lícitas entre estudantes de fonoaudiologia. 2018. Iniciação Científica. (Graduando em Enfermagem e Obstetrícia) – Universidade Federal do Espírito Santo. 2018.
	TRANHAQUI, D. C.; COMPER, E.; SOUZA, R. C. F.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Uso de Substâncias Lícitas entre Estudantes do Curso de Fonoaudiologia de Uma Universidade Pública. In: Anais do XV Encontro Internacional de Pesquisadores em Saúde Mental e Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica, Ribeirão Preto-SP, v. 2, 2018.

continua

ANO	PRODUÇÃO
2018	<p>VENÂNCIO, F. F.; ANDRADE, L. S.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Uso de Tabaco entre Universitários de Nutrição da Universidade Federal do Espírito Santo. <i>In: 2º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), 2018, Rio de Janeiro. Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas. Campinas: Galoá, 2018. p. 100564 do Espírito Santo.</i></p>
2019	<p>ANDRADE, L. S. Uso de álcool e tabaco entre universitários de nutrição de uma universidade pública. 2019. 127f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019</p> <p>MAURO, N. A.; RAMOS, L. F.; SOUZA, R. C. F.; ALBANI, S.; SIQUEIRA, M. M.; PORTUGAL, F. B. Saúde Mental: Teoria e Intervenção – Uso de álcool e maconha entre universitários de terapia ocupacional de uma universidade pública: E a qualidade de vida? – Cap. 23. 1ed. Ponta Grossa-PR: Editora Atena, 2019. n. 1, p. 238-248, 10p.</p> <p>PUPPIM, N. G. Uso de álcool e tabaco entre universitários de fonoaudiologia de uma universidade pública. 2019. 100f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.</p> <p>RAMOS, L. F.; ABREU, A. P.; SOUZA, R. C. F.; SIQUEIRA, M. M.; GARCIA, A. L.; PORTUGAL, F. B. Saúde Mental: Teoria e Intervenção – Uso de maconha entre universitários de uma universidade pública: Dilemas & Desafios – Cap. 18, 1. ed. Ponta Grossa/PR: Editora Atena, 2019. n. 1, p. 183-193.</p> <p>SOUZA, R. C. F.; ANDRADE, L. S.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Qualidade de vida entre estudantes da área da saúde de uma universidade brasileira. <i>In: X Congresso Internacional da Sociedade Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, 2019, Portalegre. Anais do X Congresso Internacional da Sociedade Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, 2019.</i></p> <p>SOUZA, R. C. F.; MORAES, M. R. N.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Qualidade de vida na percepção dos universitários do Centro da Saúde de uma universidade pública: Uma análise de conteúdo. <i>In: X Congresso Internacional da Sociedade Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, 2019, Portalegre/Portugal. Anais do X Congresso Internacional da Sociedade Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, 2019.</i></p>

continua

ANO	PRODUÇÃO
2020	ANDRADE, L. S.; SOUZA, R. C. F.; PORTUGAL, F.; SIQUEIRA, M. M. Uso de álcool e tabaco entre universitários de Nutrição de uma universidade pública. <i>Int J of Psychology and Neuroscience</i> , 2020 (submetido).
	LACERDA, A. A. Qualidade de vida e o uso de álcool e tabaco entre universitários do curso de fisioterapia. <i>In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES</i> , 11, 2020, Vitória: PRPPG. Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/est_meio.php?ano=2019 . Acesso em: 11 dez. 2020.
	MAURO, N. A. Associação da Qualidade de Vida e uso de drogas ilícitas entre futuros fisioterapeutas. <i>In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES</i> , 11, 2020, Vitória: PRPPG. Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/est_meio.php?ano=2019 . Acesso em: 11 dez. 2020.
	PINHO, M. C.; SOUZA, R. C. F.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Uso de álcool e tabaco entre universitários de Terapia Ocupacional de uma universidade pública. <i>SMAD. Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas</i> (edição em português), n. 16, p. 1-12, 2020.
	RAMOS, L. F. Uso de maconha entre universitários da área da saúde de uma universidade pública. <i>In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES</i> , 11, 2020, Vitória: PRPPG. Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/est_meio.php?ano=2019 . Acesso em: 11 dez. 2020.
	MORAES, M. R. N. Uso de álcool e tabaco entre universitários de fisioterapia de uma universidade pública. 2021. 120f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.
	RAMOS, L. R. Uso de maconha entre universitários da área da saúde de uma universidade pública. <i>In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES</i> , 11, 2020, Vitória: PRPPG. Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/est_meio.php?ano=2019 . Acesso em: 11 dez. 2020
	SOUZA, R. C. F.; ANDRADE, L. S.; MORAES, M. R. N.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Qualidade de vida na percepção dos universitários de um Centro de Ciências da Saúde de uma universidade pública. <i>Rev. Portuguesa Enferm. Saúde Mental</i> , 2020.

continua

ANO	PRODUÇÃO
2020	SOUZA, R. C. F.; MORAES, M. R. N.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Quality of Life Among University Memers of the Health Area: Integrative Review. <i>Int J of Psychology and Neuroscience</i> , 2020.
	VENÂNCIO, F. F. A relação entre abuso sexual e uso de substâncias psicoativas entre universitários da área da saúde. <i>In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES</i> , 11, 2020, Vitória: PRPPG. Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/est_meio.php?ano=2019 Acesso em: 11 dez. 2020.
2021	MORAES, M. R. N. Uso de álcool e tabaco entre universitários de fisioterapia de uma universidade pública. 2021. 120f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021
	PUPPIM, N. G.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Uso de substâncias lícitas entre os estudantes de Fonoaudiologia de uma universidade pública. <i>SMAD. Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas</i> (edição em português), 2021.
	SOUZA, R. C. F. Saúde mental dos estudantes universitários: Avaliando a qualidade de vida e fatores associados. 2021. 188f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito do Santo, Vitória/ES, 2021

Fonte: o próprio autor.

No Quadro 4 anteriormente citado, temos a produção acadêmica e científica decorrente do projeto PUSPA-CCS-Ufes nos cursos do REUNI, no período compreendido entre 2016 e 2020 (5 anos), totalizando 36 produtos, sendo: a) Trabalhos Acadêmicos - 4 trabalhos de conclusão de curso (TO e Enfermagem); 4 dissertações de mestrado (Saúde Coletiva); 1 tese de doutorado (Saúde Coletiva) e b) Trabalhos Científicos - 9 de iniciação científica (Terapia Ocupacional, Nutrição, Fonoaudiologia, Fisioterapia); 4 artigos publicados em periódico nacional e internacional indexado na área da saúde coletiva (TO e cursos da saúde); 2 capítulos de livros (substância lícita e ilícita) e 17 resumos expandidos, os quais são citados tanto na literatura nacional como na internacional das áreas afins.

A seguir, apresentaremos os resumos (dissertações e tese) aprovados no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), envolvendo os cursos de *Terapia Ocupacional*, *Nutrição*, *Fonoaudiologia* e *Fisioterapia*, bem como artigos publicados e/ou no prelo. São eles:

Terapia ocupacional

Pinho, M. C. **Uso de álcool e tabaco entre universitários de Terapia Ocupacional de uma universidade pública**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2018.

Resumo

O uso de substâncias psicoativas (SPAs) entre universitários merece atenção, em especial o álcool e o tabaco, devido à maior prevalência de usuários e maior aceitação social. Dessa forma, o objetivo do presente trabalho foi traçar o perfil do uso de álcool e tabaco e seus fatores associados, entre os universitários do curso de Terapia Ocupacional de uma universidade pública. Trata-se de um estudo transversal e quantitativo. O instrumento de pesquisa utilizado foi o questionário proposto pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD) para o I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras. Para análise dos dados, foi utilizado o programa Statistical Package for the Social Science – SPSS 22. Os resultados mostraram predomínio do sexo feminino, faixa etária entre 18 e 24 anos, religião Evangélica/Protestante, classe socioeconômica B e solteiros. Em relação ao uso de álcool, 85,6% relataram uso na vida, 75,7% no ano e 62,3% no mês. 61,5% relataram beber em *binge* no ano e 46,8% no mês. Quanto ao tabaco, 36% relataram uso na vida, 25,7% no ano e 20,9% no mês. Não ter religião e faltar às aulas associaram-se positivamente com *binge* no ano. Os estudantes que já pegaram carona com motorista alcoolizado ou com o motorista da vez apresentam maiores chances de beber em *binge* no ano e no mês. Não ter religião também se associou positivamente com o tabaco, tanto

para uso na vida quanto no ano. Os resultados obtidos possibilitaram conhecer o perfil do uso de álcool e tabaco e seus fatores associados na população estudada, permitindo despertar na comunidade acadêmica a necessidade de inclusão e/ou ampliação da abordagem do tema no currículo universitário do curso e de implementação de ações de prevenção ao uso indevido dessas duas substâncias.

Palavras-chave: Estudantes. Transtornos Relacionados ao Uso de Substâncias. Políticas Públicas. Prevenção & Controle.

PINHO M. C.; SOUZA R. C. F.; PORTUGAL F. B.; SIQUEIRA M. M. Use of alcohol and tobacco among university students of Occupational Therapy at a public university. SMAD, *Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.* 2020; v. 16, n. 1, p. 1-12. doi: <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.152411>

Resumo

Objetivo: Traçar o perfil do uso de álcool e tabaco e seus fatores associados entre universitários de Terapia Ocupacional.

Método: estudo transversal realizado com estudantes acima de 18 anos do primeiro ao último período do curso de Terapia Ocupacional de uma universidade pública. O instrumento de pesquisa utilizado foi o questionário proposto pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas para o Iº Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras. Para a análise estatística, foi utilizado o *Statistical Package for the Social Science*.

Resultados: a prevalência de “binge drinking no ano” foi de 61,5% e de “binge drinking no mês” foi de 46,8%. O uso na vida de tabaco foi de 36% e no ano de 25,7%. A religião mostrou-se significativamente associada ao “binge drinking no ano” e ao uso na vida e no ano de tabaco. “Pegar carona com o motorista da vez” e “Pegar carona com motorista alcoolizado” associaram-se significativamente às variáveis “binge drinking no ano” e “binge drinking no mês”. Conclusão: os resultados contribuem para criar ações de prevenção ao uso indevido de álcool e tabaco, bem como à inclusão ou ampliação da abordagem do tema no currículo do curso.

Palavras-chave: Estudantes; Tabaco; Bebidas Alcoólicas; Políticas Públicas; Prevenção & Controle.

NUTRIÇÃO

ANDRADE, L. S. **Uso de álcool e tabaco entre universitários de Nutrição de uma universidade pública.** Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2019.

Resumo

O uso de substâncias psicoativas entre universitários possui uma prevalência maior quando comparado com a população geral. Dessa forma, nosso objetivo foi caracterizar o perfil do uso de álcool e tabaco, bem como os fatores associados entre os universitários de Nutrição de uma universidade pública. Para análise dos dados, foi utilizada a análise univariada, e as estimativas fornecidas pela análise bivariada (Qui-quadrado e Fisher) foram expressas como Razão de Prevalência e Intervalo de Confiança. Bem como para a análise multivariada foi realizada a Regressão Logística Binária. Foram incluídas na análise multivariada as variáveis associadas ao desfecho em um nível de significância menor ou igual a 25%. O estudo abordou 159 estudantes matriculados no curso de Nutrição, o que corresponde a 69,43% dos alunos matriculados em 2018. Houve predominância do sexo feminino (87,9%), na faixa etária de 18-24 anos (88%), católicos (41,8%) e evangélica (36,7%), classe econômica B (62%). Os grupos étnicos de maior proporção foram: Caucasoide/Branco (50%) e Pardo/Mulato (39,9%). A prevalência do uso do álcool nos últimos 12 meses, *binge drinking* nos últimos 12 meses nos últimos 30 dias foram: 34,6%, 46,4% e 35,9%, respectivamente. Desses, 73,5% são usuários de baixo risco e 26,6% de risco moderado. Quanto ao tabaco, 28,7% relataram que realizaram o consumo de tabaco em algum momento da vida, sendo que nos *Últimos 12 meses* a prevalência do consumo foi de 9,1%, nos *Últimos 3 meses*, de 6,5% e nos *Últimos 30 dias*, de 5,4%. Na amostra, 5,1% possuem uma dependência

muito baixa. Na análise multivariada, as variáveis preditoras significativas para o uso e abuso de álcool foram Sexo, Idade de experimentação, Prática religiosa e Atividade remunerada. Já para o uso do tabaco, foram Sexo, Prática religiosa e Idade de experimentação do tabaco. Os estudos sobre o consumo de SPAs entre universitários são necessários para compreensão das mais diversas dimensões do uso de drogas na sociedade.

Palavras-chave: Consumo de Álcool na Faculdade. Tabaco. Universidade. Estudantes.

ANDRADE, L. S.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. **Uso nocivo de álcool entre universitários: Um velho dilema com novos desafios.*** 2018.

Resumo

Objetivo: Identificar na literatura estudos sobre o uso nocivo de álcool entre universitários e suas sugestões para a prevenção.

Métodos: Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada com os descritores “Álcool” e “Universitários”, a qual buscou no período de 1º a 20 de novembro de 2017 artigos indexados na Scielo (*Scientific Electronic Library Online*). Os critérios de inclusão foram artigos publicados em português no período de 2000 a 2017 que atendessem ao objetivo da pesquisa. Foram excluídos artigos de revisão de literatura, levantamentos nacionais, teses, dissertações e os não disponibilizados na íntegra. Os critérios de inclusão foram: ser um estudo desenvolvido no Brasil; público investigado estudantes universitários; que traga dados sobre fatores de proteção e risco associados ao uso nocivo de álcool; perfil de uso do álcool e estudos que tragam informações exclusivamente sobre o uso nocivo do álcool por universitários. Foram excluídos os artigos repetidos, revisões de literatura, levantamentos nacionais, teses, dissertações, os

* Artigo final apresentado a disciplina *Tópicos Especiais em Planejamento e Gestão em Saúde II – Avaliação em Saúde* (PGSC 2268).

não disponibilizados na íntegra e aqueles que não são pertinentes ao objetivo desta investigação.

Resultados: Realizada a busca na base do SCIELO, foram recuperados 137 estudos envolvendo o tema do uso nocivo de álcool e estudantes universitários. Aplicados os critérios de inclusão, foram eliminados 125 artigos e direcionados para análise final um total de 12 estudos.

Conclusões: O estudo demonstrou que é possível a criação de programas de prevenção ao uso nocivo de álcool entre universitários, com base em pesquisas científicas realizadas na população de estudo, bem como forneceu subsídios para a criação de programas de prevenção baseados na intervenção breve, redução de danos, fiscalização de festas em universidades, fornecimento de informações e conscientização sobre os danos do uso nocivo do álcool.

Palavras-chave: Álcool, Universitários, Prevenção.

Introdução

Nos últimos anos, observa-se o aumento do consumo de Substâncias Psicoativas (SPAs) tornando-se um grave problema de saúde pública, fato este que desperta a atenção de órgãos governamentais no Brasil (BRASIL, 2007)¹ e no mundo (WHO, 2014).²

Apesar do debate atual sobre a legalização das drogas ilícitas, como *cannabis*, o abuso do álcool é reconhecido como um dos principais problemas de saúde pública, sendo que as políticas sobre o álcool caminham no sentido oposto às das drogas ilícitas, as quais o comércio e consumo vêm tornando-se mais flexíveis. Já em países desenvolvidos são praticados cada vez mais políticas e programas de controle e restrição do álcool (WHO, 2014; LARANJEIRA, *et al.*, 2012).^{2,3} O álcool é a SPA mais consumida pelos adolescentes e população adulta. Globalmente, estima-se que indivíduos com idade superior a 15 anos consumiram em torno de 6,4 litros de álcool puro em 2016 (WHO, 2014).² Já em comparação com os dados nacionais, o Brasil possui

um consumo estimado de 8,7 litros de álcool por pessoa, quantidade superior à média mundial (LARANJEIRA, *et al.*, 2012).³

De acordo com os levantamentos nacionais sobre SPAs, houve um aumento de 20% na proporção de bebedores frequentes (que bebem mais de uma vez por semana), que subiu de 45% para 54%.⁹ Neste sentido, o que chama atenção é o padrão do consumo do álcool. Observa-se que 5% dos que mais bebem consomem 24% de todo álcool ingerido por adultos, sendo ainda que 10% dos que mais bebem adquirem 45% de todo álcool consumido (ANDRADE, 2010).⁴

A partir da década de 80, diversos estudos sobre o consumo de substâncias psicoativas entre estudantes universitários foram realizados no Brasil. O interesse por esta população está relacionado ao fato que a universidade é um momento de transição entre a juventude e a vida adulta, bem como por constituir-se em um ambiente propício para o uso de substâncias psicoativas em decorrência dos eventos realizados, uso cada vez mais precoce anteriormente ao ingresso na universidade, como a recepção de calouros e festas, presença de estabelecimentos que vendem bebidas alcoólicas dentro ou nos arredores da universidade (ANDRADE, 2010).⁴

Ao analisarmos esses estudos, observamos que o álcool foi a SPA mais prevalente entre universitários. No Iº Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários é apontado um consumo de álcool por 60,5% dos universitários pesquisados, seguido pelo tabaco (21,6%), maconha (9,1%), anfetamínicos (8,7%), tranquilizantes (5,8%) (PEUKER, *et al.*, 2006).⁵

As pesquisas com universitários apontam informações de interesse da comunidade acadêmica, entre elas estão melhor rendimento discente entre aqueles que não consumiam bebidas alcoólicas, assim com maior dedicação aos estudos extracurriculares (BALAN; CAMPOS, 2006),⁷ maior frequência nas aulas, menor probabilidade de envolvimento em brigas e acidentes (PORTUGAL *et al.*, 2008).⁸ Apesar dos universitários apresentarem maior consumo e comportamentos de risco em relação ao álcool e outras drogas, são escassos os programas

de apoio e assistência a esse público (WHO, 2014; LARANJEIRA, *et al.*, 2012).^{2,3}

Neste sentido, por acreditarmos na relevância deste estudo para a prevenção ao uso nocivo de álcool entre universitários, temos como objetivo identificar na literatura estudos sobre o uso nocivo de álcool entre universitários a fim de fornecer subsídios para a criação de programas de prevenção ao uso nocivo de álcool entre os universitários.

Métodos

Este estudo consiste numa revisão de literatura sobre o uso de álcool entre estudantes universitários. Assim, para o desenvolvimento desta revisão integrativa, adotou-se a proposta de Ganong (1987),⁹ a qual consiste nas seguintes etapas: 1) identificação da hipótese ou questão norteadora que trata da elaboração de uma problemática clara e objetiva, seguida pela definição das palavras-chave; 2) seleção da amostragem, determinação dos critérios de inclusão ou exclusão, para se estabelecer transparência para que proporcione qualidade e confiabilidade na seleção; 3) categorização dos estudos, estabelecimento das informações a serem extraídas dos artigos revisados com o objetivo de organizar tais informações; 4) análise dos dados extraídos de forma crítica; 5) discussão e interpretação dos resultados, que visa à comparação e fundamentos teóricos; 6) apresentação da revisão integrativa e síntese do conhecimento.

Neste estudo, a questão norteadora da revisão integrativa foi: Que evidências disponíveis na literatura brasileira sobre o uso nocivo de álcool entre universitários podem auxiliar na elaboração de programas de prevenção de tal prática nas universidades?

O estudo foi realizado por meio de análise bibliográfica na base de dados da *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO). Foram analisados artigos nacionais no período de 2000-2017, selecionando-os de forma analítica e identificando os assuntos que subsidiem a formulação de um programa de prevenção ao uso de álcool entre universitários.

Foram utilizados os descritores “Álcool” e “Universitários”, bem como seus correspondentes no idioma inglês (*Alcohol e University Students*) e espanhol (*Alcohol e Universitarios*). Os critérios de inclusão foram: ser um estudo desenvolvido no Brasil nos idiomas português, inglês e espanhol; público investigado, estudantes universitários; que traga dados sobre fatores de proteção e risco associados ao uso nocivo de álcool; perfil de uso do álcool e estudos que tragam informações exclusivamente sobre o uso nocivo do álcool por universitários.

Foram excluídos os artigos repetidos, revisões de literatura, levantamentos nacionais, teses, dissertações, os não disponibilizados na íntegra e aqueles que não são pertinentes ao objetivo desta investigação.

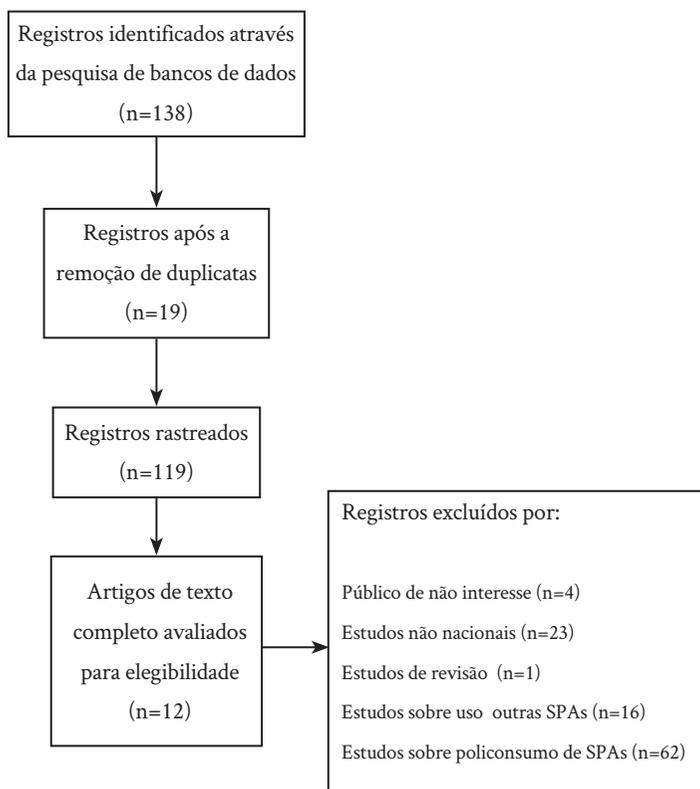
Para auxiliar na captura de informações e nortear o presente estudo, adotou-se o conceito de programas de saúde como um conjunto de ações voltadas para a realização de um objetivo macro, como a implantação de formas de atenção para populações específicas e que envolvam instituições, serviços e profissionais diversos, como as atividades desenvolvidas em serviços de saúde ou educação (CONTANDRIOPOULOS, *et al.*, 1997).¹⁰ Assim, foram selecionados estudos pertinentes ao objetivo da presente revisão de literatura integrativa.

A busca no SCIELO foi realizada no período de 1º a 20 de novembro de 2017. Para a coleta das informações dos estudos, utilizou-se um instrumento brasileiro, validado, que visa nortear a coleta de dados a partir de artigos científicos para revisões integrativas, sistemáticas e metanálises, o qual contempla os seguintes itens: identificação do estudo original e de suas características metodológicas, avaliação do rigor metodológico, das intervenções mensuradas e dos resultados URSI; GALVÃO, 2006).¹¹ Para a análise e posterior síntese dos textos incluídos, foram elaborados quadros sinóticos (GANONG, 1987).⁹

Resultados

Realizada a busca na base do SCIELO, localizamos 137 estudos envolvendo o tema do uso nocivo de álcool em estudantes universitários. Aplicados os critérios de inclusão, eliminou-se 125 artigos. Foram direcionados para análise final um total de 12 estudos (Fluxograma 1).

Fluxograma 1: Rastreamento dos estudos na base de dados SCIELO, no período 2000-2017



Quadro 5: Quadro sinótico com a distribuição dos artigos de acordo com autor/ano, título, periódico, amostra, delimitação, principais resultados e contribuição dos estudos sobre o uso nocivo de álcool entre universitários

Autor/Ano	Título	Período	Amostra	Delimitação	Principais resultados	Contribuição
Peuker; Fogaca; Bizarro (2006)	Expectativas e beber problemático entre universitários.	Psicologia: Teoria e Pesquisa	165 estudantes dos cursos de Psicologia, Odontologia, Farmácia, Enfermagem e Medicina da UFRGS.	<ul style="list-style-type: none"> • Transversal e quantitativo. • Para coleta de dados aplicou-se dois questionários para rastreamento do consumo de álcool: Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT) e "Inventário de Expectativas e Crenças Pessoais acerca do Álcool (IECPA). 	<ul style="list-style-type: none"> • 47,9% dos estudantes apresentam altas expectativas positivas em relação aos efeitos do álcool, ou seja, possuem probabilidade de serem ou virem a ser dependente do álcool. • Entre as expectativas positivas em relação aos efeitos do álcool destacamos: facilitação das interações sociais, diminuição e/ou fuga de emoções negativas, ativação e prazer sexual, efeitos positivos na atividade e humor e na avaliação de si mesmo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Incentivar as atividades de prevenção que abordem as expectativas dos estudantes em relação ao uso de álcool, bem como os motivos para o uso da substância.
Pedrosa (2011)	Consumo de álcool entre estudantes universitários.	Cad. Saúde Pública	608 estudantes dos cursos de Medicina, Enfermagem, Odontologia, Nutrição, Farmácia e Fisioterapia.	<ul style="list-style-type: none"> • Transversal e qualitativo. • O questionário adaptado do Departamento de Sanidade e Segurança Social de Catalunya em estudos populacionais. 	<ul style="list-style-type: none"> • A prevalência de abuso de álcool nos participantes da pesquisa foi de 8,7%. • Os homens possuem uma prevalência de uso abusivo de álcool maior que as mulheres (RP ajustada = 2,90; p < 0,001). 	<ul style="list-style-type: none"> • Ações de promoção à saúde; • Revisão das atividades de prevenção e informação; • Controle das propagandas de bebidas alcoólicas.

continuação...

Autor/Ano	Título	Periódico	Amostra	Delimitação	Principais resultados	Contribuição
Baumgarten; Gomes; Fonseca (2012)	Consumo alcoólico entre Universitários(os/as) da área da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande(RS); subsídios para Enfermagem.	Esc. Anna Nery	351 estudantes dos cursos de Ciências Biológicas Bacharelado, Ciências Biológicas Licenciatura, Educação Física, Enfermagem, Medicina e Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande(RS)	<ul style="list-style-type: none"> • Transversal e quantitativo. • Para obtenção dos dados foram utilizados dois questionários: um com abordagem sociodemográfica e o AUDIT. 	<ul style="list-style-type: none"> • 202 (57,5%) estudantes bebiam habitualmente; desses, 196 (97,0%) tinham familiares usuários(as) de álcool). • 147 (41,8%) classificadops como usuários de baixo risco e de uso problemático, 49 (41,0%). • Como consequências detectaram-se apagaões, coma alcoólico e acidentes automobilísticos. • O conhecimento acumulado acerca dos malefícios do álcool não interferiu ao consumo nocivo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Intensificar a fiscalização; • Controle das festas com bebidas liberadas e da venda de álcool com preços reduzidos em eventos estudantis, assim como em bares próximos aos campi universitários.
Nune, et al. (2012)	Consumo de bebidas alcoólicas e prática do <i>binge drinking</i> entre acadêmicos da área de Saúde.	Rev. Psiq. Clin.	474 estudantes dos cursos de Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem, Medicina e Odontologia	<ul style="list-style-type: none"> • Transversal e quantitativo. • 474 universitários. • O instrumento de coleta de dados foi constituído de perguntas fechadas com alternativas de respostas baseadas no AUDIT. 	<ul style="list-style-type: none"> • Prevalência do consumo de bebidas alcoólicas entre o grupo estudado foi de 71,5% (n = 339) e a prática do <i>binge drinking</i> apresentou prevalência de 15,6% (n = 74). • Apenas o sexo masculino (RP = 2,44; IC95% = 1,59 - 3,73) e o fato de não referir um vínculo religioso (PR = 2,29; IC95% = 1,28 - 4,09). 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento de políticas públicas preventivas que envolvam contextos social e cultural.

continuação...

Autor/Ano	Título	Periódico	Amostra	Delimitamento	Principais resultados	Contribuição
Jomar; Silva (2013)	Consumo de bebidas alcoólicas entre estudantes de Enfermagem.	Aquichan	161 estudantes de Enfermagem	<ul style="list-style-type: none"> • Transversal e quantitativo. • Aplicação do Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT) 	<ul style="list-style-type: none"> • Alta proporção (67,7%) dos estudantes de Enfermagem entrevistados referiu ser consumidora de bebida alcoólica; • 32,1% deles faziam consumo no padrão <i>binge drinking</i>; • 45,9% dos consumidores estavam expostos ao risco de desenvolvimento de problemas relacionados ao uso de álcool. 	<ul style="list-style-type: none"> • Controle de venda de bebidas alcoólicas para a população de jovens universitários. • Regulamentação de eventos universitários, assim como a venda de bebidas nos <i>campi</i>.
Nemer, <i>et al.</i> (2013)	Padrão de consumo de bebidas alcoólicas e desempenho acadêmico entre universitários.	Rev. Psiq. Clin.	343 estudantes universitários dos cursos de Ciências Biológicas, Humanas e Exatas.	<ul style="list-style-type: none"> • Transversal e quantitativo. • Aplicação do Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT) 	<ul style="list-style-type: none"> • 88,1% dos estudantes relataram uso de álcool. • O padrão predominante de consumo foi em <i>binge drinking</i> (66,2%). • Bebedores pesados apresentaram risco 9,2 vezes maior de não estarem no período ideal do curso. 	<ul style="list-style-type: none"> • As intervenções de redução de danos em festas estudantis. • Promoção da consciência sobre consumo nocivo do álcool.
Fachini; Furtad (2013)	Uso de álcool e expectativas do beber entre universitários: uma análise das diferenças entre os sexos.	Psic. Teor. e Pesq.	238 universitários dos cursos de Medicina e Fisioterapia da Faculdade de Medicina.	<ul style="list-style-type: none"> • Transversal e quantitativo. • Aplicação do AUDIT e do AEQ-A. 	<ul style="list-style-type: none"> • 42,6% dos homens e 24,8% das mulheres relataram um padrão de uso tipo <i>binge drinking</i>, indicando diferença significativa entre os sexos. • Homens apresentaram maior expectativa e que o consumo de álcool 	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender as motivações do beber pesado (<i>binge drinking</i>).

continuação...

Autor/Ano	Título	Periódico	Amostra	Delimitação	Principais resultados	Contribuição
Almeida; Roazzi (2014)	Álcool e direção em universitários, comunicação persuasiva e prevenção	Psicologia: ciência e profissão	163 universitários de Ciências Biológicas, Humanas e Exatas.	<ul style="list-style-type: none"> • Transversal e qualitativo. • Teoria da Ação Racional (de Ajzen & Fishbein, 1980); Fishbein & Ajzen, 1975) para a elaboração da comunicação positiva e persuasiva. 	<p>promova transformações positivas ($Z = 2,1$; $p = 0,03$) e de que proporção melhora no desempenho sexual ($Z = 2,7$; $p < 0,01$) em comparação com de mulheres.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A correlação entre o escore total do AUDIT e do AEQ-A foi significativa para os homens ($r = 0,276$; $p = 0,009$). 	<ul style="list-style-type: none"> • Eficácia da comunicação persuasiva em relação à adoção do comportamento de não ingerir bebidas alcoólicas e direção em universitários.
					<ul style="list-style-type: none"> • Crenças normativas explicaram juntas 41,5% da variância total da determinação da intenção do não uso de álcool e direção. • A comunicação positiva demonstrou que, a variável, crenças comportamentais explicou sozinho 39,9% da variância total da intenção de não beber e dirigir. 	

continuação...

Autor/Ano	Título	Período	Amostra	Delineamento	Principais resultados	Contribuição
Silva; Tucci (2015)	Intervenção breve para redução do consumo de álcool e suas consequências em estudantes universitários brasileiros.	Psicologia, reflexão e crítica.	32 estudantes universitários dos cursos de Ciências Biológicas, Humanas e Exatas, em que 53,1% eram mulheres e 46,9% eram homens.	<ul style="list-style-type: none"> Quantitativo. Delineamento longitudinal entre janeiro de 2013 e maio de 2014. Grupo Controle composto por 16 (50%) e Grupo Experimental também 16 (50%). Aplicação da intervenção breve em dois encontros com intervalo de 15 dias e com duração de até 50 minutos cada. Aplicação dos instrumentos Rutgers Alcohol Problem Index (RAPI) e AUDIT. 	<ul style="list-style-type: none"> Antes da intervenção, o consumo de álcool dos estudantes de ambos os grupos (controle e experimental) em um dia típico era majoritariamente de 7 a 10 doses (34,4%) ou mais de 10 doses (18,8%) mais de 10 doses (18,8%) por ocasião, enquanto 15,6% dos estudantes consumiam de 3 a 4 doses e 31,2%, de 5 a 6 doses. Após um ano, a maioria referiu beber de 7 a 10 doses (15,6%) ou mais de 10 doses (3,1%), enquanto 15,6% referiram beber até 2 doses; 31,2% de 3 a 4 doses e 34,4% de 5 a 6 doses por ocasião. 12,5% deixaram de consumir <i>binge drinking</i> nesse período. 	<ul style="list-style-type: none"> Eficácia satisfatória da intervenção breve em universitários.
Almeida; Roazzi; Dias (2016)	A intenção de evitar o consumo de álcool ao dirigir.	Estudos de Psicologia.	Foram entrevistados 80 estudantes universitários dos cursos de Ciências Biológicas, Humanas e Exatas.	<ul style="list-style-type: none"> Transversal de abordagem quantitativa. Questionário semiestruturado sociodemográfico. 	<ul style="list-style-type: none"> Em relação a intenção de abster-se do álcool ao dirigir, as crenças normativas foram as que obtiveram coeficiente de correlação estatisticamente significativa ($r = 428$ e $p=0,01$), seguidas das crenças comportamentais ($r = 347$ e $p = 0,01$) e da atitude ($r = 285$ e $p=0,01$). 	<ul style="list-style-type: none"> Campanhas destinadas ao público jovem, devem enfatizar os perigos de beber e dirigir, para que possam ser evitados comportamentos de risco.

continuação...

Autor/Ano	Título	Período	Amostra	Delineamento	Principais resultados	Contribuição
Pelicioli <i>et al.</i> (2017) área da Saúde	Perfil do consumo de álcool e prática do beber pesado episódico entre os universitários brasileiros da área da saúde.	J. Bras. Psiquiatr.	619 estudantes de 12 cursos da área da saúde.	<ul style="list-style-type: none"> • Transversal de abordagem quantitativa; • Questionário semiestruturado sociodemográfico • Aplicação do AUDIT 	<ul style="list-style-type: none"> • Prevalência do consumo de álcool em <i>binge drinking</i> foi maior nos cursos de Farmácia (64,3%) e Medicina (68,5%); - Enfermagem (42,9%) em menor prevalência; - Homens apresentam ocorrência de BPE mais elevada (70,8%) em comparação com as mulheres (47,6%). 	<ul style="list-style-type: none"> • Ações educativas para a promoção da saúde do estudante universitário, inclusive prevenindo o consumo de álcool.
Bedendo; Andrade; Opatey; Noto (2017)	<i>Binge Drinking</i> : padrão associado ao risco de problemas do uso de álcool entre universitários	Rev. Latino-Am. Enfermag.	2.408 estudantes universitários dos cursos de Ciências Biológicas, Humanas e Exatas sendo 44,8% de mulheres e 55,2% de homens.	<ul style="list-style-type: none"> • Transversal de abordagem Quantitativa; • Aplicação dos instrumentos Rutgers Alcohol Problem Index (RAPI) e AUDIT. 	<ul style="list-style-type: none"> • 51,6% dos estudantes universitários declararam uso em padrão <i>binge</i>; • 38,8% das mulheres consumiram álcool em <i>binge</i> e homens 61,3%; • 25,6% dirigiram após ter consumido; • 15,5% problemas acadêmicos; • 25,7% relações sexuais desprotegidas; • 21,0% não conseguiriam parar de beber. 	<ul style="list-style-type: none"> • Políticas públicas ou institucionais focadas em universitários brasileiros.

Fonte: Elaboração própria

Discussão

Os estudos sobre o consumo de álcool entre universitários aumentaram nos últimos anos, na tentativa de compreender as características de consumo, perfil da população de interesse e motivações, visando aprimorar programas de prevenção existentes em Instituições de Ensino Superior (IES).

Dentre os dados mais importantes está o aumento do consumo em *binge drinking*, quer dizer, Beber Pesado Episódico (BPE). O uso BPE pode ser definido como o consumo de cinco ou mais drinques de bebida alcoólica em uma única ocasião para homens e de quatro ou mais drinques para mulheres. Um drinque é o equivalente a uma lata de cerveja (350 mililitros) ou a uma taça de vinho (150 ml) ou a uma dose de destilado (50 ml) (WHO, 2014; LARANJEIRA *et al.*, 2012).^{2,3}

Entre os universitários, a prevalência de *binge drinking* varia entre 71,5% e 68,5%¹²⁻²², sendo maior que na população brasileira, cujo costume do BPE foi de 58%³. As diferenças entre homens e mulheres também se destacam: apesar do consumo de álcool pelas mulheres ter aumentado, o consumo pesado ainda é maior entre homens, variando entre 42,6% e 70,8%, enquanto que entre as mulheres o BPE está entre 24% e 47,6%¹ (PORTUGAL, *et al.*, 2008; SILVA, TUCCI, 2015).^{8,20}

Em face dos presentes resultados, cabe ressaltar que o consumo de baixo risco é predominante entre universitários: 70,8% entre homens e 83,8% entre mulheres, como aponta o Iº Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitário (ANDRADE *et al.*, 2010).⁴

A relação entre universitários e as bebidas alcoólicas possui associação: são intermediadas por altas expectativas positivas em relação aos efeitos do álcool. Ou seja, 47,9% relatam facilitação das interações sociais, diminuição e/ou fuga de emoções negativas, ativação e prazer sexual, efeitos positivos na atividade e humor e na avaliação de si mesmo. Entretanto, essa associação aumenta a probabilidade de serem ou de se tornarem dependentes do álcool (PEUKER *et al.*,

2006; FACHINI *et al.*, 2012).^{12,18} Como destacam Portugal e Siqueira (2011).¹⁹ o uso de álcool e outras drogas se dá em áreas verdes e afastadas das salas de aula, espaços esses propícios à socialização.

Os danos e comportamentos de riscos são mais prevalentes entre universitários que fazem uso nocivo do álcool, em comparação com o grupo que realiza o consumo de baixo risco. Destaca-se que 51,6% dos universitários que declararam uso em padrão *binge drinking*, 25,6% dirigiram após ter consumido bebidas alcoólicas, 15,5% tiveram problemas acadêmicos, 25,7% tiveram relações sexuais desprotegidas, 21,0% não conseguiriam parar de beber (BEDENDO, *et al.*, 2017).²²

Tais informações sobre o consumo nocivo e suas consequências sugerem intervenções específicas para o público universitário. Neste contexto, estudos qualitativos são importantes ao fazerem emergir as expectativas e motivações para o desenvolvimento de ações de saúde junto a universitários.

Neste sentido, em uma abordagem qualitativa, Almeida & Roazzi (2014)²⁷ juntamente com a Teoria da Ação Racional de Ajzen & Fishbein, para a elaboração da comunicação positiva e persuasiva, evidenciaram que crenças normativas e comportamentais, explicaram juntas 41,5% da determinação da intenção do não uso de álcool e direção. Isso abre um canal de comunicação e conscientização do público universitário sobre os riscos do abuso de álcool e outras drogas.

A partir da necessidade de diminuição do uso abusivo e nocivo, bem como uma maior conscientização sobre o consumo do álcool, a intervenção breve, voltada à grupos específicos, tem se tornado uma alternativa para reduzir os danos que o consumo de álcool proporciona.

Silva & Tucci (2014)²⁸ aplicaram a técnica da intervenção breve *Brief Alcohol Screening and Intervention for College Students* (BASICS) em 32 estudantes universitários. Antes da intervenção, o consumo de álcool dos estudantes de ambos os grupos (controle e experimental) era majoritariamente de 7 a 10 doses (34,4%) ou mais de 10 doses (18,8%) por ocasião. Enquanto 15,6% dos estudantes consumiam de

3 a 4 doses e 31,2%, de 5 a 6 doses. Após um ano, a minoria referiu beber de 7 a 10 doses (15,6%) ou mais de 10 doses (3,1%), enquanto 15,6% referiram beber até 2 doses; 31,3%, de 3 a 4 doses e 34,4%, de 5 a 6 doses por ocasião, enquanto 12,5% deixaram de consumir em *binge drinking*.

O *BASICS* é a única intervenção citada na literatura que foi desenvolvida e padronizada especificamente para estudantes universitários. Fundamentada na redução de danos, esta intervenção objetiva reduzir o consumo nocivo de álcool por meio de ações educativas que irão incentivar os estudantes a utilizarem o álcool com moderação (DIFULVIO *et al.*, 2012).²⁹

A intervenção não é baseada no confronto ou no julgamento sobre o comportamento; pelo contrário, busca a compreensão e orientação para estimular a redução do consumo e consequências negativas, utilizando os princípios da entrevista motivacional e de estratégias cognitivo-comportamentais (WHO, 2014; PORTUGAL; SIQUEIRA, 2011).^{2,19}

Os estudos que utilizaram a metodologia *BASICS* obtiveram resultados satisfatórios na redução da frequência do consumo de álcool e das consequências negativas associadas ao experimental (CHRISTIANSEN *et al.*, 1982; SHAKESHAFT *et al.*, 1998).^{30,31}

Os trabalhos de Fachini & Furtado²⁷ e Silva & Tucci²⁸ trouxeram contribuições importantes para a criação de programas de prevenção ao uso indevido de álcool, pois os fatores que favorecem o uso de álcool e outras drogas pelos estudantes podem ser contrapostos com programações artísticas, culturais e esportivas na universidade a fim de oferecer opções de escolha para os alunos preencherem o tempo livre na universidade. Este resultado corrobora com a Política Nacional sobre o Álcool, que preconiza a promoção e a facilidade de acesso da população a alternativas culturais e de lazer que possam constituir escolhas naturais e alternativas para afastar o público jovem do consumo de álcool (BRASIL, 2007).¹

Os estudos de Almeida & Roazzi (2014);²⁷ Silva & Tucci (2014)²⁸ e Almeida, Roazzi & Dias (2016)³² contribuem significativamente para

a criação de programas de prevenção ao uso nocivo de álcool entre universitários na medida em que mostrou a importância da parceria com os próprios universitários na realização das ações de prevenção, com a criação de uma comunicação que conscientize sobre os riscos e danos de beber e dirigir, bem como a introdução de uma abordagem educativa. Assim, compreende-se que a universidade é um espaço propício à intervenção e divulgação de informações sobre saúde, ações de prevenção e promoção à saúde dos universitários.

Conclusões

O estudo demonstrou que é possível a criação e implementação de programas de prevenção ao uso nocivo de álcool entre universitários, com base em pesquisas científicas realizadas nessa população, bem como investigar a relação entre padrão de uso e expectativas sobre os efeitos do álcool favorece o planejamento de intervenções terapêuticas e estratégias preventivas mais precisas que vise reduzir os riscos do beber problemático entre universitários.

Entretanto, para sua consolidação, faz-se necessário o desenvolvimento de estudos na instituição de ensino onde se deseja implantar um programa de prevenção que permita conhecer as características dos estudantes, o perfil de uso e abuso, consequências que recaem sobre o público discente.

Ressalta-se a importância desses estudos com o público universitário, especialmente da área da saúde, pois são futuros profissionais que atuarão, de forma direta e/ou indireta, em nível individual e/ou coletivo, no plano pessoal, profissional e institucional, e irão se deparar com os problemas decorrentes do consumo (uso, abuso e dependência) do álcool, especialmente o uso nocivo, como demonstrado, bastante prevalente na população universitária.

Decerto, incluir na formação universitária o tema do uso nocivo de SPAs, proporcionará uma promoção da saúde do próprio futuro profissional da saúde, bem como irá corroborar com ações

preventivas, uma vez que o padrão usual de consumo desta população específica propicia a instalação da “dependência” em alguns deles, conforme demonstra a literatura nacional e internacional vigente. Somado a isto, é importante relembrar que os transtornos mentais decorrentes do consumo de SPAs acometem ao usuário, sua família e toda a comunidade (ALMEIDA *et al.*, 2016).³² Assim, as ações de promoção como de prevenção destinadas a este público devem considerar as diferentes e diversas políticas públicas existentes em nosso país, as quais buscam melhorar a qualidade de vida do brasileiro nas diversas etapas do ciclo vital.

ATENÇÃO! Os índices numéricos que aparecem ao longo dos intertítulos *entre o intervalo de páginas 135-138 e 149-152* foram atribuídos a pedido das autoras como forma de orientação das referências bibliográficas que estão ao final do *Capítulo 6* deste livro.

FONOAUDIOLOGIA

PUPPIN, N. G. Uso de álcool e tabaco entre universitários de Fonoaudiologia de uma universidade pública. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2019.

Resumo

O consumo de álcool e tabaco entre os universitários tem sido relevante em estudos recentes, reconhecido como um problema de saúde pública. Dessa forma, o objetivo do presente trabalho foi caracterizar o uso de álcool e tabaco entre os estudantes de Fonoaudiologia de uma universidade pública. Trata-se de um estudo transversal e exploratório, a investigação foi fundamentada a partir do preenchimento do instrumento proposto pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD). Para a análise dos dados, foi utilizado o programa Statistical Package for the Social Science (SPSS) versão 24. O estudo possui uma amostra de 130 estudantes matriculados no curso de Fonoaudiologia, o que corresponde a 79,06% dos alunos matriculados em 2018. Houve predominância do sexo feminino (93,8%), solteiros (96,2%), ter religião (86,2%). O uso do álcool na vida, no ano e nos últimos 30 dias foram: 79,2%, 56,2% e 45,4%, respectivamente. Quanto ao tabaco, 21,5% relataram que realizaram o consumo de tabaco em algum momento da vida; no ano, 8,5% e nos últimos 30 dias, de 7,7%. Na análise multivariada, as variáveis preditoras significativas para o uso de álcool foram idade e prática religiosa. Já para o uso do tabaco, foram: sexo, prática religiosa e grupo étnico. Os estudos sobre o consumo de álcool e tabaco entre universitários são necessários para se compreender as mais diversas dimensões do uso de drogas na sociedade.

Palavras-chave: Bebidas Alcoólicas; Uso de Tabaco; Estudantes; Fonoaudiologia; Prevenção.

Resumo

Objetivo: Analisar o consumo de álcool e tabaco entre os estudantes do curso de Fonoaudiologia de uma universidade pública.

Método: Trata-se de um estudo transversal, cuja investigação será fundamentada a partir do preenchimento do instrumento proposto pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD) para o I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras. A análise dos dados será realizada com auxílio do programa Statistical Package for the Social Science (SPSS) versão 24.

Resultados: Participaram do estudo 136 estudantes matriculados no curso de Fonoaudiologia, o que corresponde a 79,06% dos alunos matriculados no curso em 2018. O perfil sociodemográfico aponta a predominância do sexo feminino. Em relação à religião, destaca-se a categoria “prática religiosa” como significativamente associada ao fator proteção ao consumo de álcool e do tabaco.

Conclusão: Os achados deste estudo apontam que prevalece o consumo das substâncias lícitas entre os universitários, tornando-se importante maior abordagem ao tema e ações de prevenção ao uso indevido dessas substâncias.

Palavras-chave: Bebidas Alcoólicas; Uso de Tabaco; Estudantes; Fonoaudiologia; Prevenção.

FISIOTERAPIA

MORAES, M. R. N. Uso de álcool e tabaco entre universitários de Fisioterapia universidade pública. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2021.

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar os fatores associados ao uso de álcool e tabaco entre os universitários do curso de Fisioterapia de uma universidade pública. Trata-se de um estudo com abordagem quantitativa, do tipo transversal, desenvolvido com 154 universitários matriculados no curso de Fisioterapia. O instrumento utilizado na coleta de dados foi o Questionário sobre o Uso de Drogas, proposto pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas durante o Iº Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras. Os dados foram tabulados e analisados através do programa *Statistical Package for the Social Science* versão 24. Entre os pesquisados, 74,7% eram do sexo feminino, com média de idade de 21,35 anos, de religião católica (50,0%), pertencentes aos estratos sociais A/B. Quanto ao uso na vida, no ano e no mês de álcool, bem como o *binge drinking* no ano e no mês, respectivamente, as variáveis que tiveram associação positiva com o desfecho uso de álcool e *binge*, após a regressão logística binária foram período do curso e grupo étnico. Em relação ao uso na vida de tabaco, as variáveis que se mantiveram significativas foram sexo e religião. Quanto ao uso no ano desta substância, as variáveis sexo, prática religiosa e grupo étnico mantiveram associação positiva. Os resultados deste estudo possibilitarão a criação de mecanismos de suporte para o enfrentamento das adversidades, assim como subsídios que possam nortear o desenvolvimento de estratégias de promoção à saúde e uma política de prevenção ao uso de substâncias psicoativas no âmbito da própria universidade.

Palavras-chave: Substâncias Psicoativas, Universitários, Álcool, Tabaco.

MAURO, N. A. Associação da Qualidade de Vida e uso de drogas ilícitas entre futuros fisioterapeutas. In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES, 11, 2020, Vitória: PRPPG. **Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES.** Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/est_meio.php?ano=2019 Acesso em: 11 dez. 2020.

Resumo

O uso de substâncias psicoativas (SPAs) é um problema de saúde pública global e está presente nos diversos segmentos populacionais, inclusive entre os universitários. O Relatório Mundial sobre Drogas 2019 demonstra que 35 milhões de pessoas no mundo sofrem de algum transtorno relacionado ao uso de drogas ilícitas, e conseqüente déficit na sua qualidade de vida (QV). A presente pesquisa pretende buscar a associação do consumo de substâncias psicoativas (SPAs) ilícitas com a qualidade de vida (QV) de universitários do curso de Fisioterapia de uma universidade pública, utilizando-se dos instrumentos Iº Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras, Hospital *Anxiety and Depression Scale* e *Whoqol-bref*. Como resultados, obtivemos a prevalência de mulheres, faixa etária até os 24 anos, solteiros, com prática religiosa e classe econômica A/B, consumo elevado de álcool, tabaco e maconha. Foi observado que os estudantes que fizeram o uso de drogas lícitas são mais propensos a fazerem também o uso de drogas ilícitas. Quanto à QV, o ‘domínio relações sociais’ demonstrou ser mais significativo para a qualidade de vida global, e há uma preocupação com o ‘domínio meio ambiente’, por apresentar menor média.

Palavras-chave: Qualidade de Vida. Drogas Ilícitas. Estudantes de Ciências da Saúde.

LACERDA, A. A. Qualidade de vida e o uso de álcool e tabaco entre universitários do curso de fisioterapia. In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES, 11, 2020, Vitória: PRPPG. **Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES.** Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/est_meio.php?ano=2019 Acesso em: 11 dez. 2020.

Resumo

Há uma lacuna na literatura quando se trata da relação do consumo de álcool e tabaco com a QV entre futuros fisioterapeutas, que este estudo de análise transversal e quantitativa, com amostra de 154 graduandos, visou preencher. Utilizou-se o questionário proposto pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas para o I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários e o WHOQOL-bref. A maioria dos graduandos era do sexo feminino, com idade até 24 anos, solteira, compunha as classes A e B e autorreferiu-se negro, pardo ou asiático quanto às principais variáveis relacionadas a uma melhor QV, não sofrer de ansiedade e depressão apareceu nos quatro domínios, ser do sexo masculino apareceu nos domínios físico, psicológico e relações sociais e não ter pensado em abandonar ou já ter abandonado o curso apareceu nos domínios físico, psicológico e meio ambiente. O estudo possibilitou a reflexão sobre a importância da rede de apoio aos universitários e a necessidade de implementação de ações que os auxiliem em todo o aspecto da vida acadêmica.

Palavras-chave: Uso de Álcool. Uso de Tabaco. Qualidade de Vida. Universitários.

SOUZA, R. C. F. **Saúde Mental dos Estudantes Universitários**: avaliando a qualidade de vida e os fatores associados. 2021. 188f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2021.

Resumo

Introdução: O consumo de substâncias psicoativas, comportamentos de risco e transtornos mentais impactam de diferentes formas no indivíduo, família e comunidade, resultando em problemas cotidianos tanto individuais como coletivos. Assim, impactando na qualidade de vida, especialmente dos universitários, que são populações vulneráveis.

Objetivo: Compreender a qualidade de vida (QV) e fatores associados entre os universitários dos cursos de Terapia Ocupacional, Nutrição, Fonoaudiologia e Fisioterapia do Centro de Ciências da Saúde de uma universidade pública.

Metodologia: Trata-se de um estudo transversal e exploratório com abordagem quantitativa e qualitativa, cuja investigação será fundamentada a partir do preenchimento dos questionários validados e por grupo focal. Sendo a análise dos dados quantitativos, a análise univariada, bivariada e multivariada com auxílio do programa Statistical Package for the Social Science (SPSS) versão 24, enquanto que na dos dados qualitativos será realizada a análise de conteúdo temática conduzida à luz da Teoria de Bardin.

Resultados: Oportunizou 3 (três) artigos científicos que versaram sobre a qualidade de vida entre universitários. Um artigo publicado foi uma revisão integrativa, na qual foram verificados 42 artigos nacionais e internacionais publicados entre janeiro de 2008 e dezembro de 2017 (10 anos), em que se observa que durante a trajetória acadêmica pode-se vivenciar comportamentos de risco e fatores estressantes e protetores que influenciam a qualidade de vida do universitário. No segundo artigo submetido, verificou-se que o domínio Relação Social apresentou maior média na qualidade de vida, ao contrário do domínio Meio Ambiente. Foram evidenciadas algumas variáveis que interferiram negativamente nos

domínios da qualidade de vida, como a falta de realizar atividades físicas e/ou praticar atividades voluntárias. Quanto ao uso de substâncias psicoativas, destaca-se o uso de tranquilizantes sem prescrição médica. Outro dado importante a destacar foi a presença de alunos que já sofreram abuso sexual, e, por fim, a presença significativa de sinais e sintomas de ansiedade e/ou depressão influenciando negativamente todos os domínios da qualidade de vida. No último artigo publicado, foram definidos eixos categóricos e as categorias empíricas: 1 – Qualidade de vida no meio acadêmico: estrutura física; sobrecarga; reformulação da carga horária; 2 – Saúde: saúde biopsicossocial espiritual; 3 – Relações no meio acadêmico: interação interpessoal. Dessa maneira, observou-se que os estudantes não tiveram percepção positiva em relação à qualidade de vida universitária, enfatizando a necessidade de revisão da grade curricular e a importância da interação entre docentes-discentes. Por fim, foi elaborado 1 (um) projeto sobre qualidade de vida por meio da meditação e *mindfulness* com o propósito de compreender cientificamente a importância dessas práticas para a melhoria da qualidade de vida do universitário.

Conclusão: Fica evidente a importância do papel dos espaços acadêmicos como mediadores da saúde mental destes universitários, corroborando com mudanças no cotidiano do estilo de vida do futuro profissional de saúde. Para tanto, fazem-se necessários a responsabilização institucional e o compromisso do docente em estimular e promover hábitos saudáveis durante a trajetória acadêmica, além da busca pessoal de cada aluno.

Palavras-chave: Saúde Mental. Qualidade de Vida. Estudantes. Ansiedade. Depressão.

Resumo

Contexto: Vivenciar o ambiente acadêmico permite mudanças influenciadoras na percepção sobre qualidade de vida pessoal e acadêmica dos universitários.

Objetivo(s): Conhecer a percepção sobre a qualidade de vida universitária entre estudantes de um Centro de Ciências da Saúde de uma universidade pública.

Métodos: Pesquisa qualitativa utilizando a técnica do grupo focal, com emprego da análise de conteúdo proposta por Bardin.

Resultados: Definiram-se os eixos categóricos e as categorias empíricas: (1) Qualidade de vida no meio acadêmico – estrutura física; sobrecarga; reformulação da carga horária; (2) Saúde – saúde biopsicossocial espiritual; (3) Relações no meio acadêmico – interação interpessoal.

Conclusões: Observou-se, no geral, que os estudantes não tiveram percepção positiva em relação à qualidade de vida universitária. Eles ressaltaram a necessidade de revisão da grade curricular e a importância da interação entre docentes-discentes como impactantes na qualidade de vida acadêmica. E ainda destacaram conhecer o cotidiano da universidade, o que poderá subsidiar intervenções efetivas que auxiliem na melhoria da qualidade de vida, sendo fundamental para o crescimento acadêmico como profissional.

Palavras-Chave: Qualidade de Vida. Estudante. Estudantes de Profissões em Saúde.

Abstract

Background: Quality of life (QoL) is an important marker of health, but influenced by periods of life, such as insertion in higher education. The aim of this study was to identify the studies related to QoL among health students, reflecting on the production in the last 10 years.

Method: It is an integrative review carried out in the LILACS and MEDLINE databases, using a combination of descriptors and using inclusion and exclusion criteria.

Results: We obtained 42 articles with the most quantitative, using the instrument WHOQOL-Bref and the most studied course was medicine.

Discussion: It was found that university students self-evaluate their QoL as “good” or “very good”. However, during the academic trajectory, the university may experience some risk behaviors and stressors and protective factors capable of influencing QoL. Negative situations found: intense hours, overload, inadequate eating habits, sedentary lifestyle, dissatisfaction with sleep, substance use, pain and / or discomfort, mental disorders. Positive situations: forms of coping, emotional intelligence, positive strategies and support network. With this, institutional accountability and the commitment of the teacher to promote attitudes that stimulate healthy habits are necessary.

Keywords: Quality of life. Students. Students of health occupations. Review.

VENÂNCIO, F. F. A relação entre abuso sexual e uso de substâncias psicoativas entre universitários da área da saúde. *In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES*, 11, 2020, Vitória: PRPPG. **Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES**. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/est_meio.php?ano=2019 Acesso em: 11 dez. 2020.

Resumo

O consumo de substâncias psicoativas (SPAs) entre a população jovem aumenta as chances de transtornos mentais e comportamentos de risco. Entre os fatores que aumentam a vulnerabilidade estão os antecedentes familiares, problemas sociais e comportamentais, problemas de adaptação, maus-tratos físicos, sexuais e emocionais. Dentre eles se destaca o abuso sexual. Tem como objetivos investigar os fatores associados ao uso de substâncias psicoativas e ao abuso sexual entre os estudantes universitários da área da saúde. Trata-se de um estudo descritivo e transversal, quantitativo, realizado em uma universidade pública do Espírito Santo. Como instrumento, foi utilizado o I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool e Outras Drogas entre Universitários. Para os dados estatístico, foi utilizado o Statistical Package for the Social Science (SPSS). O estudo aponta predominância do sexo feminino (84,6%) e faixa etária acima de 22 anos (63,7%), assim como um uso maior do álcool, seguido do tabaco e da maconha, e que, ainda, 10% relataram sofrer abuso sexual. O estudo também mostra que se faz presente a falta de pesquisas sobre abuso sexual entre os estudantes universitários e seus fatores associados. A maioria dos estudos encontrados relataram o abuso sexual ocorrido na infância, impactando negativamente na vida do estudante futuramente.

Palavras-chave: Estudantes de Ciências da Saúde. Substâncias Psicoativas. Abuso Sexual.

RAMOS, L. F. Uso de maconha entre universitários da área da saúde de uma universidade pública. In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES, 11, 2020, Vitória: PRPPG. **Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES.** Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/est_meio.php?ano=2019 Acesso em: 11 dez. 2020.

Resumo

Objetivo: Traçar o perfil do uso de maconha entre os universitários dos cursos de Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição e Terapia Ocupacional de uma universidade pública capixaba; descrever o perfil socioeconômico e demográfico dos universitários; e identificar fatores socioeconômicos associados ao consumo de maconha entre eles.

Métodos: Trata-se de um estudo transversal e quantitativo realizado com graduandos dos cursos de Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição e Terapia Ocupacional de uma universidade pública capixaba. Foram analisados dados de 559 estudantes dos cursos de: Terapia Ocupacional (20%), Nutrição (28,1%), Fonoaudiologia (24,3%) e Fisioterapia (27,6).

Resultados: Dentre os pesquisados, houve predomínio da faixa etária de 22 anos ou mais (63,5%), estudantes do curso de Nutrição (28,1%) e praticantes de alguma religião (75,3%). Sobre a saúde mental dos estudantes, a ansiedade (39,7%) prevaleceu quando comparada a depressão (19,3%). Quanto ao consumo de maconha, aproximadamente 26,3% dos estudantes a usaram na vida, e nos últimos 12 meses, 16,6%, enquanto nos últimos 30 dias, 9,5%. Os alunos dos primeiros e últimos períodos apresentaram consumo de risco moderado maior que nos outros períodos (11% em ambos) e quem fez uso de álcool e/ou tabaco no último mês teve maior chance de fazer uso de risco da maconha.

Palavras-chave: Universitários. Maconha. Estudantes da Área da Saúde. Uso de Maconha.

3ª Etapa: Outros Centros Acadêmicos (CCJE, CE, CCHM, CEUNES) da Ufes

Quadro 6: Produções PUSPA (outros cursos da UFES).

Vitória/ES, 2020

ANO	PRODUÇÃO
2002	CARVALHO, A. P. Drogas: e eu com isso? Configuração do consumo de drogas entre universitários. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Departamento de Serviço Social, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2002.
2011	<p data-bbox="256 603 884 719">BOURGUIGNON, L. N.; SILVA, B. P.; COELHO, M. P.; SIQUEIRA, M. M. O uso do tabaco entre os estudantes de enfermagem do Centro Universitário do Espírito Santo (Ceunes). <i>Rev. Bras. Pesq. Saúde</i>, Vitória, v. 13, n. 4, 2011.</p> <p data-bbox="256 743 876 887">PORTUGAL, F. B. O Uso de Substâncias Psicoativas entre Estudantes de Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo. 2010.171f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2010.</p> <p data-bbox="256 911 832 1027">PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Fatores associados ao uso de substâncias psicoativas entre universitários de pedagogia da universidade federal do Espírito Santo. <i>Cad. Saúde Colet.</i> Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 348-355, 2011.</p> <p data-bbox="256 1051 845 1203">PROCÓPIO, R. R. Uso de substâncias Psicoativas ilícitas por estudantes de psicologia de uma universidade pública. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem e Obstetrícia) – Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2011.</p> <p data-bbox="256 1227 843 1378">SANTOS, M. V. F. Uso de Álcool e Tabaco entre estudantes de psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem e Obstetrícia) – Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2011.</p>

ANO	PRODUÇÃO
2012	SILVA, B. P.; SALES, C. M. M.; FRANÇA, M. G.; SIQUEIRA, M. M. Uso do tabaco entre estudantes de enfermagem de uma faculdade privada. SMAD. Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em português), v. 8, p. 64-70, 2012.
2013	PEREIRA, D. S. Uso de substâncias psicoativas entre universitários de psicologia de uma universidade pública. 2013. 121f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2013
	SANTOS, M. V. F.; PEREIRA, D. S.; SIQUEIRA, M. M. Uso de álcool e tabaco entre estudantes de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. J. Bras. Psiquiatr., Rio de Janeiro, v. 62, n. 1, p. 22-30, 2013.
2014	PORTUGAL, F. B.; CERUTTI JUNIOR, C.; SIQUEIRA, M. M. Uso de substâncias psicoativas por futuros educadores. Cad. Saúde Colet. Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, p. 432-440, 2014.

Fonte: o próprio autor.

Como pode ser visto no Quadro 3 acima, a produção acadêmica e científica decorrente do projeto PUSPA-UFES (outros Centros Acadêmicos) no período compreendido entre 2002 e 2014 (12 anos) totalizou 10 produtos, sendo: a) Trabalhos Acadêmicos – 3 trabalhos de conclusão de curso (1 Serviço Social e 2 Enfermagem); 2 dissertações de mestrado (Saúde Coletiva) e b) Trabalhos Científicos: 5 artigos publicados em periódicos indexados na área da saúde coletiva, envolvendo os cursos de Enfermagem (pública e privada), Pedagogia e Psicologia, os quais são citados tanto na literatura nacional como na internacional das áreas afins.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notória a urgência de criação de programas de prevenção e tratamento dentro do contexto universitário, de forma a promover educação em saúde, durante a formação do futuro profissional

das diferentes áreas de conhecimento – especialmente, educação e saúde, que sofrem de forma direta e/ou indireta com os problemas relacionados ao consumo de SPAs.

Referências

ABREU, A. P. O uso de substâncias psicoativas por estudantes de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Espírito Santo. *In*: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES, 8, 2017, Vitória: PRPPG. **Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES**. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/ Acesso em: 09 nov. 2019.

ABREU, A. P. **Perfil do uso de Maconha entre universitários de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Espírito Santo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Terapia Ocupacional) – Departamento de Terapia Ocupacional, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2017.

ALBANE, S. Qualidade de vida e uso de álcool entre universitários da área da saúde da Universidade Federal do Espírito Santo. *In*: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES, 8, 2017, Vitória: PRPPG. **Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES**. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/ Acesso em: 09 nov. 2019.

ALMEIDA, N. D.; ROAZZI, A. Álcool e Direção em Universitários, Comunicação Persuasiva e Prevenção. **Psicologia: Ciência e Profissão**. 2014; 34(3):715-732. [27]

ALMEIDA, N. D.; ROAZZI, A.; DIAS, M. R. A intenção de evitar o consumo de álcool ao dirigir. **Estudos de Psicologia**. 2016; 33(1), 137-150. [32]

AMORIM, T. R.; LAZARINI, W. S.; SIQUEIRA, M. M. Atenção a Dependência Química na Universidade Federal do Espírito Santo: Possibilidades da Extensão Universitária. **Esc. Anna Nery R. Enferm.**, v. 1, n. 4, p. 717-721, 2007.

ANDRADE, A. G.; DUARTE, P. C. A. V.; OLIVEIRA, L. G. (Org.) **I.º Levantamento Nacional sobre o Uso de álcool e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras**. Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas [Obid], Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo [FMUSP], Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas [SENAD], Brasília, 2010, 284p. [4]

ANDRADE, L. S. **Uso de álcool e tabaco entre universitários de nutrição de uma universidade pública**. 2019. 127f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

ANDRADE, L. S.; SOUZA, R. C. F.; PORTTUGAL, F.; SIQUEIRA, M. M. Uso de álcool e tabaco entre universitários de Nutrição de uma universidade pública. **Int J of Psychology and Neuroscience**, 2020 (submetido).

BABOR, T. F.; DE LA FUENTE, J. R.; SAUNDERS, J.; GRANT, M. **AUDIT, the Alcohol Use Disorders Identification Test: guidelines**

for use in primary health care. Geneva: Substance Abuse Department, World Health Organization, 1992. [24]

BALAN, T. G.; CAMPOS C. J. G. Padrão de consumo de bebidas alcoólicas entre graduandas de enfermagem de uma Universidade Estadual Paulista. **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**. 2006, v. 2, n. 2, p. 18-27. [1]

BAUMGARTEN, L. Z.; GOMES, V. L. O.; FONSECA, A. D. Consumo alcoólico entre universitários (as) da área da saúde da Universidade Federal do Rio Grande/ RS: subsídios para enfermagem. **Esc. Anna Nery**. 2012, v. 16, n. 3, p. 530-535. [14]

BEDENDO, A. *et al.* Binge drinking: padrão associado ao risco de problemas do uso de álcool entre universitários. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. 2017; 25:2925. [22]

BOURGUIGNON, L. N.; SILVA, B. P.; COELHO, M. P.; SIQUEIRA, M. M. O uso do tabaco entre os estudantes de enfermagem do Centro Universitário do Espírito Santo (Ceunes). **Rev. Bras. Pesq. Saúde**, Vitória, v. 13, n. 4, 2011.

BRASIL. Ministério da Justiça. Presidência da República. Decreto n. 6.117, de 22 de maio de 2007. **Política Nacional sobre o Álcool**. **Brasília**: Ministério da Justiça, 2007. [1]

CARDOSO, L. S.; ABREU, A. P.; SOUZA, R. C. F.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Perfil do Uso de Maconha entre Universitários do Curso de Terapia Ocupacional de uma Universidade Pública. *In*: XV Encontro Internacional de Pesquisadores em Saúde Mental e Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica – o cuidado em saúde mental da teoria às boas práticas, 2018, Ribeirão Preto. **Anais do XV Encontro Internacional de Pesquisadores em Saúde Mental**

e Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica. Ribeirão Preto: FIERP, 2018. v. 1, p. 1-124.

CARVALHO, A. P. **Drogas:** e eu com isso? Configuração do consumo de drogas entre universitários. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Departamento de Serviço Social, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2002.

COMPER, E.; VENÂNCIO, F. F.; PUPPIM, N. G.; ANDRADE, L. S.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Uso de Álcool entre Universitários do Curso de Fonoaudiologia de uma Universidade Pública. *In: Anais do XV Encontro Internacional de Pesquisadores em Saúde Mental e Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica*, Ribeirão Preto, v. 2, p. 113. 2018.

CONTANDRIOPOULOS, A. P.; CHAMPAGNE, F.; DENIS, J. L.; PINEAULT, R. *A avaliação na área da saúde: conceitos e métodos.* *In: HARTZ, Z. M. A. (Org.). Avaliação em saúde.* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 1997. p. 29-48. [10]

CHRISTIANSEN, B. A.; GOLDMAN, M. S.; INN, A. The development of alcohol related expectancies in adolescents: separating pharmacological from social learning influences. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**.n. 50, p. 336-344, 1982. [30]

DIFULVIO, G. T.; LINOWSKI, S. A.; MAZZIOTTI, J. S.; PULEO, E. Effectiveness of the brief alcohol and screening intervention of college students (BASICS) program with mandated population. **Journal of American College Health**. v. 60, n. 4, p. 269-280, 2012. [29]

FACHINI, A.; ALINE, P. P.; MARTINEZ, E. Z.; FURTADO, E. F. Efficacy of brief alcohol screening intervention for college students

(BASICS): A meta-analysis of randomized controlled trials. **Substance Abuse Treatment, Prevention, and Policy**. v. 7, n. 40, p. 1-10, 2012. [18]

FERNANDES, T. F.; MONTEIRO, B. M. M.; SILVA, J. B. M.; OLIVEIRA, K. M.; VIANA, N. A. O.; GAMA, C. A. P.; GUIMARÃES, D. A. Uso de substâncias psicoativas entre universitários brasileiros: Perfil epidemiológico, contextos de uso e limitações metodológicas dos estudos. **Cad. Saúde Colet.**, v. 25, n. 4, p. 498-507, 2017.

FONSECA, F. V. **O uso de substâncias psicoativas por estudantes de Nutrição da Universidade Federal do Espírito Santo** 2018. Iniciação Científica. (Graduando em Enfermagem e Obstetrícia) – Universidade Federal do Espírito Santo. 2018.

FURTADO, E. F. Uso de álcool e expectativas do beber entre universitários: uma análise das diferenças entre os sexos. **Psicol. Teor. Pesq.** v. 29, n. 4, p. 421-8, 2013. [23]

GANONG, L. H. Integrative reviews of nursing research. **Res Nurs Health.** v. 10, n. 1, p. 1-11, 1987. [9]

JOMAR, R. T.; SILVA, E. S. Consumo de bebidas alcoólicas entre estudantes de enfermagem. **Aquichan.** v. 1, n. 2, p. 226-33, 2013. [16]

LACERDA, A. A. Qualidade de vida e o uso de álcool e tabaco entre universitários do curso de fisioterapia. *In*: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES, 11, 2020, Vitória: PRPPG. **Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES**. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/est_meio.php?ano=2019 Acesso em: 11 dez. 2020.

LARANJEIRA, R. *et al.* II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD). São Paulo: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas (INPAD), Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), 2012. [3]

MARDEGAN, P. S.; SOUZA, R. S.; BUAIZ, V.; SIQUEIRA, M.M. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de enfermagem. **J. Bras. Psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 56, n. 4, p. 260-6, 2007.

MAURO, N. A.; RAMOS, L. F.; ALBANE, S.; SOUZA, R. C. F.; SIQUEIRA, M. M.; PORTUGAL, F. B. **Uso de Álcool e Maconha entre os universitários de Terapia Ocupacional de uma universidade pública: e a qualidade de vida?** Saúde Mental: Teoria e Intervenção. 1ed. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019, v., p. 238-248.

MAURO, N. A.; SEABRA, L. R. O.; SOUZA, R. C. F.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Ansiedade e Depressão entre Estudantes de Terapia Ocupacional de uma Universidade Pública. *In: XV Encontro Internacional de Pesquisadores em Saúde Mental e Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica – o cuidado em saúde mental da teoria às boas práticas*, 2018, Ribeirão Preto. **Anais do XV Encontro Internacional de Pesquisadores em Saúde Mental e Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica**. Ribeirão Preto: FIERP, 2018. v. 1, p. 1-124.

MORAES, M. R. N. *et al.* Uso de Substâncias Psicoativas entre Universitários: Impactos na Vida Acadêmica e no Futuro Profissional. *In: 17.º Jornada Científica e Cultural FAESA*, 2018, Vitória-ES: Conselho editorial do Centro de Pesquisa e Extensão FAESA, v. 2, p. 68-70, 2018.

MORAES, M. R. N. **Uso de álcool e tabaco entre universitários de fisioterapia de uma universidade pública**. 2021. 120f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação

em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

NEMER, A. S. A.; FAUSTO, M. A.; SILVA-FONSECA, V. A.; CIO-MEI, M., H.; QUINTAES, K. D. Pattern of alcoholic beverage consumption and academic performance among college students. **Rev. psiquiatr. clín.** v. 40, n. 2, p. 65-70, 2013. [17]

NUNES, J. M.; CAMPOLINA, L. R.; VIEIRA, M. A.; CALDEIRA, A. P. Consumo de bebidas alcoólicas e prática do binge drinking entre acadêmicos da área da saúde. **Rev. Psiq. Clín.** v. 39, n. 3, p. 94-99. [15]

PEDROSA, A. A. S.; CAMACHO, L. A. B.; PASSOS, S. R. L.; OLIVEIRA, R. V. C. Consumo de álcool entre estudantes universitários. **Caderno de Saúde Pública.** 2011; n. 27, p. 1611-1621. [13]

PELICIOLO, M.; BARELLI, C.; GONÇALVES, C. B. C.; HAHN, S. R.; SCHERER, J. I. Perfil do consumo de álcool e prática do beber pesado episódico entre universitários brasileiros da área da saúde. **J. Bras. Psiquiatr.** 2017; v. 66, n. 3, p. 150-156. [21]

PEREIRA, D.S.; SOUZA, R.S.; BUAIZ, V.; SIQUEIRA, M.M. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de medicina. **J. Bras. Psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 3, p.188-195, 2008.

PEREIRA, D.S. **Uso de substâncias psicoativas entre universitários de psicologia de uma universidade pública.** 2013. 121f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2013.

PEUKER, A. C.; FOGAÇA, J.; BIZARRO, L. Expectativas e beber problemático entre universitários. **Psic. Teor. e Pesq.** 2006; v. 22, n. 2, p. 193-200. [5]

PEUKER, A. C.; FOGAÇA, J.; BIZARRO, L. Expectativas e beber problemático entre universitários. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** 2006; v. 22, n. 2, p. 193-200 [12]

PILLON, S, C.; CORRADI-WEBSTER, C. M. Teste de identificação de problemas relacionados ao uso de álcool entre estudantes universitários. **Rev. Enferm. UERJ.** 2006; v. 14, n. 3, p. 325-332. [6]

PINHO, M.C. **Uso de álcool e tabaco entre universitários de Terapia Ocupacional de uma universidade pública.** 2018. 108f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2018.

PINHO, M. C.; SOUZA, R. C. F.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Use of alcohol and tobacco among university students of Occupational Therapy at a public university. SMAD, **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas.** 2020; v. 16, n. 1, p. 1-12.

PINTO-GOUVEIA, J.; RAMALHEIRA, C.; ROBALO, M. B. J.; ROCHA-ALMEIDA, J. Inventário de expectativas e crenças pessoais acerca do álcool. **Rev. Psiquiatria Clínica.** 1993; v. 14, n. 3, p. 147-163. [26]

PORTUGAL, F. B. *et al.* Núcleo de estudios sobre alcohol y otras drogas: una experiencia interdisciplinar. **Rev. Enferm. Herediana,** v. 2, n. 1, p. 52-56, 2009.

PORTUGAL, F. B. **O Uso de Substâncias Psicoativas entre Estudantes de Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo.** 2010. 171f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2010.

PORTUGAL, F. B.; CERUTTI JUNIOR, C.; SIQUEIRA, M. M. Uso de substâncias psicoativas por futuros educadores. **Cad. Saúde Colet.** Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, p. 432-440, 2014.

PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Fatores associados ao uso de substâncias psicoativas entre universitários de pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo. **Cad. Saúde Colet.** Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 348-355, 2011. [19]

PORTUGAL, F. B. *et al.* Carga de doença no Brasil: um olhar sobre o álcool e a cirrose não viral. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 2, p. 491-501, fev. 2015.

PORTUGAL, F. B. SOUZA, R. S.; BUAIZ, V.; SIQUEIRA, M. M. Uso substâncias psicoativas entre estudantes de farmácia da Universidade Federal do Espírito Santo. **J. Bras. Psiquiatr.** Rio de Janeiro, v. 57, n. 2, p. 127-132, 2008.[8]

PUPPIM, N. G. **Uso de álcool e tabaco entre universitários de fonoaudiologia de uma universidade pública.** 2019. 100f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

PUPPIM, N. G.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M.M. Uso de substâncias lícitas entre os estudantes de Fonoaudiologia de uma

universidade pública. SMAD – **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas**. (edição em português), 2021.

PROCÓPIO, R. R. **Uso de substâncias psicoativas ilícitas por estudantes de psicologia de uma universidade pública**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem e Obstetrícia) – Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2011.

RAMOS, L. F.; ABREU, A. P.; SOUZA, R. C. F.; SIQUEIRA, M. M.; GARCIA, A. L.; PORTUGAL, F. B. **Uso de Maconha entre universitários de Terapia Ocupacional de uma universidade pública – dilemas & desafios**. Saúde Mental: Teoria e Intervenção. 1ed. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019, cap. 18, p. 183-193.

RAMOS, L. R. Uso de maconha entre universitários da área da saúde de uma universidade pública. *In*: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES, 11, 2020, Vitória: PRPPG. **Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES**. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/est_meio.php?ano=2019 Acesso em: 11 dez. 2020.

RATIS, C. S. Uso de álcool entre os universitários do curso de nutrição da Universidade Federal do Espírito Santo. *In*: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES, 9, 2018, Vitória: PRPPG. **Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES**. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/est_meio.php?ano=2017 Acesso em: 11 dez. 2020.

RATIS, C. S.; ANDRADE, L. S.; SOUZA, R. C. F.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Padrão de Uso do Álcool no Curso de Nutrição da Universidade Federal do Espírito Santo. *In*: XV Encontro Internacional de Pesquisadores em Saúde Mental e Especialistas em

Enfermagem Psiquiátrica – o cuidado em saúde mental da teoria às boas práticas, 2018, Ribeirão Preto. **Anais do XV Encontro Internacional de Pesquisadores em Saúde Mental e Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica**. Ribeirão Preto: FIERP, 2018. v. 1. p. 1-124.

RATIS, C. S.; TRANHAQUI, D. C. **Comportamento sexual de estudantes universitários**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Enfermagem e Obstetrícia) – Universidade Federal do Espírito Santo. 2018.

RATIS, C. S.; VENÂNCIO, F. F.; ANDRADE, L. S.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Álcool e Tabaco: Padrão de Uso no Curso de Nutrição de uma Universidade Pública. *In: I CONGRESSO CAPIXABA DE ENFERMAGEM*, 2018, VILA VELHA. I.º Congresso Capixaba de Enfermagem / II.º Encontro Interdisciplinar em Saúde do Estado do Espírito Santo, 2018.

SANTOS, M. V. F. **Uso de Álcool e Tabaco entre estudantes de psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem e Obstetrícia) – Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2011.

SANTOS, M. V. F.; PEREIRA, D. S.; SIQUEIRA, M. M. **Uso de álcool e tabaco entre estudantes de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo**. *J. Bras. Psiquiatr.*, Rio de Janeiro, v. 62, n. 1, p. 22-30, 2013.

SANTOS, M. V. F.; PROCÓPIO, R. R.; PORTUGAL, F. B.; Siqueira, M.M. Uso de substâncias psicoativas ilícitas por estudantes de pedagogia de uma universidade pública. **Saúde em Debate**, v. 37, p. 194-202, 2013.

SANTOS, L. R. O. S. S. **Proporção de sintomas sugestivos de ansiedade e depressão entre estudantes de terapia ocupacional de uma universidade pública.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem e Obstetrícia) – Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2018.

SEABRA, L. R. O. Uso de álcool, ansiedade e depressão entre universitários da área da saúde da Universidade Federal do Espírito Santo. *In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFES*, 8, 2017, Vitória: PRPPG. **Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES.** Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/anais_jornada_ic/. Acesso em: 09 nov. 2019.

SEABRA, L. **Ansiedade e depressão entre estudantes de terapia ocupacional de uma universidade pública.** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Enfermagem e Obstetrícia) – Universidade Federal do Espírito Santo. 2018.

SEGANTINI, C. **Uso de álcool por estudantes de nutrição.** 2018. Iniciação Científica. (Graduando em Enfermagem) – Universidade Federal do Espírito Santo. 2018.

SHAKESHAFT, A. P.; BOWMAN, J. A.; SANSON-FISHER, R. W. Comparison of three methods to assess binge consumption: One-Week Retrospective Drinking Diary, AUDIT, and Quantity/Frequency. **Subst Abus.** 1998; v. 19, n. 4, p. 191-203. [31]

SILVA, B. P.; SALES, C. M. M.; FRANÇA, M. G.; SIQUEIRA, M. M. Uso do tabaco entre estudantes de enfermagem de uma faculdade privada. SMAD. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas** (Edição em português), n. 8, p. 64-70, 2012.

SILVA, B. P. **Co-ocorrência de uso problemático de álcool, consumo de tabaco e transtornos mentais comuns em universitários do curso de enfermagem de uma universidade pública na Amazônia Ocidental Brasileira**. 2013. 121f. Monografia (Especialização em Formação de Pesquisadores em Álcool e Drogas) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, EERP-USP, Ribeirão Preto, 2013. Bolsista SENAD.

SILVA, B. P.; CORRADI-WEBSTER, C. M.; DONATO, E. C. S. G.; HAYASHIDA, M.; SIQUEIRA, M. M. Transtornos mentais comuns e consumo de bebida alcoólica e tabaco entre estudantes de enfermagem de uma universidade pública na Amazônia Ocidental brasileira. SMAD. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas** (Edição em português), n. 10, p. 93, 2014.

SILVA, E. C.; TUCCI, A. M. Estudo transversal sobre o uso de risco de álcool em uma amostra de estudantes de uma universidade federal brasileira. **J. Bras. Psiquiatr.** 2014; v. 63, n. 4, p. 317-325. [28]

SILVA, E. C.; TUCCI, A. M. Intervenção Breve para Redução do Consumo de Álcool e suas Consequências em Estudantes Universitários Brasileiros. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v. 28, n. 4, p. 728-736, 2015. [20]

SIQUEIRA, M. M. ou MACIEIRA, M. S.; GOMES, M. P. Z.; GARCIA, M. L. T. Equipe Interdisciplinar. **Informação Psiquiátrica**, v. 11, n. 4, p. 130-131, 1992.

SIQUEIRA, M. M. ou MACIEIRA, M. S.; GOMES, M. P. Z.; GARCIA, M. L. T. Programa de Atendimento ao Alcoolista do HUCAM-UFES. **J. Bras. Psiq.**, v. 42, n. 2, p. 97-109, 1993.

SIQUEIRA, M. M.; BUAIZ, V. **Perfil Uso de Substâncias Psicoativas numa Universidade Pública (PUSPA): O caso UFES.** (Relatório Final 2010). Vitória: UFES/CEPAD, 2010.

SIQUEIRA, M. M.; PORTUGAL, F. B. **Perfil Uso de Substâncias Psicoativas numa Universidade Pública (PUSPA): O caso CCS-UFES.** (Projeto de Pesquisa 2015). Vitória: UFES/CEPAD, 2015.

SOUZA, R. C. F. **Saúde Mental dos Estudantes Universitários:** avaliando a qualidade de vida e os fatores associados. 2021. 188f. Tee (Doutorado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2021.

SOUZA, R. C. F.; ANDRADE, L. S.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Qualidade de vida entre estudantes da área da saúde de uma universidade brasileira. *In: X Congresso Internacional da Sociedade Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, 2019, Portalegre. **Anais do X Congresso Internacional da Sociedade Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, 2019.

SOUZA, R. C. F.; ANDRADE, L. S.; MORAES, M. R. N.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Qualidade de vida na percepção dos universitários de um Centro de Ciências da Saúde de uma universidade pública. **Rev. Portuguesa Enferm. Saúde Mental**, 2020.

SOUZA, R. C. F.; MORAES, M. R. N.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Quality of Life Among University Memers of the Health Area: Integrative Review. **Int J of Psychology and Neuroscience**, 2020.

SOUZA, R. C. F.; MORAES, M. R. N.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Qualidade de Vida dos Estudantes da Área da

Saúde: Revisão Integrativa da Literatura. *In: XV Encontro Internacional de Pesquisadores em Saúde Mental e Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica – o cuidado em saúde mental da teoria às boas práticas*, 2018, Ribeirão Preto. **Anais do XV Encontro Internacional de Pesquisadores em Saúde Mental e Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica**. Ribeirão Preto: FIERP, 2018. n. 1, p. 1-124.

SOUZA, R. C. F.; MORAES, M. R. N.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Qualidade de vida na percepção dos universitários do Centro da Saúde de uma universidade pública: Uma análise de conteúdo. *In: X Congresso Internacional da Sociedade Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, 2019, Portalegre. **Anais do X Congresso Internacional da Sociedade Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, 2019.

SOUZA, R. S. **Uso de álcool e tabaco entre estudantes da saúde de uma universidade pública**. 2007. 119f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2007.

TEIXEIRA, R. F.; SOUZA, R. S.; BUAIZ, V.; SIQUEIRA, M. M. Uso de substâncias psicoativas entre estudantes de odontologia da Universidade Federal do Espírito. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 15, n. 3, p. 655-662, 2010.

TRANHAQUI, D. C. **Uso de substâncias lícitas entre estudantes de fonoaudiologia**. 2018. Iniciação Científica. (Graduando em Enfermagem e Obstetrícia) – Universidade Federal do Espírito Santo. 2018.

TRANHAQUI, D. C.; COMPER, E.; SOUZA, R. C. F.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Uso de Substâncias Lícitas entre Estudantes do Curso de Fonoaudiologia de uma Universidade Pública.

In: Anais do XV Encontro Internacional de Pesquisadores em Saúde Mental e Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica, Ribeirão Preto-SP, v. 2. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Plano de Desenvolvimento Institucional: 2020-2024**. Aminthas Loureiro Junior et al. (Org.) Vitória-ES: UFES, 2020.

URSI, E. S.; GALVÃO, C. M. Perioperative prevention of skin injury: an integrative literature review. **Rev. Latinoam. Enferm.** v. 14, n. 1, p. 124-31, 2006. [11]

VENÂNCIO, F. F.; ANDRADE, L. S.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Uso de Tabaco entre Universitários de Nutrição da Universidade Federal do Espírito Santo. *In: 2.º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco)*, 2018, Rio de Janeiro. Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas. Campinas: Galoá, 2018. p. 100564.

VENÂNCIO, F. F.; RATIS, C. S.; MORAES, M. R. N.; ANDRADE, L. S.; SOUZA, R. C. F.; PORTUGAL, F. B.; SIQUEIRA, M. M. Centro de Estudos e Pesquisas em Álcool e outras Drogas: 20 anos de Ensino-Assistência e Extensão-Pesquisa. **Revista Guará**, v. 6, p. 72, 2018.

WHITE, H. R.; LABOUVIE, E. W. Towards the assessment of adolescent problem drinking. **Journal of Studies on Alcohol**. 1989; v. 50, n. 1, p. 30-37. [25]

WHO. World Health Organization. Global Status Report on Alcohol. Geneva: World Health Organization; 2014. [2]

ATENÇÃO! Os números que aparecem entre “colchetes” nas referências acima [xx] referem-se aos autores referenciados nas páginas.

Conclusões finais

Marluce Mechelli de Siqueira

Sandra Cristina Pillon

O uso de SPAs, bem como a presença de ansiedade e depressão entre estudantes universitários, é tema recorrente em diversos estudos nacionais e internacionais, visto que se trata de um assunto relevante e capaz de impactar a vida pessoal e acadêmica deles.

Os problemas relacionados ao adoecimento e sofrimento mental são prevalentes entre os estudantes universitários, sendo que o consumo de SPAs lícitas (álcool e tabaco) e ilícitas (maconha) potencializa os Transtornos Mentais Comuns (TMC) – ansiedade e depressão, muito frequentes nesta população, comprometendo a saúde dos futuros profissionais do nosso País.

Destaca-se o fato de os estudantes universitários estarem numa fase de transição para adultos jovens, estando associado vários estressores – da vida familiar pregressa ou atual, acadêmica e profissional futura. Somado a isso, temos que em muitos casos os TMC e/ou aqueles associados às SPAs surgem durante a vida acadêmica, requerendo detecção precoce, suporte individual e coletivo para o tratamento, com vistas à redução do impacto na graduação (área da saúde) e na vida profissional futura desses adultos jovens.

Deve-se ter maior cuidado e atenção às SPAs lícitas (álcool e tabaco), pois têm um aparato jurídico que protege sua fabricação, consumo e comercialização, sem grandes restrições. Essa facilidade de acesso e de consumo justifica a elevada prevalência do uso de álcool, seguido pelo tabaco, encontrado tanto em nossos estudos (o caso UFES/CCS) como nos demais nacionais, além de explicar o elevado grau de problemas de saúde vinculados ao *abuso* dessas SPAs ao longo da vida acadêmica.

O abuso de álcool e tabaco entre universitários brasileiros e nos capixabas é de grande importância e impacto, merecendo atenção por parte de toda a comunidade acadêmica. Com base nisso, acreditamos que os nossos achados possam contribuir na elaboração de estratégias internas institucionais para a UFES/CCS, assim como para as demais Instituições de Ensino Superior (IES), que demonstrem a corresponsabilidade da universidade na implementação de políticas, projetos e programas de prevenção ao uso de substâncias na vida acadêmica.

Nossos achados apontam para associações importantes entre SPAs lícitas (álcool e tabaco) e ilícitas (maconha, entre outras). Isso nos permite afirmar a necessidade da continuidade desse e de novos estudos para uma melhor compreensão destas associações, uma vez que estas resultam em impacto para a saúde do universitário e, conseqüentemente, seu desempenho acadêmico e seu futuro profissional.

Com base nisso, urge a necessidade da abordagem deste tema SPAs no currículo acadêmico, a fim de contribuir para a formação de profissionais de saúde preparados para a atenção integral aos usuários e familiares com problemas decorrentes do consumo de SPAs (uso, abuso e dependência). Somado a isso, temos o risco para o desenvolvimento de *dependência* de SPAs tanto na população geral como em específicas (estudantes universitários), resultando num grande problema social e de saúde coletiva.

Portanto, as ações de promoção da saúde e de prevenção do consumo abusivo de SPAs no contexto universitário devem considerar que as principais motivações para o consumo entre os jovens estão

relacionadas à busca por diversão ou prazer. Ainda que a produção científica nacional tenha uma abordagem restrita em relação ao uso de SPAs para melhorar as notas ou o desempenho acadêmico, essa questão já se faz presente na realidade, por isso deve ser considerada com maior relevância nas investigações futuras. Novos levantamentos precisam ser realizados para permitir melhor compreensão das expectativas desse grupo, assim como para auxiliar na prevenção dos fatores de risco.

Diante do exposto, salienta-se a necessidade de políticas e programas institucionais que abordem de forma direta a temática relacionada ao envolvimento com álcool, tabaco e outras SPAs, e que nesse movimento sejam atores a gestão da instituição, os docentes, os estudantes, os funcionários e a comunidade em geral.

Considera-se também importante que a universidade procure investir em ações de extensão e formações, nas quais os estudantes universitários possuam um protagonismo ativo, como redutores de danos, ou seja, aprender fazendo – promoção e prevenção.

Para tanto, se faz mister que haja uma reforma nos planos curriculares tanto da graduação como da pós-graduação, buscando incluir a temática nos seus currículos acadêmicos, frente às evidências científicas sobre a epidemiologia das SPAs na população brasileira e na capixaba, especialmente entre universitários; da mesma forma, mostram-se importantes discussões de forma articulada tanto no setor de educação quanto no de saúde, fomentando-se dessa forma uma melhoria de qualidade nos processos formativos e, conseqüentemente, uma oferta de profissional mais qualificado para o mercado nacional/capixaba, que possa atuar na rede de atenção integral e compartilhada como protagonista ativo de um suporte ao usuário, seus familiares e à comunidade, como preconizado pela atenção primária na literatura internacional e nacional vigente.

Por fim, é notória a urgência de criação de programas de prevenção e tratamento dentro do contexto universitário, de forma a promover educação em saúde, durante a formação do futuro profissional

das diferentes áreas de conhecimento – especialmente educação e saúde, que sofrem de forma direta e/ou indireta com os problemas relacionados ao consumo de SPAs.

Fica evidente a importância do papel dos espaços acadêmicos como mediadores da saúde mental para os universitários, corroborando com mudanças no cotidiano do estilo de vida do futuro profissional de saúde. Para tanto, fazem-se necessários a responsabilização institucional e o compromisso do docente em estimular e promover hábitos saudáveis durante a trajetória acadêmica, além da busca pessoal de cada universitário.

Sobre os autores

ORGANIZADORAS

Prof.^a Dr.^a Marluce Mechelli de Siqueira (UFES)

Graduada em Enfermagem e Obstetrícia pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (1979), Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica pela Universidade de São Paulo - USP (1984), Doutorado em Ciências Fisiológicas - Neurociência pela Ufes (1996), Pós-doutorado em Psiquiatria pela Universidade Federal de São Paulo - Unifesp (2005) e em Análise Quantitativa de Políticas Públicas no Population Research Center - PRC da Universidade do Texas - UTEXAS (2006). Professora titular do Departamento de Enfermagem - DENF (1984-2018) do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (1999 - atual), do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem - PPGENF (2012- atual) e coordenadora do Centro de Estudos e Pesquisas sobre o Álcool e outras Drogas – CEPAD (1996 - atual) da UFES. Vice-presidente da Associação de Docentes da Ufes - Adufes (2016-2017). Experiência na área de Enfermagem, Saúde Mental e Saúde Coletiva, com ênfase em Enfermagem em Saúde Mental, Saúde Mental e Saúde Coletiva. Área de Concentração: Política e Gestão em saúde, Cuidado

e Administração em saúde. Linhas de Pesquisa: Avaliação em saúde, Organização e Avaliação dos sistemas de cuidados à saúde. Temas: educação em saúde, promoção e prevenção (populações especiais), tratamento (alcoolismo, tabagismo e outras drogas), políticas públicas (atenção básica, saúde mental, saúde coletiva e das práticas integrativas e complementares em saúde). E-mail: marluce.siqueira@outlook.com.br

Prof.^a Dr.^a Sandra Cristina Pillon (USP)

Especialista em dependência de drogas pela Unifesp, concluiu o doutorado em Ciências no Programa Psiquiatria e Psicologia Médica da UNIFESP em 2003. Realizou seu Pós- Doutorado na Universidade de Alberta, no Canadá. Realizou sua livre-docência em 2008 pela EERP/ USP. Atualmente é Professor Titular da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica e vice-coordenadora da CPG da EERP-USP. Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPq. Pesquisadora FAPESP e CNPq. Líder do Grupo de Pesquisa GRUPAD (CNPq-USP) e membro integrante do INPAD (CNPq-UNIFESP) e do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD/DF). Publicou 72 artigos em periódicos especializados e 205 trabalhos em anais de eventos. Possui 35 capítulos de livros e 3 livros publicados. Possui 60 trabalhos de produção técnica. Participou em diversos eventos no exterior e no Brasil. Atua na área de Enfermagem com ênfase no uso e abuso de drogas. Em suas atividades profissionais, interagiu com 159 colaboradores em coautorias de trabalhos científicos. Em seu currículo Lattes, os termos mais frequentes são: Drogas, Alcoolismo, Uso & Dependência, AUDIT, Prevenção, Tratamento, Álcool, Enfermagem, Enfermeiras e Estudantes.

E-mail: pillon@eerp.usp.br

INTERNACIONAIS

Prof. Dr. Carlos Alberto da Cruz Sequeira (Universidade de Porto/Portugal)

Bacharelado em Enfermagem pela Escola Superior de Enfermagem de Ponta Delgada (1993); Especialização em Enfermagem em Saúde Mental pela Escola Superior de Enfermagem de São João (1998); Mestrado em Saúde Pública pela Universidade de Porto (2001); Doutorado em Ciências da Enfermagem pelo Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (2007). Pós-Doutorado pela Universidade de Barcelona (2013). Professor e Coordenador da Escola Superior de Enfermagem do Porto. Grupos de Investigação: Centro de Investigação em Tecnologias e Serviços de Saúde (CINTESIS), Inovação e Desenvolvimento em Enfermagem (NursID); Linha: Medicina Preventiva & Desafios Sociais; Áreas: Saúde Mental, Envelhecimento Ativo, Gerontologia, Sistemas de Informação, Psicologia Positiva. Membro da Unidade de Investigação da Escola Superior de Enfermagem do Porto. Sócio Fundador e Presidente da Sociedade Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental (SPESM). Diretor da *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental* (RPESM). E-mail: carlossequeira@esenf.pt

Prof. Dr. Edward John Baptista das Neves MacRae (NEIP)

Bacharelado em Social Psychology (1968) pela University Of Sussex - Inglaterra, Mestre em Sociology Of Latin America (1971) pela University of Essex (1971). Doutor em Antropologia Social (1976) pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisou sobre a questão das drogas no Instituto de Medicina Social e de Criminologia do Estado de São Paulo - IMESC e no Programa de Orientação e Atendimento à Drogadependência -PROAD/EPM. Foi membro do Conselho Estadual de Entorpecentes de São Paulo. Atualmente é membro do Conselho Consultivo da ONG Dinamo - Informação Segura sobre Drogas e do Conselho Fiscal da ABRAMD - Associação Brasileira Multidisciplinar de

Estudos sobre Drogas. É professor associado ao Deptº de Antropologia e Etnologia e pesquisador associado ao Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas - CETAD, ambos da Universidade Federal da Bahia. Ministra cursos de pós-graduação sobre a socioantropologia das drogas. É autor de mais de 40 artigos e livros sobre temas como sexualidade, movimentos sociais, o uso socialmente integrado de substâncias psicoativas, redução de danos associados ao uso de drogas, uso religioso de ayahuasca e cannabis sativa, entre outros assuntos. Entre esses podem ser destacados, Guiado pela lua (1996); El Santo Daime e a espiritualidade brasileira (2000); e Rodas de Fumo e o uso da maconha entre as camadas médias urbanas (2000), esse último em coautoria com o sociólogo Júlio Simões, professor da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: macrae@uol.com.br.

NACIONAIS

Enf.^a MsC. Alessandra Mendes Calixto (UFRGS)

Doutoranda em Enfermagem pela UFRGS. Mestre em Ensino na Saúde pela UFRGS (2014). Especialista em Dependência Química pela UFSCPA (2011). Especialista em Saúde Mental pela UFRGS (2008). Residência em Saúde Mental Coletiva pela Escola de Saúde Pública (2003). Especialista em gestão em Saúde pela UFRGS (2001). Graduada em Licenciatura em Enfermagem pela UFRGS (2002). Graduada em Enfermagem e Obstetrícia pela UFRGS (2000). Atua como enfermeira consultora em dependência química no Serviço de Tratamento de Adições do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HC-POA). Experiência na área de Enfermagem, Saúde Mental com ênfase em Tratamento das Adições. E-mail: calixto.ale@gmail.com.

Prof.^a Dr.^a Angélica Martins de Souza Gonçalves (UFSCAR)

Pós-Doutora (EERP-USP), Doutora em Ciências (2013), Mestre em Enfermagem Psiquiátrica (2008) e Bacharel em Enfermagem (2005)

pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP (EERP-USP). Professora (Adjunto III) do curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal de São Carlos - Departamento de Enfermagem e membro do Grupo de Pesquisa “Saúde Mental no Contexto da Reforma Psiquiátrica” (2013-atual). Tem experiência na área de Enfermagem Psiquiátrica em ensino, pesquisa e assistência, com ênfase na área de álcool e outras drogas. Foi enfermeira do ambulatório de psiquiatria clínica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (2006-2010) e professora assistente da Universidade Federal de Mato Grosso - Campus Universitário do Araguaia (2011-2012). E-mail: angelicamartins@ufscar.br.

Prof.^a Dr.^a Alessandra Elena Diehl Branco dos Reis (ABEAD) Médica (UFPEL, 1998), Psiquiatra (UFPEL, 2000), com Formação em Pesquisa Clínica (INVITARE, 2002), Especialização em Dependência Química (UNIFESP, 2001) e Sexualidade Humana (USP, 2009), Mestre em Ciências (UNIFESP, 2007), Diploma em Sexual and Reproductive Health (Geneva Foudation, 2014), Especialização em Educação Sexual (UNISAL, 2015). Doutora em Ciências (UNIFESP, 2016). Pós-doutoramento na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP) da Universidade de São Paulo (USP). Professora convidada do Centro Brasileiro de Pós-Graduações (CENBRAP) desde 2009. Ex-presidente do Centro de Estudos Psiquiátricos Américo Bairral (CEPAB). Federada da Associação Brasileira de Psiquiatria (2015-2016; 2017-2018). Preceptora da residência Médica em Psiquiatria do Instituto Bairral (2013-2018). Primeira vice-presidente da Associação Brasileira de Estudos em Álcool e outras Drogas (ABEAD, 2017-2019; 2019-2021). Coordenadora do curso virtual EAD de Dependências do SECAD-GRUPO a. Colaboradora do Grupo de estudo sobre Prevenção do Uso Nocivo de Álcool e outras Drogas (GRUPAD) da EERP-USP. Professora convidada do curso de especialização em Dependência

Química da PUC-Rio de Janeiro. Experiência com ensaios clínicos e atuação nas áreas: ensino, pesquisa, tratamento e organização de serviço para dependência química, sexualidade e prevenção ao uso de álcool e outras drogas. Interesse: substâncias psicoativas, comportamento sexual, gênero, diversidade sexual e violências. E-mail: alediehl@terra.com.br

Prof. Dr. Bruno Pereira da Silva (UNIFESP/CEPADi)

Enfermeiro (2009). Especialista em Álcool e outras Drogas (2013), Mestre (2014) e Doutor em Ciências (2019). Professor Universitário e Pesquisador no campo da saúde mental, enfermagem em saúde mental e suas interfaces. Membro fundador do Núcleo de Saúde Coletiva (NESC) UFAC-CZS. Pesquisador no Centro de Estudos e Pesquisas sobre o Álcool e outras Drogas: Interconexões (CEPADi) da UFES. Pesquisador no grupo Estudos Interdisciplinares em Saúde Mental (EISM) da UNIFESP. Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABNP) e Membro do MINA_Brazil Study Group da FSP-USP.

E-mail: pereira-bs@hotmail.com

Prof.^a Dr.^a Dulce Aparecida Barbosa (UNIFESP)

Graduação em Enfermagem, Mestrado em Biologia Molecular, Doutorado em Ciências da Saúde e Pós-doutorado em Nefrologia pela UNIFESP. Professor Titular e Livre-Docente do Deptº de Enfermagem em Clínica e Cirúrgica da Escola Paulista de Enfermagem da UNIFESP. Tem desenvolvido pesquisas na área clínica sustentada por metodologias laboratoriais da área básica, com destaque para a infecção hospitalar, insuficiência renal, morbidade e mortalidade relacionada ao atendimento à saúde de indivíduos portadores de afecções renais e HIV/AIDS, submetidos à terapia de alta complexidade. Diretora de Comunicação e Publicações da Associação Brasileira de Enfermagem, membro titular da Rede de Editores de enfermagem do Centro Colaborador da Organização Mundial da

Saúde. Editor Associado e Revisor de vários periódicos internacionais, membro titular do Conselho Deliberativo da Rede de Bibliotecas da UNIFESP. Palavras-chave: biovigilância; infecção; morbidade, mortalidade, cientometria.

E-mail: dulce.barbosa@unifesp.br.

Prof.^a Dr.^a Flávia Batista Portugal (UFES/PPGSC)

Enfermeira pela Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes (2010). Especialista em Enfermagem do Trabalho pela Escola de Medicina da Santa Casa de Misericórdia - EMESCAM (2011) e Qualidade em Saúde e Segurança do Paciente pela Escola Nacional de Saúde Pública - ENSP (2015). Mestre em Saúde Coletiva pela UFES (2010) e Doutora em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Atualmente é professora do Deptº de Enfermagem e dos Programas de Pós-Graduação em Enfermagem - PPGENG e Saúde Coletiva (2016- atual). Participou do Centro de Estudos e Pesquisas sobre o Álcool e outras Drogas: Interconexões – CEPADi (2008-2019) do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Ufes.

E-mail: flavia.portugal@ufes.br

Enf. MsC. Laerson da Silva de Andrade (UFES/CEPADi)

Enfermeiro pela Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes (2016). Especialista em Geoprocessamento pelo Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes (2019). Mestre em Saúde Coletiva pela Ufes (2019). Doutorando em Saúde Coletiva na Ufes (2019-2022). Referência Técnica do Programa de Atenção ao Alcoolista (PAA) do Hospital Universitário Cassiano Antonio Moraes (HUCAM) da Ufes. Membro da equipe técnica do Centro de Estudos e Pesquisas sobre Álcool e outras Drogas: Interconexões (CEPADi) e do Centro Regional de Referência sobre Drogas do Espírito Santo (CRR-ES) da Ufes.

E-mail: laersonsilva1@gmail.com

Enf. MsC. Lucas Queiroz Subrinho (UFES/HUCAM/CEPADi)

Bacharel em Enfermagem e Obstetrícia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (2013). Mestre em Ciências da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da UESB (2016). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Enfermeiro do Hospital Universitário Cassiano Antônio Moraes (HUCAM) da UFES. Pesquisador do Centro de Estudos e Pesquisas sobre o Álcool e outras Drogas: Interconexões (CEPADi) da Ufes e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Saúde mental: Loucos por Cidadania da UESB. Atuou como bolsista no Programa de Educação pelo Trabalho (PET): Saúde mental pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

E-mail: lucas.q.subrinho@gmail.com

Prof.^a Dr.^a Marcelle Aparecida de Barros Junqueira (UFU)

Graduação em Enfermagem e Obstetrícia pela Fundação Educacional de Fernandópolis (2000), Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica pela Universidade de São Paulo (2006), Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica pela Universidade de São Paulo (2010) e Pós-doutorado pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (2017). Atualmente é professor associado da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Professora orientadora no Programa de Pós-graduação em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador (PPGAT) e Programa de Pós-graduação em Saúde da Família (PPGSF). Líder do Grupo de Estudos sobre Saúde Mental e suas interfaces com outras condições Crônicas (GESMIC). Experiência na área: saúde coletiva com ênfase em saúde mental, atuando principalmente nos seguintes temas – drogas de abuso, saúde do trabalhador, saúde do adulto, atenção e gestão do cuidado, condições crônicas.

E-mail: marcellebarros@ufu.br.

Prof. Dr. Márcio Wagner Camatta (UFRGS)

Graduado em enfermagem pela UFES. Mestrado e doutorado pela UFRGS. Foi professor da UFCSPA e desde 2014 é professor do curso de graduação e do programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da UFRGS. Faz parte do grupo de Estudos e Pesquisas em Enfermagem Psiquiátrica e Saúde Mental (GEPESM-UFRGS). Tem experiência em atividades assistenciais e de gestão em serviços de saúde hospitalar e extra-hospitalar. Desde 2015 atua como tutor do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde (no Programa de Atenção Integral ao usuário de Drogas), como professor do Mestrado profissional em Saúde Mental e Adições e como chefe do Serviço de Enfermagem em Adição no Hospital de Clínicas de Porto Alegre/UFRGS.

E-mail: mcamatta@gmail.com.

Prof. Dr. Marcos Vinícius Ferreira dos Santos (UFES - CEUNES/CEPADi)

Enfermeiro pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2010). Especialista em Enfermagem do Trabalho pelo Centro de Ensino Superior - FABRA (2012). Mestre em Saúde Coletiva pela UFES (2014). Doutor em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ (2018). Enf. da Prefeitura Municipal de Campos de Goytacazes-RJ (2014-2018). Coordenou o curso de Enfermagem da Faculdade Católica de Vitória - FCV (2014-2018). É coordenador do Centro de Estudos e Pesquisas sobre o Álcool e outras Drogas: Interconexões – CEPADi (2020-...) da Ufes. Atualmente é professor adjunto do curso de Enfermagem do Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES) da Ufes (2019 - atual).

E-mail: marcos.v.santos@ufes.br

MSc. Marina Coelho de Pinho (UFES/CEPADi)

Farmacêutica pela Universidade Federal do Espírito Santo (2014). Mestre em Saúde Coletiva pelo Programa de Pós-Graduação em

Saúde Coletiva (PPGSC) da Universidade Federal do Espírito Santo (2019). Participou do Centro de Estudos e Pesquisas sobre o Álcool e outras Drogas: Interconexões (CEPADi) (2018-2019).

E-mail: marina.pinho@hotmail.com.

MsC. Monique Rangel do Nascimento de Moares (UFES/CEPADi)

Fisioterapeuta pela Universidade de Vila Velha (2006). Especialista no Método Pilates. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGSC-UFES). Atuou em projeto na área de saúde do trabalhador da Federação das Indústrias do Espírito Santo (FINDES). Experiência profissional na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais do Espírito Santo (APAE) e na Estratégia de Saúde da Família (ESF). Atualmente é membro da equipe técnica do Centro de Estudos e Pesquisas sobre o Álcool e outras Drogas: Interconexões (CEPADi) da Ufes.

E-mail: moniquernmoraes@gmail.com.

Enf.^a MsC. Nathália Gama Puppim (UFES/HUCAM/CEPADi)

Possui graduação em Programa Especial de Formação de Docentes - Ciências Biológicas pela Universidade Salgado de Oliveira (2012), graduação em Enfermagem pela Universidade Salgado de Oliveira (2010), especialização em Saúde Mental pelas Faculdades Integradas de Patos (2011), especialização em Enfermagem do Trabalho pela Faculdade de Tecnologia São Francisco (2011), especialização em Ciências Biológicas pela Faculdade de Tecnologia São Francisco (2012), especialização em Saúde Pública pela Faculdade de Tecnologia São Francisco (2013) e mestrado em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Espírito Santo (2019). Participou do Centro de Estudos e Pesquisas sobre o Álcool e outras Drogas: Interconexões (CEPADi) (2018-2019). Atualmente é Enfermeiro Assistencial da Hospital das Clínicas de Vitória. Tem experiência na área de Enfermagem, com ênfase em Enfermagem em Saúde Coletiva.

E-mail: nathaliagamapuppim@yahoo.com.br.

Enf.^a MsC. Rayane Cristina Faria de Souza (UFES/CEPADi)

Enfermeira pela Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes (2012). Aperfeiçoamento em Substâncias Psicoativas pela Ufes (2013-2014). Mestre em Saúde Coletiva pela UFES (2013). Doutoranda em Saúde Coletiva no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Ufes (2017-2020). Tutora nos cursos de Aperfeiçoamento sobre Prevenção ao Uso de drogas para educadores de Escolas Públicas (2015) e de Especialização em Epidemiologia da Ufes (2017). Atualmente é membro da equipe técnica do Centro de Estudos e Pesquisas sobre Álcool e outras Drogas: Interconexões (CEPADi) (2012-...) e do Centro Regional de Referência sobre Drogas do Espírito Santo - CRR-ES (2013-...) da Ufes.

E-mail: raycrissouza@gmail.com

Prof. Dr. Ronaldo Ramos Laranjeira (UNIFESP)

Graduação em Medicina pela Escola Paulista de Medicina - EPM (1982), Residência em Psiquiatria pela EPM (1984) e PhD em Psiquiatria pela Universidade de Londres (1994). Professor Titular do Deptº de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP. Experiência na área de Psiquiatria, com ênfase em alcoolismo e dependência de outras drogas. Áreas de pesquisa: tratamento da dependência química, impacto das políticas públicas do álcool e outras drogas, bases biológicas da dependência e avaliação epidemiológica do uso de substâncias. Na área de tratamento coordena vários cursos de pós-graduação, *latu sensu* em dependência química (especialização presencial e virtual). Professor orientador do Programa de Pós-graduação do Deptº de Psiquiatria da UNIFESP. Coordenador da Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas (UNIAD) da UNIFESP. É investigador do Instituto Nacional de Políticas do Álcool e Drogas (INPAD). Em 2014, recebeu o prêmio Griffith Edwards pelo International Society of Addiction Journal Editors, pela sua atuação como clínico, educador e implementador de políticas públicas sobre álcool

e drogas. Diretor-presidente da Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina.

E-mail: ronaldoramoslaranjeira@gmail.com.

Acad. Enf. Ariane Araújo Lacerda (UFES/CEPADi)

Ensino Médio pelo Centro Educacional Charles Darwin (2015-2017). Acadêmica de enfermagem, com ênfase em enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2018_). Membro do Centro de Estudos e Pesquisas sobre Álcool e outras Drogas: Interconexões (CEPADi) / Programa de Atenção ao Alcoolista (PAA) do Hospital Universitário Cassiano Antonio Moraes (HUCAM) da UFES. Bolsista de Iniciação Científica pela UFES. Atuação: Saúde Mental, Substâncias Psicoativas e Segurança do Paciente.

E-mail: arianearaujo9@hotmail.com.

Acad. Enf. Flávia Fonseca Venâncio (UFES/CEPADi)

Ensino Médio pela Escola Prof.^a Alice Chuery, Acre-Brasil (2012-2014). Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2016_). Intercâmbio na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) em Portugal (2018). Membro do Centro de Estudos e Pesquisas sobre Álcool e outras Drogas: Interconexões (CEPADi) / Programa de Atenção ao Alcoolista (PAA) do Hospital Universitário Cassiano Antonio Moraes (HUCAM) da UFES e da Liga Acadêmica de Saúde Mental do Espírito Santo (LASMES). Bolsista de Iniciação Científica pela UFES. Atuação: Enfermagem em Saúde Mental, Substâncias Psicoativas, Saúde Integral.

E-mail: flavia.venancio2007@hotmail.com.

Acad. Enf. Nycollas de Andrade Moura (UFES/CEPADi)

Ensino Médio pelo SEB Vila Velha (2015-2017). Acadêmico de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2018_). Membro do Centro de Estudos e Pesquisas sobre Álcool e outras Drogas: Interconexões (CEPADi) / Programa de Atenção

ao Alcoolista (PAA) do Hospital Universitário Cassiano Antonio Moraes (HUCAM) da UFES e da Liga Acadêmica de Saúde Mental do Espírito Santo (LASMES). Bolsista de Iniciação Científica pela UFES. Atuação: Enfermagem em Saúde Mental com foco em substâncias psicoativas.

E-mail: nyco2000@gmail.com.

Acad. Enf. Leidiane Faria Ramos (UFES/CEPADi)

Ensino Médio pela Escola Técnica - CEDTEC (2012-2014). Acadêmica de Enfermagem, da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2016_). Membro do Centro de Estudos e Pesquisas sobre Álcool e outras Drogas: Interconexões (CEPADi) / Programa de Atenção ao Alcoolista (PAA) do Hospital Universitário Cassiano Antonio Moraes (HUCAM) da UFES. Bolsista de Iniciação Científica pela UFES. Atuação: Enfermagem em Saúde Mental com foco em substâncias psicoativas.

E-mail: leidi15ramos@gmail.com.

Acad. Enf. Renata Vasconcellos Mendes (UFRGS)

Ensino Médio pela Escola Estadual de Ensino Médio Baltazar de Oliveira Garcia (2015). Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2017_). Monitoria de Anatomia Humana (2018). Bolsista de Iniciação Científica pela UFRGS. Atuação: área de Enfermagem e subárea Enfermagem em Saúde Mental.

E-mail: renatavm97@gmail.com.

